



Universidade de Passo Fundo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Campus I - BR 285, Bairro São José - CEP
99052-900
Passo Fundo/RS
E-mail: ppgletras@upf.br
Telefone: (54) 3316-8341

ELTON FISCHER

**TEMA: (IN) TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA PROPOSTA DE
DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS**

PASSO FUNDO-RS

2019

ELTON FISCHER

**TEMA: (IN) TOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA PROPOSTA DE
DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof.^a Dra. Luciana Maria Crestani.

**PASSO FUNDO – RS
2019**

Ficha catalográfica

CIP – Catalogação na Publicação

Fischer, Elton.

(In) Tolerância religiosa: uma proposta de desconstrução de preconceitos.

Elton Fischer. Passo Fundo: UPF, 2019.

125 p. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Doutora Luciana Maria Crestani.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo.

1. Concepções religiosas. 2. Tolerância. 3. Intolerância. 4. Preconceito. 5. Semiótica
Discursiva.

I Título.

CDD

“Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida, guia do meu destino e amparo no transcorrer de minha jornada.

AGRADECIMENTOS

À minha família, mesmo que indiretamente, pelo apoio ao longo do processo de formação e que me serviram de estímulo e motivação a seguir em frente na jornada do conhecimento.

Aos meus colegas da Turma 2017 do PPGL/UPF, pelos momentos de convívio, os quais, cada um em sua peculiaridade, foi essencial ao longo do curso. Aos professores do PPGL/UPF, por terem me permitido evoluir não só na minha vida acadêmica, mas também em minha vida pessoal e profissional.

Aos professores Dr. Luis Francisco Fianco Dias e Dra. Gizele Zanotto, por aceitarem o convite para compor as bancas de qualificação e de defesa de meu trabalho e por suas valorosas contribuições.

À Karine Castoldi, pelas orientações objetivas e diretas e destacada competência em seu trabalho junto à secretaria do PPGL/UPF.

À Universidade de Passo Fundo, pela oportunidade concedida. À ULBRA Campus Carazinho e ao seu corpo diretivo por ter permitido a aplicação da pesquisa ação junto ao seu corpo discente.

À minha professora orientadora Dra. Luciana Maria Crestani. Agradeço-lhe imensamente por sua dedicação, saberes, correção e orientação no decorrer de todas as fases da dissertação.

RESUMO

Esta dissertação enfoca o fenômeno dos discursos intolerantes sob o viés da complexidade discursiva, que reflete também a complexidade sociocultural dos sujeitos, buscando alternativas para a desconstrução desses discursos. A pesquisa consiste numa pesquisa-ação aplicada junto a acadêmicos da ULBRA, alunos da disciplina de Cultura Religiosa, ministrada por este pesquisador. Partimos da hipótese de que os alunos manifestam certos preconceitos em relação a concepções religiosas diferentes das suas e que esses preconceitos podem ser desconstruídos em sala de aula, lugar privilegiado de debate, de reflexão e formação crítica. Nesse sentido, inicialmente aplicamos um questionário aos alunos para identificar possíveis manifestações de preconceito de cunho religioso e, a partir da análise dos discursos desses estudantes, buscamos estratégias de trabalho que pudessem ser desenvolvidas em classe no intuito de contribuir para a desconstrução dos pré-conceitos que notamos existir. Este estudo teve, portanto, dois objetivos principais: a) investigar a concepção que os alunos têm sobre outras tradições religiosas, observando se manifestam preconceitos em relação a elas; b) desenvolver um trabalho em sala de aula com vistas à desconstrução de discursos preconceituosos acerca das práticas religiosas de diversas ordens. Para tanto, utilizamos a semiótica discursiva como arcabouço teórico-metodológico de análise e também para discorrer sobre discursos de intolerância - principalmente com base em Barros (2011, 2016) e Landowski (2012, 2014). Para os estudos sobre religião, apoiamos-nos em autores como Brakemeier (2002), Kuchenbecker (2004) e Gaarder (2009) e Botelho (2014). Após a análise do questionário inicial, em que se evidenciaram discursos preconceituosos acerca de práticas e costumes de algumas tradições religiosas, desenvolvemos uma proposta de intervenção em sala de aula com vistas à desconstrução dessas concepções. Ao final do trabalho desenvolvido, alguns resultados se evidenciaram: a) os debates acerca do tema permitiram reflexões e troca de conhecimento; b) mesmo após o trabalho realizado permanecem alguns preconceitos em relação a certas práticas religiosas.; c) as informações, a socialização dos saberes, a mediação dos debates e o conhecimento adquirido não parecem ter sido tão significativos quanto esperávamos na redução dos preconceitos, o que nos leva a pensar que um trabalho nessa direção precisa ser realizado contínua e paulatinamente; d) os pré-conceitos e ideias pré-formadas são inerentes ao ser humano, permanecer no preconceito e ser fundamentalista ou radical parece ser uma escolha de cada um. Enfim, ter consciência da alteridade como elemento intrínseco ao meio social e à própria construção de identidade.

Palavras-chave: Concepções religiosas. Tolerância. Intolerância. Semiótica Discursiva.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the phenomenon of intolerant discourses under the bias of discursive complexity, which also reflects the sociocultural complexity of the subjects, seeking alternatives for the deconstruction of these discourses. The research consists of an action research applied to the academics of ULBRA, students of the discipline of Religious Culture, taught by this researcher. We start from the hypothesis that students express certain prejudices regarding religious conceptions different from their own and that these prejudices can be deconstructed in the classroom, privileged place of debate, reflection and critical formation. In this sense, we initially applied a questionnaire to the students to identify possible manifestations of religious prejudice and, from the analysis of the discourses of these students, we searched for strategies of work that could be developed in class in order to contribute to the deconstruction of the preconceptions that we notice exist. This study had, therefore, two main objectives: a) to investigate the conception that the students have on other religious traditions, observing if they manifest prejudices in relation to them; b) to develop a work in the classroom with a view to the deconstruction of biased discourses about the religious practices of various orders. For this, we use discursive semiotics as a theoretical-methodological framework for analysis and also to discourse on discourses of intolerance - mainly based on Barros (2011, 2016) and Landowski (2012, 2014). For studies on religion, we rely on authors such as Brakemeier (2002), Kuchenbecker (2004) and Gaarder (2009) and Botelho (2014). After analyzing the initial questionnaire, which revealed prejudiced discourses about the practices and customs of some religious traditions, we developed a proposal of intervention in the classroom with a view to the deconstruction of these conceptions. At the end of the work developed, some results were evidenced: a) the debates about the theme allowed reflections and exchange of knowledge; b) even after the work carried out there remain some prejudices regarding certain religious practices; c) the information, the socialization of knowledge, the mediation of the debates and the knowledge acquired do not seem to have been as significant as we hoped in the reduction of prejudices, which leads us to think that a work in this direction needs to be carried out continuously and gradually; d) preconceptions and preformed ideas are inherent to the human being, remain in prejudice and be fundamentalist or radical seems to be a choice of each. Finally, to be aware of otherness as an intrinsic element to the social environment and to the construction of identity itself.

Keywords: Religious conceptions. Tolerance. Intolerance. Discursive Semiotics.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT NBR – Associação Brasileira de Normas Técnicas – Normas Brasileiras

AELBRA – Associação Educacional Luterana do Brasil

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPLIR – Centro de Promoção da liberdade Religiosa & Direitos Humanos

CF- Constituição Federal

EAD – Educação a Distância

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana

IECLB – Igreja de Confissão Luterana no Brasil

IELB- Igreja Evangélica Luterana do Brasil

IPB – Igreja Presbiteriana do Brasil

IURD- Igreja Universal do Reino de Deus

LGTBs - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEDE – Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações

TF – Texto-fonte

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

UPF – Universidade de Passo Fundo

USP – Universidade de São Paulo

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 09 |
| 2 A SEMIÓTICA DISCURSIVA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS..... | 13 |
| 2.1 COMO A SEMIÓTICA DISCURSIVA CONCEBE DISCURSOS\TEXTOS | 13 |
| 2.2 NÍVEIS DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO DISCURSO: PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO..... | 14 |
| 2.2.1 NÍVEL FUNDAMENTAL..... | 16 |
| 2.2.2 NÍVEL NARRATIVO..... | 17 |
| 2.2.3 NÍVEL DISCURSIVO..... | 20 |
| 3 DIVERSIDADE RELIGIOSA E DISCURSOS DA INTOLERÂNCIA | 23 |
| 3.1 DIVERSIDADE RELIGIOSA | 24 |
| 3.2 SOBRE DISCURSOS DE INTOLERÂNCIA | 38 |
| 4 METODOLOGIA DA PESQUISA | 48 |
| 4.1 SOBRE O TIPO DE PESQUISA | 48 |
| 4.2 SOBRE OS SUJEITOS DA PESQUISA | 50 |
| 4.3 SOBRE OS PASSOS DA PESQUISA | 51 |
| 5 ANÁLISE DOS DADOS E INTERVENÇÃO APLICADA | 55 |
| 5.1 ANÁLISE INICIAL | 55 |
| 5.2 A PROPOSTA DIDÁTICA PARA O SEMESTRE 2018\1 | 63 |
| 5.3 EVIDÊNCIAS E RESULTADOS – ANALOGIA ENTRE QUESTIONÁRIO INICIAL E FINAL | 73 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| 7 REFERÊNCIAS | 92 |
| APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DA IES PARA APLICAÇÃO DA PESQUISA | 101 |
| APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (MODELO) | 102 |
| APÊNDICE C – RELATÓRIO QUESTIONÁRIO INICIAL | 105 |
| APÊNDICE D – RELATÓRIO QUESTIONÁRIO FINAL | 113 |
| ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA IES PARA COLETA DE DADOS | 122 |
| ANEXO B – PLATAFORMA BRASIL – CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO PARA APRECIÇÃO ÉTICA (CAAE) Nº 53507516.8.000.5342 | 123 |
| ANEXO C – CALENDÁRIO ACADÊMICO ULBRA 2018 | 124 |

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo enfoca o tema da intolerância religiosa, buscando analisar de que modo ela se configura em meio ao contexto universitário de uma Instituição de Ensino Superior do norte do RS, dadas as diferentes concepções religiosas que cada sujeito traz consigo, as quais, podem ensejar discursos intolerantes ou preconceituosos em relação a outras religiões que não a sua. Essas observações surgem a partir da experiência profissional deste pesquisador como docente das disciplinas de Cultura Religiosa e Sociedade e Contemporaneidade da ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, campus Carazinho\RS e em decorrência da discussão do tema a cada semestre de oferta das disciplinas.

Naturalmente, em meio as discussões e debates relacionados às diferentes práticas religiosas, adveio o “problema de pesquisa” que neste estudo se delineia: o que pode ser caracterizado como intolerância religiosa? Que fatores contribuem para a crescente tensão relacionada aos princípios religiosos do outro? Quais condutas podem ser consideradas como intolerantes? A intolerância religiosa no País estaria relacionada a elementos históricos, étnicos ou culturais?

Tais interrogações estão relacionadas ao intuito de conhecer mais sobre o tema com o propósito preparar os acadêmicos e a sociedade no sentido de respeitar a diversidade de opiniões e posicionamentos frente aos mais diversos assuntos, especialmente, os de cunho religioso. Para tanto, empreendemos a presente pesquisa. Inicialmente, buscamos apoio teórico – por meio de pesquisa bibliográfica sobre o tema – com vistas a compreender tais fenômenos e, num segundo momento, desenvolvemos um trabalho aplicado, em forma de uma pesquisa-ação, junto a uma turma de alunos do ensino superior.

Os sujeitos da pesquisa são alunos da disciplina de Cultura Religiosa 2018\1, componente curricular ministrado por este pesquisador, na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Com base nos discursos observados nas aulas da disciplina aplicadas em semestres anteriores, desenvolvemos a hipótese de que os alunos matriculados na disciplina em 2018/1 também demonstrassem, em algum grau, preconceitos acerca de religiões e ou práticas religiosas diferentes das suas. Para confirmar ou refutar essa hipótese, aplicamos aos sujeitos um questionário inicial, constituído de dez questões, com intuito de observar, a partir da análise do discurso constitutivo das respostas, se nelas se evidenciava teor de preconceito contra alguma prática religiosa.

Nesse sentido, o presente estudo teve dois objetivos principais: a) investigar a concepção dos alunos sobre outras tradições religiosas, observando se manifestavam preconceitos em relação a elas; b) desenvolver um trabalho em sala de aula com vistas à desconstrução de discursos preconceituosos acerca das práticas religiosas de diversas ordens.

A análise inicial do questionário, como supúnhamos, evidenciou certos preconceitos por parte dos alunos. Então, com base nos dados desse questionário inicial, buscamos identificar as práticas apontadas negativamente e propomos desenvolver um trabalho de pesquisa e socialização com os alunos sobre a diversidade cultural religiosa, tentando demonstrar que, nesse cenário tão diversificado, cada tradição religiosa tem importância social e faz parte de uma tradição cultural relacionada à formação de identidades.

A proposta didática desenvolvida com os alunos ao longo do semestre foi realizada contemplando pesquisa acerca das religiões (ritos, crenças, objetos cultuados, origem cultural, etc.) e socialização dos resultados em forma de seminários apresentados pelos alunos. Além disso, o final do trabalho prático culminou com a realização de um fórum sobre diversidade religiosa, para o qual foram convidados representantes de algumas religiões. As atividades de pesquisa e as apresentações ocorreram durante as aulas, acompanhadas e mediadas pelo professor. Ao final do semestre, aplicamos o mesmo questionário inicialmente aplicado aos estudantes, com intuito de comparar com o primeiro e verificar possíveis mudanças de concepção associadas ao trabalho prático realizado.

O intuito do trabalho prático desenvolvido foi construir conhecimentos sobre o tema e tecer reflexões que ajudassem a desconstruir concepções preconceituosas. Imaginou-se que, ao pesquisarem e debaterem, os alunos fossem, ao mesmo tempo, construindo conhecimentos sobre outras religiões (que não a apenas por eles praticada) e, assim, desmitificando concepções equivocadas e/ou preconceituosas que podem ter construído em relação a alguma das muitas práticas religiosas que coexistem na nossa sociedade em virtude da diversidade cultural que a constitui. O intuito, enfim, foi tentar promover o conhecimento, mesmo que básico acerca das religiões, e, com ele, o respeito às diferenças de cunho religioso. cremos que um trabalho nesse sentido pode ser muito construtivo também para abordar aspectos culturais, éticos e que implicam a formação - e o convívio harmônico e solidário - do sujeito social num mundo constituído por diferenças de todas as ordens.

Esta pesquisa se configura, portanto, como uma pesquisa de natureza qualitativa que, através da pesquisa-ação, propõe superar a lacuna entre teoria e prática e através dela procura intervir na prática no decorrer do próprio processo de pesquisa. Acreditamos que por meio destas reflexões, podemos, além de apresentar alguns pressupostos para o problema norteador

da pesquisa, potencializar a experiência de formação dos sujeitos, revelando as suas singularidades.

Cabe destacar que o atual conceito de tolerância, como mobilizador de consciências, conforme o seu desenvolvimento histórico, não pode ser confundido com seu uso trivial. Pois, como evidencia a Carta Magna, a liberdade de religião engloba, na verdade, três tipos distintos, porém intrinsecamente relacionados, de liberdades: a liberdade de crença; a liberdade de culto; e a liberdade de organização religiosa; e estes têm o intuito de promover uma atitude de respeito, aceitação e apreço, ou ainda, atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana, conforme declaração da UNESCO¹. Tolerância é, antes, uma atitude de engajamento no combate à intolerância e, no escopo de nossa pesquisa, seria melhor compreendida sob o viés de respeito e ou aceitação.

A abordagem dos temas e a forma de escrita da referida dissertação está intimamente ligada à formação do pesquisador que é oriundo de família de tradição alemã luterana ligada a IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil). Possui formação teológica junto ao Seminário Concórdia (São Leopoldo\RS) e ULBRA (Universidade Luterana do Brasil). A partir de 2005 ingressa como docente na ULBRA e atua no ensino superior como professor assistente das disciplinas de Cultura Religiosa e Sociedade e Contemporaneidade da ULBRA Campus Carazinho. Coordena a Pastoral Universitária e atua junto à extensão e pesquisa do Campus.

Quanto à estrutura, este trabalho se organiza em seis capítulos. Neste primeiro capítulo – o da introdução -, contextualizamos a pesquisa, explicando o interesse pelo tema, os objetivos, os sujeitos que dela participaram e as justificativas de desenvolver um trabalho dessa natureza.

No segundo capítulo, buscamos explicar como a semiótica entende os discursos e de que modo estes trazem consigo representações de mundo dos sujeitos, revelando anseios, temores, concepções, ou seja, é no e pelo discurso que se dão as representações de mundo. Assim, é a partir da análise dos textos/discursos que podemos depreender concepções de mundo dos sujeitos, inclusive as concepções de cunho intolerante. Para análise das respostas dadas ao questionário aplicado aos estudantes, portanto, recorreremos às proposições da semiótica discursiva. Além disso, a semiótica também se volta a estudos sobre a gênese dos discursos intolerantes, marcados pelo preconceito e erigidos sobre a categoria identidade x alteridade social. Com base nos postulados da semiótica, então, buscamos compreender sobre o tema e

¹“[...] o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade [...] não é concessão [...] é uma atitude ativa fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro [...] Praticar a tolerância não significa [...] renunciar as próprias convicções, nem fazer concessões a respeito. A prática da tolerância significa que toda pessoa tem a livre escolha de suas convicções e aceita que o outro desfrute da mesma liberdade. Significa que ninguém deve impor suas opiniões a outrem.” (UNESCO, 1995, p. 11)

analisar as concepções dos alunos acerca das práticas religiosas. Os principais teóricos que orientam o nosso trabalho nesse campo de estudo são Diana Luz Pessoa de Barros (2001, 2005), Norma Discini (2005), José Luiz Fiorin (1999, 2001, 2005) e Erick Landowski (2005, 2012, 2014).

O terceiro capítulo trata da diversidade cultural e religiosa no Brasil e sua relação com a intolerância e os discursos de ódio, uma vez que a intolerância religiosa e a não aceitação do outro pode fomentar a violência. A formação sociocultural e religiosa dos sujeitos pode ser conhecida pelos conceitos e particularidades relativas ao tema, reconhecendo a inexistência de culturas puras e a importância da identidade cultural/religiosa. Procuramos estabelecer uma relação entre os termos preconceito, discriminação e intolerância, considerando que os discursos intolerantes se originam, sobretudo, de condutas contrárias à diversidade, com dogmas exclusivistas e restritivos. Essa tensa relação entre religião e cultura é destacada na investigação e sugere que aspectos da formação do sincretismo religioso em nosso país seriam a base para os extremismos e fundamentalismos de pessoas e/ou grupos que insistem em defender o seu ponto de vista como a “única” verdade. Se o conflito de ideias e de posicionamentos é inevitável em uma sociedade plural, é preciso compreender se os conteúdos envolvendo o discurso do ódio (*hate speech*) se encontram amparados pela liberdade de expressão. E ainda: como regradar - já que nos parece impossível que ela não exista - a discriminação preconceituosa num ambiente democrático, em que as pessoas e grupos têm o direito de se manifestar, criticar e discordar? São essas as reflexões tecidas neste capítulo, ancoradas, principalmente, Gootfried Brakemeier (2002), Stuart Hall (1991), Zygmunt Bauman (2001), Norberto Bobbio (2004), Celso Gabatz (20009) e Jostein Gaarder (2002), Diana Luz Pessoa de Barros (2016) e Erick Landowski (2005, 2012, 2014)

O quarto capítulo discorre sobre os passos da pesquisa, explicitando sobre os sujeitos da pesquisa, onde foi realizada, a técnica utilizada para coleta dados e os diferentes procedimentos utilizados para a condução e aplicação do trabalho.

O quinto capítulo é dedicado à análise dos dados e à descrição da proposta de intervenção aplicada, no sentido de expor o que foi projetado para o semestre letivo de 2018\1, evidenciando o relato de como as aulas foram efetivamente desenvolvidas. Ao final do semestre, como já referimos, houve nova aplicação do questionário, com objetivo de se compararem as respostas dadas no início do semestre – antes da proposta de intervenção – e ao final dele, após a realização da intervenção. Essa comparação também é explicitada neste capítulo.

O sexto e último capítulo se destina às considerações finais do estudo ora proposto.

2 A SEMIÓTICA DISCURSIVA E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

A semiótica discursiva inicialmente, recebeu o nome de Semântica Estrutural por seu fundador Algirdas Julien Greimas e, devido a esse estudioso, pode ser nominada de Semiótica Greimasiana. Na contemporaneidade é considerada uma disciplina em desenvolvimento, “não é facta, mas in fieri. Por isso, a todo momento, está repensando-se, modificando-se, refazendo-se, corrigindo-se.” (FIORIN, 1999, p.1). Fundamentada nos conceitos propostos por Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev, tem como seu objeto de estudo o sentido, o qual, para Hjelmslev, ocorre pelo encontro dos níveis de expressão e conteúdo.

Como teoria da significação, a semiótica discursiva, preocupa-se com as condições de “apreensão e produção do sentido” (GREIMAS e COURTÉS, 2012, p. 455), procurando descrever e explicar “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.” (BARROS, 2005, p.6). Entende que os discursos trazem consigo as representações de mundo dos sujeitos, revelando anseios, temores, concepções, ou seja, é no e pelo discurso que se dão as representações de mundo. Esses discursos se materializam em forma de textos (orais ou escritos) que circulam socialmente, difundindo conceitos e concepções divergentes, uma vez que oriundos grupos culturais e vivências diferenciadas.

Buscaremos, então, com auxílio desta teoria, depreender e analisar as concepções discursivas dos alunos sobre práticas religiosas, observando se, nesses discursos, evidenciam-se preconceitos em relação às manifestações religiosas e, em caso afirmativo, em relação a quais crenças e práticas. Além disso, a semiótica também possui estudos sobre a gênese dos discursos intolerantes, marcados pelo preconceito e erigidos sobre a categoria identidade x alteridade social. Nesse sentido, também este viés da teoria pode nos ajudar a compreender como se dá a não aceitação das práticas do outro, no caso específico de nosso trabalho, a não aceitação das práticas/crenças religiosas.

2.1 COMO A SEMIÓTICA DISCURSIVA CONCEBE DISCURSOS\TEXTOS

Inserida no rol de teorias que se preocupam com o texto, a teoria semiótica é um campo de pesquisa recente. A semiótica concebe que um texto surge da união de um plano de conteúdo (da ordem do discurso) com um plano de expressão (da ordem da materialidade) que pode ser verbal, não verbal ou sincrético. Quando se une um plano de conteúdo a um plano de expressão, ocorre a manifestação textual, ou seja, surge o texto em si. O objetivo fim da teoria está relacionado à descrição do sentido e, para tanto, a semiótica postula que o sentido se constrói

em níveis, na forma de um percurso gerativo de sentido que incorpora estruturas que vão das mais simples às mais complexas. Assim sendo, a semiótica ultrapassa os limites e a análise semântica da frase e atinge o texto em sua dimensão integral. O texto, por menor que seja a estrutura em que ele se apresente, não deixa de assim o ser, considerando-se que se trata de uma unidade linguística dotada de sentido completo em um determinado contexto.

Fiorin (2012) discorre sobre a distinção entre texto e discurso, explicando que, para muitos estudiosos da linguagem, texto e discurso são sinônimos. Evidencia que o discurso é um objeto linguístico-histórico e uma teoria do discurso deve possibilitar a análise do funcionamento discursivo e de sua inscrição histórica. Sobre a diferença entre texto e discurso, explica que o primeiro (o texto) é do domínio da manifestação, enquanto o segundo (discurso) é da ordem da imanência. Argumenta que um mesmo discurso pode materializar-se em forma de textos diversos, como numa pintura (da ordem do não verbal), num romance (verbal escrito), num depoimento (verbal falado), num filme (sincrético)².

O discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos. (GREGOLIN, 1995, p.18 apud FIORIN, 1990, p.177).

A discursivização opera pelos procedimentos de tematização, figurativização, actoralização, temporalização e espacialização. Por meio destes elementos, Fiorin (2012) pontua que é possível inferir uma distinção entre texto e discurso, na medida em que os procedimentos de discursivização são distintos dos de textualização (linearização e elastização). Na perspectiva do autor, esta diferenciação decorre pelo texto e o discurso serem objetos com modos de existência semiótica diversa, o texto pertencendo à ordem da manifestação e o discurso à ordem da imanência. Por fim, o autor argumenta que: “(...) o texto é a manifestação do discurso por meio de um plano da expressão, o que significa que um mesmo discurso pode ser manifestado por textos diversos” (FIORIN, 2012, p.162), como já apontamos.

Conforme Barros (2005, p.7) um texto “define-se de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um “todo de sentido”, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário”. A primeira concepção

² Segundo Greimas e Courtés (2008, p. 467) são “consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo linguístico: inclui igualmente elementos paralinguísticos (como a gestualidade ou a proxêmica) sociolinguísticos, etc.”

de texto, entendido como objeto de significação, faz com que sua análise seja análoga ao exame dos procedimentos e mecanismos que o estruturam como um “todo de sentido”. A segunda caracterização de texto não mais o toma como objeto de significação, mas como objeto de comunicação entre dois sujeitos. Assim concebido, o texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. Estas marcas acabam por encontrar destaque na análise a qual serão submetidas as respostas dos sujeitos com relação a hipótese de nossa pesquisa.

Como afirma Fiorin (2003, p.43) “o texto é unicamente um lugar de manipulação consciente, em que o homem organiza, da melhor maneira possível, os elementos de expressão que estão à sua disposição para veicular seu discurso”. O texto é, pois, individual, enquanto o discurso é social. O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva.

Para a semiótica, então, texto e discurso são como dois lados de uma mesma moeda, não existe texto sem discurso e não há discurso sem uma materialidade semiótica capaz de manifestá-lo, de torná-lo passível de apreensão. É, pois, a partir da análise do plano de conteúdo do texto que podemos apreender os sentidos dos discursos.

2.2 NÍVEIS DE CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DO DISCURSO: PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Para a semiótica discursiva, o sentido de um texto é construído, no plano do conteúdo, sob a forma de um percurso gerativo estruturado em três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Apresentamos a seguir, de forma sucinta esses três níveis. No entanto, interessam sobremaneira a neste estudo o nível discursivo – uma vez que é nele que vamos nos ater para análise dos discursos coletados no questionário aplicado aos estudantes – e o nível fundamental, posto que o discurso se erige a partir de uma semântica de base que, como se verá, está diretamente relacionada aos fenômenos manifestos no nível do discurso.

A base teórica dessa seção funda-se, principalmente, nos trabalhos de José Luiz Fiorin, a começar pelo livro *Elementos de Análise do Discurso* (2011) e *A Noção do Texto em Semiótica* (1995). Concomitantemente, faremos referência aos trabalhos de Diana Luz Pessoa de Barros, do livro *Teoria Semiótica do Texto* (2005), e Norma Discini com a obra

Comunicação nos Textos (2005) além de artigos que exploram a mesma temática. Não menos importante a consulta ao Dicionário de Semiótica de Algirdas J. Greimas e J. Courtés (2012).

2.2.1 Nível Fundamental

O nível fundamental, o primeiro da análise, comporta as categorias semânticas que estão na base da construção textual. Uma categoria semântica é formada por dois termos opostos pertencentes a um mesmo universo semântico, por exemplo: vida *versus* morte; riqueza *versus* pobreza, beleza *versus* feiura, etc. Ao ler um texto/discurso, portanto, buscamos nele identificar a categoria semântica sobre a qual se erige o texto, identificando os termos “que mantêm entre si uma relação de contrariedade” (FIORIN, 2005, p. 22) e sobre os quais a totalidade do discurso está estruturado.

O primeiro dos três níveis do percurso gerativo de sentido é o fundamental, visto que compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que a vs b. Podem-se investir nessa relação oposições como vida vs morte, natureza vs cultura, etc. (FIORIN, 1999, p. 4).

Os termos opostos da categoria de base não possuem valor fixo, de aceitação universal. Por exemplo, num discurso estruturado sobre os termos vida vs. morte, a morte pode ser valorada positivamente (entendida como uma forma de cessar a dor), e a vida, negativamente. Mas também, pode ocorrer o contrário, a vida pode ser valorada positivamente e a morte negativamente - como algo não desejável, que significa tristeza, sofrimento. É preciso ficar claro, então, que essa valoração dos termos das categorias de base não depende do leitor, ela está inscrita no texto, é o enunciador quem escolhe qual termo será valorado positivamente ou negativamente, uma vez que é o seu ponto de vista que deseja manifestar numa construção textual. Os termos valorados positivamente são chamados de eufóricos, e os valorados negativamente, de disfóricos³.

De acordo com Fiorin (2006, p.21), “o nível fundamental abriga categorias semânticas que estão na base de construção de um texto.” Nesse sentido, é preciso que os elementos tenham algo em comum para que as diferenças sejam estabelecidas. Podemos citar como exemplo as oposições tolerância versus intolerância, presentes em nossa análise. Cada um dos elementos dessa categoria de base recebe uma qualificação semântica denominado valor eufórico (positivo) e valor disfórico (negativo). Esses valores não são determinados por um sistema

³ Disforia: é um dos termos da categoria tímica euforia vs. disforia, categoria que modifica as categorias semânticas. A disforia marca a relação de desconformidade do ser vivo com os conteúdos representados. (BARROS, 2005, p.81).

axiológico, ou seja, por aquilo que julgamos como certo ou errado, como positivo ou negativo. Assim, o que determina a euforia ou a disforia é o modo como os elementos que compõem a oposição semântica são determinados pelo texto.

Essa relação de oposição encontra-se presente no discurso dos sujeitos participantes da pesquisa, como se verá adiante, quando da análise das respostas dos sujeitos participantes da pesquisa. Põe-se à mostra, nesse jogo entre termos valorados euforicamente e disforicamente, a relação conflituosa entre identidade vs. alteridade, de que fala Landowsky (2012), na obra *Presenças do Outro*. Nela o autor tece reflexões sobre as relações socioculturais polêmicas, erigidas sobre as diferenças, ou seja, em que sujeitos diferentes (permeados por culturas, crenças, concepções distintas) se afastam – quando não se repudiam – enquanto “iguais” se aproximam. Nesse sentido, o nível fundamental nos ajuda a compreender também os discursos dos diferentes sujeitos que, permeados por diferentes crenças, constroem identidades e alteridades, reforçando certas crenças e refutando outras.

Dois textos podem, por exemplo, trabalhar com a mesma categoria semântica, mas seus conceitos e valores morais serem totalmente opostos e isso vai produzir discursos completamente distintos. Poderíamos, por exemplo, dizer que o discurso sobre fé e práticas religiosas dos mais variados e distintos grupos religiosos presentes no país constroem-se sobre a gênese identidade vs. alteridade, uma vez que é assim que se dá o sentimento de pertença a um grupo. No entanto, há grupos que são mais tolerantes com as crenças dos outros, assim como há grupos que não as aceitam. Nasce, então, da oposição de base identidade x alteridade, a oposição tolerância x intolerância religiosa.

A categoria semântica do nível fundamental é, então, o elemento mais simples e abstrato de ordenamento dos múltiplos conteúdos do texto. Estabelecer a categoria semântica de base não é, porém, o objetivo último da análise. É apenas apreender a articulação mais geral do texto. “Para compreender, no entanto, toda a sua complexidade é preciso ir remontando aos níveis mais concretos e complexos do percurso.” (FIORIN, 1995, p.168). Seguimos, então, em direção ao nível narrativo.

2.2.2 Nível Narrativo

O nível seguinte do percurso gerativo de sentido é o narrativo, que possui como desígnio a temática da narratividade. Porém, é necessário diferir narratividade de narração, pois esta “concerne a uma determinada classe de textos. Aquela é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes [...], quando se tem um estado inicial, uma transformação e um

estado final.” (FIORIN, 2002, p. 21). Para a semiótica, então, todo o texto é dotado de narratividade, porque implica mudanças de estados, transformações, estejam elas materializadas no texto ou virtualizadas como objeto de desejo, do querer.

Este nível é considerado um simulacro da ação dos homens sobre o mundo e sobre os outros homens. Nele se procura explicar como se dão as ações dos homens, as transformações que estes efetuam na busca dos objetos-valor (objetos de desejo) que almejam. Neste nível, então, surgem os enunciados de estado e os enunciados de fazer. Os de estado indicam uma relação de posse (conjunção) ou de privação (disjunção) do sujeito⁴ em relação ao objeto-valor. A narração constitui a classe de discurso em que estados e transformações estão ligados a personagens individualizadas, por sua vez, a narratividade é um componente da teoria do discurso. Fiorin (2011) depreende que há dois tipos de enunciados elementares: os enunciados de estado – são os que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto-valor, e os enunciados de fazer – são os que mostram as transformações, os que correspondem à passagem de um estado a outro: de conjunção com o objeto-valor para a disjunção, ou vice-versa.

É válido destacar que a crença religiosa é um objeto-valor do sujeito e, nesse sentido, é natural que existam jogos de forças entre sujeitos na disputa pelo reconhecimento de sua religião como sendo a melhor, a mais adequada, ou a única que detém a “verdade⁵”. Disso resultam, também, os discursos de intolerância, muitas vezes revestidos de um caráter malevolente em relação às crenças e práticas de outros grupos religiosos.

A semiótica postula que os textos se erigem sobre o esquema de uma narrativa complexa, que comporta quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção. Nem todas as fases estão explícitas nos textos, e em muitos deles apenas uma delas aparece, devendo as outras serem pressupostas. Cada fase pressupõe a outra, por exemplo, “para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-la, isto é, seja competente para

⁴ Sujeito: é o actante sintático da narrativa que se define pela relação transitiva de junção ou de transformação que o liga ao objeto e graças a que o sujeito se relaciona com os valores. (BARROS, 2005, p.86). Para a semiótica, sujeito pode ser tomando como um indivíduo, um conjunto deles, uma instituição, enfim uma força que age sobre outros e/ou que promove transformações de estado.

⁵ **Quando nos referimos a “verdade” no que se refere à religião e ou crença religiosa devemos, obrigatoriamente, partir do pressuposto da fé. [Destaque nosso].** Apesar da fé não poder ser limitada a um tipo de conhecimento, expressa uma verdade que lhe é própria. Mas falar de verdade da fé não constitui uma contradição, levando em consideração a diversidade de símbolos que constituem a linguagem da religião ou até mesmo a diversidade das formas de religião? Sendo a fé um ato da pessoa toda e a razão um constitutivo do ser humano ambas não se excluem, mas são, de certa forma, interdependentes. No entanto, a razão que se relaciona com a fé é aquela que se dá como “fonte do sentido, normas e princípios”, que é a base da língua, da liberdade e da capacidade criadora do homem (TILLICH, 2001, p. 50-51).

isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-la”, o que implica a manipulação (FIORIN, 1999, p. 5).

Na fase de manipulação, um sujeito age sobre outro para conduzi-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. Há inúmeros tipos de manipulação, mas apenas quatro são mais comuns: a tentação – o manipulador propõe uma recompensa (objeto de valor positivo) ao manipulado com o intento de levá-lo a fazer alguma coisa; a intimidação – o manipulador obriga o outro a fazer algo por meio de ameaças; a sedução – quando o manipulador leva o manipulado a fazer algo manifestando um juízo positivo sobre a competência do sujeito; a provocação – o manipulador impele o manipulado à ação exprimindo um juízo negativo a respeito da sua competência. A fase da competência implica em que o sujeito que realiza a transformação seja dotado de um saber e/ou poder fazer. A performance é a fase em que se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa. E a última fase, a sanção, se dá quando há a constatação de que a performance se concretizou e os sujeitos são premiados ou punidos.

Estas fases não são uma regra absoluta e nem sempre se apresentam de forma explícita e lógica. Elas demandam que o leitor as interprete: afinal se um texto relata uma transformação de estado, é porque os sujeitos envolvidos tinham a manipulação e a competência necessárias para realizar a ação. Se um texto relata uma transformação operada por um sujeito, há que se pressupor que ele tinha a manipulação e a competência necessárias para realizá-la. Se um texto se concentra na sanção, as outras fases anteriores devem ser pressupostas, pois se há um prêmio ou um castigo em jogo é porque alguma transformação foi efetuada pelo sujeito e para que ela tenha ocorrido, é preciso manipulação e competência.

Segundo Barros (2011, 2016), do ponto de vista da organização narrativa, os discursos da intolerância são centrados na sanção. São discursos que revelam o desejo de punir o outro, o diferente, exatamente por ele ser diferente, porque não se encaixa, ou não cumpre aquilo que o enunciador dele espera. É como se os diferentes fossem descumpridores de um suposto contrato social pré-estabelecido segundo as regras de um determinado grupo. Quem não cumpre acordos deve sofrer sanções negativas e a intolerância, nesse caso, encontra justificativa ao julgar os punidos como maus atores sociais.

Ainda tratando dos estudos da intolerância, Barros (2011, p.12) também explica que nos discursos dessa natureza “os temas e figuras estão relacionados à oposição semântica entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade”, e a partir dessa oposição de base, vários temas e figuras são desenvolvidos conforme as diferenças sejam de etnia, religião, gênero ou opção sexual entre outras. Barros (2011) alerta, ainda, que a sanção deliberada aos diferentes

nesses discursos vai das ofensas retóricas à incitação e, em casos extremos, agressões físicas - como não raro assistimos nos jornais de tv.

Essencial evidenciar que os temas e as figuras fazem parte do nível mais superficial do discurso e como são variáveis, determinados de acordo com a existência sócio, cultural e histórica do sujeito, “revestem” discursos e possibilidades de interpretação do mundo, em conformidade com as classes, grupos em que estão inseridos, o que faz com que determinem o caráter ideológico dos discursos, sejam os discursos de ódio ou os contradiscursos.

Vejamos, a seguir, o nível discursivo, em que as categorias mais abstratas dos outros níveis ganham concretude. É no nível discursivo que se centram também os estudos da enunciação, uma vez que é nele que afloram as escolhas utilizadas pelo enunciador ao “tecer” o enunciado.

2.2.3 Nível Discursivo

É no terceiro e último nível, o discursivo, que “as formas abstratas do nível narrativo são revestidas de termos que lhe dão concretude.” (FIORIN, 2002, p. 29). Expliquemos: um esquema narrativo em que um sujeito passe de um estado de disjunção com o objeto-valor para um estado de conjunção poderá ser revestido por inúmeras configurações temáticas e por diferentes figuras no nível discursivo, por exemplo: João passou no vestibular; Maria encontrou o grande amor de sua vida; A mãe de Ana recupera-se bem da cirurgia... Perceba-se que, embora muito simplificados, todos esses enunciados remetem a determinados temas (estudos, amor, saúde) e trazem figuras que “concretizam” os sujeitos (João, Maria, a mãe de Ana), os objetos-valor (ingressar numa faculdade, ter um relacionamento amoroso, recuperar a saúde), as transformações ocorridas, ou seja, ocorre, no nível discursivo, a concretização dos elementos abstratos do nível narrativo.

Por isso diz-se que, no nível discursivo, a narrativa é discursivizada⁶ (DISCINI, 2012), pois nela instauram-se as projeções de pessoa, tempo, espaço, os temas e figuras. Além disso, o sujeito da enunciação dirige o discurso a partir de um ponto de vista (via de regra o seu) o que permite estabelecer a relação entre enunciador e enunciatário por meio das marcas dispersas ao

⁶A discursivização corresponde ao nível mais superficial do percurso gerativo da significação e coloca em discurso as estruturas narrativas. Representa as escolhas que um Sujeito discursivo faz para expressão das estruturas narrativas. A narrativa chega até a voz, sendo organizada e assumida por um Sujeito enunciador que, tendo em vista o universo de discurso abordado e o Sujeito enunciatário em questão, escolhe o(s) tema(s) as figuras, os atores, o tempo e o espaço nela envolvidos, ou com ela relacionados e os apresenta a um Sujeito enunciatário que a escuta e interpreta. (BATISTA, 2003, p.66).

longo do texto, como também para recuperar as relações entre o texto e contexto que motivaram sua produção. Dos vários elementos do nível discursivo, vamos tratar em especial dos temas e figuras (que constituem as escolhas semânticas do enunciador na produção do enunciado) e da categoria de pessoa projetada no discurso, uma vez que a escolha da 1^o ou da 3^o pessoa indicam efeitos de sentido de pertencimento ou de exclusão do enunciador em relação a certos grupos sociais. Iremos nos ater a estes elementos porque serão também essas as categorias que observaremos na análise das respostas dos alunos ao questionário aplicado. Os temas e figuras são determinados sócio-historicamente e trazem para os discursos o modo de ver e de pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais, garantindo assim o caráter ideológico desses discursos.

A semiótica desenvolveu, na semântica do discurso, os conceitos de tematização e de figurativização: os temas, abstratos, disseminam-se pelo texto em percursos que, por sua vez, podem ser “concretizados” sensorialmente pelo procedimento de figurativização. Os temas e figuras são determinados sócio-historicamente e asseguram o caráter ideológico desses discursos (FIORIN, 1988b, p. 1-19). Os temas e figuras, dessa forma, trazem ao ator da enunciação as marcas de sua inserção sócio-histórica e ideológica, e, além disso, como as figuras investem sensorialmente os temas, dão-lhe corpo (BARROS, 2016, p.14).

É possível examinar os temas e figuras que dão forma ao “modo de ver e de pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais, assegurando assim o caráter ideológico desses discursos” (FIORIN, 1988 apud BARROS, 2011, p. 264). É em relação com a oposição semântica fundamental entre igualdade e diferença, identidade e alteridade, que os temas e figuras dos discursos intolerantes atuarão – seja na quebra contratual de embranquecimento da sociedade, de heterossexualidade, de dominação masculina etc.

A determinação do discurso é bastante complexa, pois há um campo da manipulação consciente e um da determinação inconsciente. O campo da manipulação consciente é o da sintaxe discursiva, em que o enunciador lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos para criar efeitos de verdade e de realidade, com a finalidade de convencer seu interlocutor. Sob certo ponto de vista é o que justamente ocorre nos discursos de ódio dos intolerantes. O enunciador organiza sua estratégia discursiva em função de um jogo de imagens: a imagem que ele tem do interlocutor, a que ele pensa que o interlocutor tem dele, a que ele deseja transmitir para o interlocutor no sentido de, num primeiro momento convencê-lo ou, se não tiver êxito, subjugar-lo. É em função desse jogo de imagens que ele usa certos expedientes argumentativos e não outros. Embora este seja o campo da manipulação consciente, pode-se, em virtude de hábitos adquiridos, usar esses recursos de maneira inconsciente. “O campo das determinações inconscientes é constituído de um conjunto de temas e figuras, que constituem maneiras de explicar os fatos do mundo numa dada época e que são oriundos de outros discursos

já articulados e cristalizados. Este é o campo de determinação ideológica propriamente dita.” (FIORIN, 2011, p.8).

A figurativização parece assumir no discurso duas direções: por um lado, com os temas, as figuras decorrem das determinações sócio-históricas inconscientes do discurso, são o lugar da determinação ideológica propriamente dita (FIORIN, 1988); por outro, as figuras concretizam e dão sensorialidade, corporalidade aos temas, podendo assim resultar, mais do que os temas, de "escolhas" enunciativas do discurso e gozar de certa autonomia em relação às formações sociais. (BARROS, 2004, p.12).

Em relação aos temas e figuras, como explica Fiorin (2011), todos os textos tematizam o nível narrativo e, depois, esse nível pode ser figurativizado. As figuras, na medida em que (re)criam elementos do mundo natural, produzem efeitos de realidade. Assim, o enunciador utiliza as figuras do discurso para levar o enunciatário a reconhecer Barros (2005) “imagens do mundo” e, a partir daí, a acreditar na “verdade” do discurso. O enunciatário, por sua vez, pode ou não crer no discurso, graças, em grande parte, ao reconhecimento de figuras do mundo, em nosso caso, do mundo religioso, suas práticas e crenças e tudo aquilo que o envolve. O fazer-crer e o crer dependem de um contrato de veridicção que se estabelece entre enunciador e enunciatário e que se firma, entre outras coisas, pelo “o reconhecimento das figuras.” (BARROS, 2005, p.70)

Sobre a categoria de pessoa (1ª ou 3ª pessoa) projetada no discurso/texto, Teixeira (2001, p.4) argumenta: “a projeção de pessoa não se refere apenas à escolha básica do discurso, entre assumir a narrativa em 1ª ou em 3ª pessoa, projetando concretamente um eu ou um ele”, trata-se de examinar o jogo de vozes presente na cena discursiva, observando as marcas da heterogeneidade que criam efeitos de verdade, de autoridade, de consenso, de contraste ou de aversão e repulsa. Inserir-se como sujeito do discurso (“eu/nós”) é diferente de alhear-se dele. Nesse sentido, a categoria de pessoa pode indicar pertencimento ou exclusão do sujeito em relação a certos grupos sociais.

É oportuno explicar que, para a semiótica, os discursos têm uma dimensão polêmica, dado que refletem pontos de vista não apenas diferentes, mas também divergentes. Nos discursos de intolerância, segundo Barros (2016), essa dimensão é potencializada, caracterizada pelo excesso, como se verá no capítulo que segue, em que abordaremos os discursos da intolerância. Antes, porém, de discorrer sobre esses discursos, apresentamos um breve panorama da diversidade religiosa brasileira, já que os discursos não se dão no “vazio”, mas são sempre situados sócio-historicamente.

3 DIVERSIDADE RELIGIOSA E DISCURSOS DA INTOLERÂNCIA

A religião é a convicção de que existem poderes transcendentais, pessoais ou impessoais, que atuam no mundo, e se expressa por insight, pensamento, sentimento, intenção e ação.

Helmuth von Glasenapp (1891–1963)

Cada um de nós tem uma forma de relacionar-se com Deus⁷. Ela é única, personalizada e intransferível. Essa crença ou fé procura dar respostas a algumas questões existenciais do ser humano. Etimologicamente, o termo religião, em uma de suas possíveis traduções do Latim, “religare” significa conectar-se a um ser Transcendental⁸. Conforme Kuchenbercker (2004, p. 19), “exatamente essa tentativa de se religar com o Ser Superior, através de um conjunto de crenças, normas, ritos ou costumes que dá origem às diversas religiões e ao fenômeno religioso propriamente dito”.

É ao fenômeno religioso e à pluralidade de manifestações que se voltam as reflexões deste capítulo. A primeira seção trata da diversidade cultural religiosa no Brasil – o pluralismo religioso – e sua manifestação através dos dogmas, ritos e práticas das religiões estabelecidas em nosso País. A segunda traz como temática a questão dos discursos de intolerância/ódio em relação àqueles que são diferentes em suas práticas e ritos religiosos e afins; portanto, passíveis de julgamento e discriminação.

⁷ É o ente criador, ordenador, mantenedor e senhor absoluto de todas as coisas. A crença na sua existência nunca foi objeto de dúvida entre os diversos povos.[...] O Deus do Antigo Testamento é definido como o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de Israel. O Deus que escolhe para si um povo que marche com ele e realize os seus desígnios na história da humanidade. Não há, nem pode haver, no Novo Testamento, doutrina original de Deus já que quando Ele aparece no ensino de Jesus e dos apóstolos, é o Deus conhecido de todo o povo, o Deus da antiga aliança, o Deus vivo, zeloso e misericordioso, o Deus santo a quem todos os seres humanos devem obediência e fidelidade. Em ocasião alguma discute-se a sua existência. A crença no Deus eterno, onisciente, onipresente, santo, justo e misericordioso foi sempre ponto incontestável, visto que Deus é aquilo que ele revela ser. A experiência cristã é de que Deus veio ao encontro do ser humano na pessoa de Cristo, numa demonstração única de poder e amor. Segundo a crença cristã, esse Deus é trino: Deus pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, um Deus em três pessoas. (KUCHENBECKER, 2004, p.254). *É imprescindível lembrar que o ponto de vista acerca mundo, no que tange à religião, é extremamente abrangente. A ideia ou conceito de Deus, seja ele abstrato ou físico, está inserida na história de diversas tradições religiosas: primitivas, proféticas e ou reveladas, sapienciais, espiritualistas e místicas ou filosofias de vida. Cada qual com suas particularidades, permite ao ser humano, um elo de ligação ao transcendental e, obrigatoriamente, deve ser respeitado em suas práticas, ritos, ideias e costumes. (Grifo nosso).*

⁸ É possível observar outros significados para esta palavra. Santo Agostinho, no século IV, afirmou que o termo derivava de *religere*, ou seja, significava a religação do ser humano a Deus, do qual havia se separado. Já no século V, o pensador Macróbio fala de *religio*, que significaria aquilo que havia sido deixado pelos antepassados. Em contextos como os da sociedade hinduísta, usa-se o termo *rita* para designar a ordem cósmica com a qual os seres deveriam estar em harmonia. No budismo, significa uma lei divina e eterna. (WILGES, 1985, p.9)

3.1 DIVERSIDADE E CULTURA RELIGIOSA

A religião, em sentido real objetivo, é o conjunto de crenças, leis e ritos que visam um poder que o homem, atualmente, considera supremo, do qual se julga dependente, com o qual pode entrar em relação pessoal e do qual pode obter favores. Em sentido real subjetivo, “religião é o reconhecimento do homem de sua completa dependência de um ser supremo pessoal, pela aceitação de várias crenças e observância de várias leis e ritos que o mantém ligado a este ser.” (SMITH, 2006, p.187).

A maioria das definições acerca de religião reflete as perspectivas de antropólogos, historiadores, filósofos, sociólogos, teólogos e outros cientistas.” Conforme Botelho,

[...] quando é rompido o tabu da perspectiva confessional de compreensão, a religião pode ser entendida com mais abrangência, em razão das contribuições fornecidas pelas diferentes linhas de investigação. Com isso, a pesquisa se diversificou tanto com o tempo, que a religião passou a ser definida de uma maneira pelo sociólogo, de outra pelo antropólogo, de outra pelo historiador, de outra pelo místico e ainda de outra pelo teólogo. (BOTELHO, 2014, p.34).

Em meio à diversidade religiosa, a tentativa do homem de entender e perceber o mundo onde está inserido manifesta-se através das diferentes crenças, costumes e da fé. A fim de analisar cientificamente esse fenômeno, surge a fenomenologia religiosa “que consiste no estudo do fato religioso, nas suas manifestações e expressões sensíveis, com a finalidade de apreender o seu significado último.” (JORGE, 1998, p.18)

A partir do século XX, teólogos e estudiosos, na perspectiva de sistematizar o fenômeno, definiram que há duas linhas de análise quanto àquilo que se define por religião. A primeira, segundo Botelho, é a substancial ou essencial, que investiga a religião naquilo que ela é: sua essência, dando ênfase aos traços fundamentais. A segunda investiga o que a religião “faz”, sua influência, ou seja, estuda o comportamento religioso do homem em sociedade. É este segundo que importa nesta pesquisa.

Apesar das diferenças conceituais e práticas distintas, todas as religiões partem de um ponto em comum: a sua compreensão do que é fé. Nesse contexto, a ideia de fé, segundo Gabatz (2012, p.53) “uma ideia de confiança, persuasão, convicção em uma verdade, mesmo sem evidências físicas concretas”, é extremamente atual e atende à diversidade religiosa de nossa sociedade pós-moderna. Uma sociedade em transformação demanda rever e atualizar conceitos pré-determinados acerca de crença e fé sem perder o foco daquilo que é essencial: o respeito à opção de fé do outro. Aliada a essa ideia, a religião e suas práticas ancestrais procuram ajustar-

se à sociedade atual, pluralista e diversificada. Outro fato a destacar é que o conceito crença e religião se inter-relacionam e

Como fenômeno social, cultural e histórico, as tradições, instituições e movimentos religiosos estão em constante mudança. Esse é o mais forte argumento a favor da tolerância. Da mesma forma que um consenso é impossível, a consciência da mudança constante nos leva a refletir sobre a necessidade de compreensão dos fenômenos religiosos no tempo e espaço, em suma, na sua historicidade. (SILVA, 2004, p.11).

É inegável que a religião desempenha um papel significativo na vida social e política da humanidade. Conforme Gaarder (2009, p. 16), “um conhecimento religioso sólido também é útil num mundo que se torna cada vez mais multicultural.” Essa multiculturalidade⁹ nos permite a troca de experiências em meio a diferentes culturas, formas religiosas e maneiras de pensar e agir dos sujeitos. O ser humano tem, sob o viés intelectual, conceitos definidos acerca de como a humanidade veio a existir, sobre a existência de um ser sobrenatural ou transcendente e sobre o sentido da vida.

O cristianismo, desde os seus primórdios, procura dar uma nova perspectiva de como entender o homem. A existência humana não mais é entendida sob o ponto de vista do Cosmo, mas sim, sob a relação Criador – criatura. O Ser Transcendente passa a fazer parte da história da humanidade. Essa relação foi alterada na era moderna, e o homem passa a ser compreendido sob uma perspectiva antropocêntrica. “Cogito, ergo sum – Penso, logo existo” – frase do filósofo e matemático francês Rene Descartes (1596-1650), amplia o horizonte do homem e o coloca no centro do Universo. Há uma preponderância da razão em detrimento da fé.

Essas diferentes cosmovisões¹⁰ encontram-se presentes no homem desde a antiguidade através de uma diversidade de credos, filosofias e movimentos religiosos. Diante dessa diversidade e da manifestação da liberdade de expressão, é esperado que existam tensões entre conceitos, ideias e práticas religiosas dos mais variados grupos. Cultura e religião são percebidas como locais de combinação, tornando-se equivocada a separação entre religião e cultura, pelo fato de a religião ser um elemento da cultura, ocorrendo influência mútua entre

⁹ “O multiculturalismo refere-se a estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiculturalidade gerados pelas sociedades multiculturais. É normalmente utilizado no singular significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta estratégias multiculturais”. (HALL, 2003, p. 52).

¹⁰ O termo cosmovisão é uma tradução da palavra alemã *weltanschauung*, que significa ‘modo de olhar o mundo’ (welt – mundo, schauen – olhar). É a maneira como a pessoa encara, age e reage em relação aos acontecimentos. Em definição, cosmovisão é um conjunto de suposições e crenças que alguém utiliza para interpretar e formar opiniões acerca da sua humanidade, propósito de vida, deveres no mundo, responsabilidades para com a família, interpretação da verdade, questões sociais, [...] entre outros. Frente a tais situações práticas da vida, a pessoa tomará suas decisões baseado naquilo que compreende como sendo verdadeiro ou falso, certo ou errado. A finalidade da cosmovisão, portanto, é nortear as decisões e atitudes do homem. Ela funciona como um guia, dando senso de direção acerca da forma como o homem deve proceder. (NASCIMENTO, 2007, p. 2).

elas. A cultura religiosa aí se insere e deve ser reconhecida como um processo social das diversas concepções sobre Deus.

A modernidade, sem dúvida, explicitou, favoreceu e intensificou o caráter da multiplicidade e, portanto, a heterogeneidade da condição humana no mundo, – em continuidade superação da unidade mítico-filosófica dos antigos e a homogeneidade teológica dos medievais –. Por sua vez, na projeção cuidadosa de uma totalidade racional objetivamente ordenada, conseguiu manter a uniformidade dos modos de vida no engendramento de um ideal comum premeditado na força do universal transcendental. (MENDES, 2005, p.281).

Pode parecer um paradoxo, mas a religião, assim como a ciência, possui um caráter investigativo e questionador. O “estudo científico” do fenômeno religioso busca responder aos questionamentos mais profundos do ser humano sobre sua fé e práticas. Inserida no campo das ciências sociais, a religião apoia-se nas mais diferentes áreas do conhecimento humano com o fim de analisar e interpretar o ser humano e o mundo que o cerca.

No Brasil, a exclusividade da Igreja Católica era imposta através da Corte Portuguesa e da Santa Sé, com sede em Roma. Àqueles que se encontravam fora do círculo de ação ou do jugo da Igreja restava o preconceito religioso e, em alguns casos, a perseguição, uma vez que divergissem da religião. Negrão (2008, p.262) destaca que “no Império, começaram a se introduzir grupos protestantes históricos [...] e a partir do fim da primeira década do século passado que se inserem no cenário religioso brasileiro os protestantes pentecostais” que, pelo seu crescimento intenso e presença destacada, passam a alterá-lo substancialmente, sobretudo, nas regiões metropolitanas do país.

Sem dúvida, essa multiplicidade de ofertas, no âmbito da cultura e, por conseguinte, na esfera da religião, questiona, relativiza e confunde a vivência da fé cristã. Na medida em que o enfrentamento da vida cotidiana permite, cada vez mais, decidir entre múltiplas possibilidades, mesmo no religioso é apenas mais uma escolha a ser feita. Por sua vez, uma opção também nada fácil diante de um vertiginoso “mercado religioso” que propõe as mais inusitadas fórmulas em vista de satisfazer a todos os gostos e as mais diversas necessidades. No mais das vezes, simplificações e sobreposições religiosas que mais atrapalham do que ajudam na busca do sagrado. (MENDES, 2005, p.288).

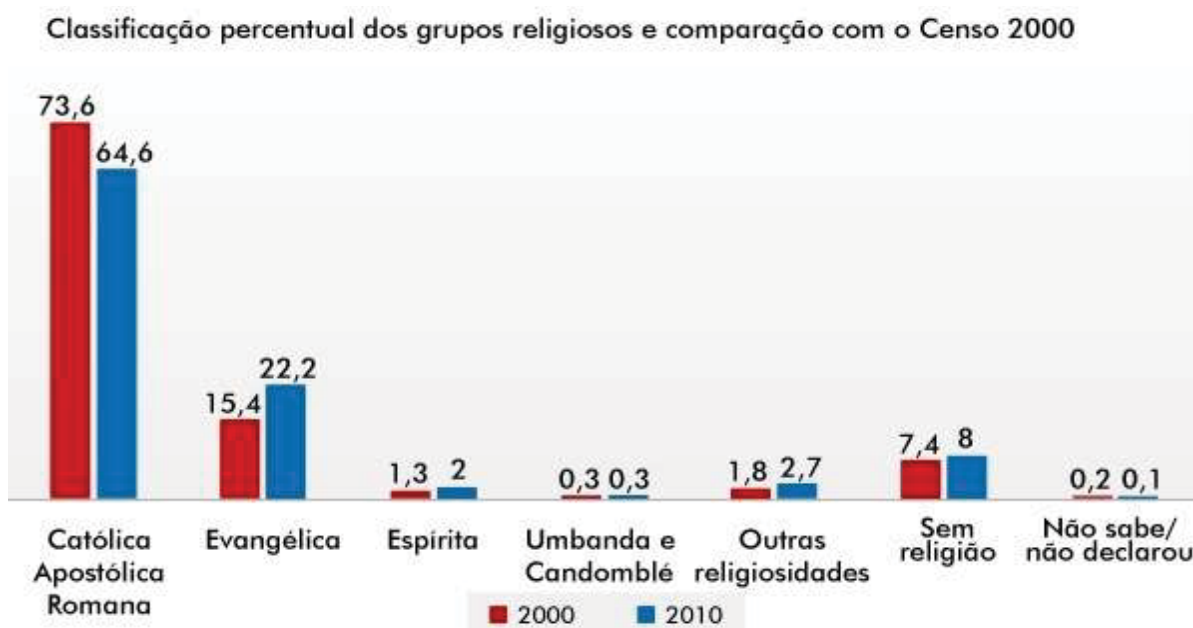
Diante dessa “busca do sagrado”, é necessário estabelecer regras e definir papéis. Consoante Andrade (2009, p.111), “a preocupação com a identidade tem mobilizado diferentes grupos sociais e étnicos em busca de traçar perfis identitários e marcar territórios comuns para formar unidades mais fechadas dentro da diversidade.” Ainda que o pluralismo religioso aumente o seu campo de ação, cada vez mais ele se defronta com zonas de tensão oriundas do

discurso, crenças¹¹ e práticas do outro. Torna-se extremamente difícil respeitar aquilo que não conhecemos. Em especial quando tratamos do complexo mundo das crenças e suas diferentes práticas, vivenciamos dificuldades de compreensão e respeito às religiosidades alheias.

É fato que conhecemos e nos relacionamos com pessoas de diferentes religiões e, conseqüentemente, com tradições e hábitos diversos dos nossos. A pós modernidade propicia canais de formação de novas crenças, e em meio a esse cenário religioso multicultural no qual nos achamos inseridos que cabe o despertar de uma nova consciência e a tolerância às diversidades.

O gráfico a seguir, tendo como base os dados do censo do IBGE - Instituto Brasileiro de Estatística de 2010, apresenta um comparativo da diversidade religiosa no Brasil em relação ao último censo realizado no ano de 2000.

Gráfico 1 – Classificação percentual dos grupos religiosos e comparação com o Censo 2000



Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000\2010

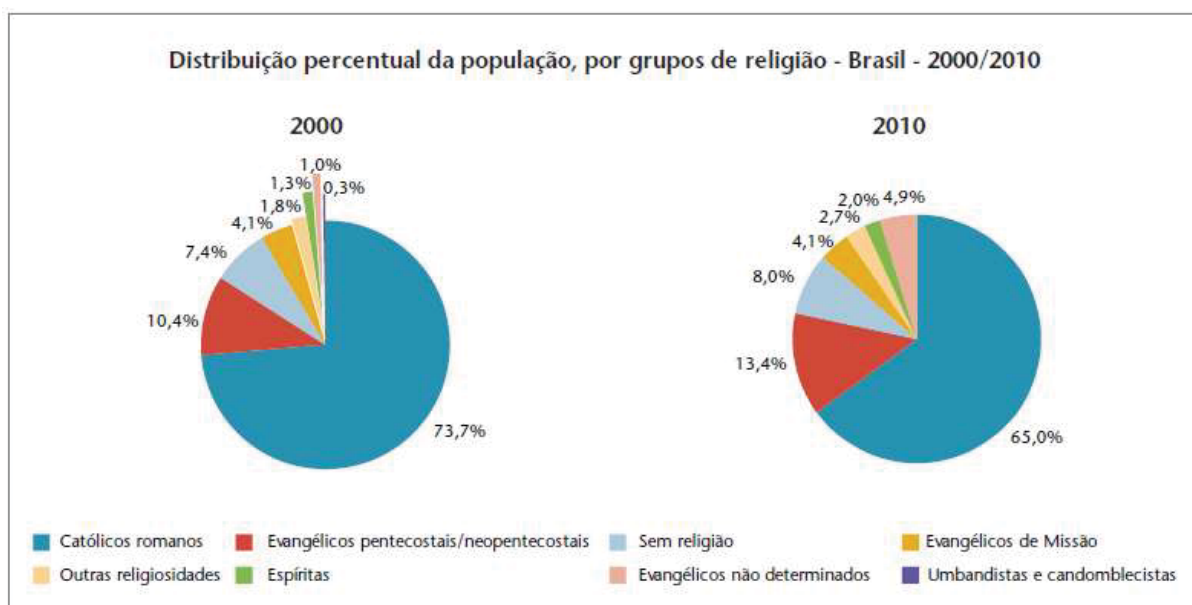
¹¹A religião é a “crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do Universo, que deu ao homem uma natureza espiritual que continua a existir depois da morte de seu corpo”. Religiosidade é a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião. Embora haja sobreposição entre espiritualidade e religiosidade, a última difere-se pela clara sugestão de um sistema de adoração/doutrina específica partilhada com um grupo. Crenças pessoais podem ser quaisquer crenças/valores sustentados por um indivíduo e que caracterizam seu estilo de vida e comportamento. Pode haver sobreposição com espiritualidade, pois crenças pessoais não necessariamente são de natureza não-material, como o ateísmo. Complementando, Koenig *et al.* (2001) salientam a relação dos termos com a busca do sagrado, definindo religião como um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos delineados para facilitar a proximidade com o sagrado e o transcendente (Deus, Poder Maior ou Verdade/Realidade Final/Máxima) e espiritualidade como a busca pessoal por respostas compreensíveis para questões existenciais sobre a vida, seu significado e a relação com o sagrado ou transcendente que podem (ou não) levar a ou resultar do desenvolvimento de rituais religiosos e formação de uma comunidade. (PANZINI, Raquel Gherke et al., 2007, p. 106).

No gráfico1, a classificação percentual dos grupos religiosos se encontra categorizada em tradicionais, em que se enquadra a Igreja Católica Apostólica Romana, e evangélicas, que engloba as igrejas protestantes, reformadas, pentecostais tradicionais e as neopentecostais.

O quadro segue com a Umbanda, de origem brasileira, e o Candomblé, de matriz africana, oriunda do processo de colonização do Brasil. Apesar de possuírem elementos em comum, como o culto aos orixás e entidades, o contato com o mundo místico através de médiuns ou pais\mães de santo, há elementos que os diferenciam essas duas práticas religiosas, como a sacralização de animais, presente apenas na Umbanda.

O espiritismo, em sua linha ascendente, aumentou seu percentual em 0,7% da população. O grupo “outras religiosidades” envolve um extrato de igrejas ou movimentos e filosofias religiosas e algumas classificadas como neocristãs (a exemplo das Testemunhas de Jeová e Mórmons), tradições esotéricas diversas e tradições indígenas primitivas. Como destaque, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010.

Gráfico 2 – Distribuição percentual da população por grupos de religião – Brasil – 2000/2010



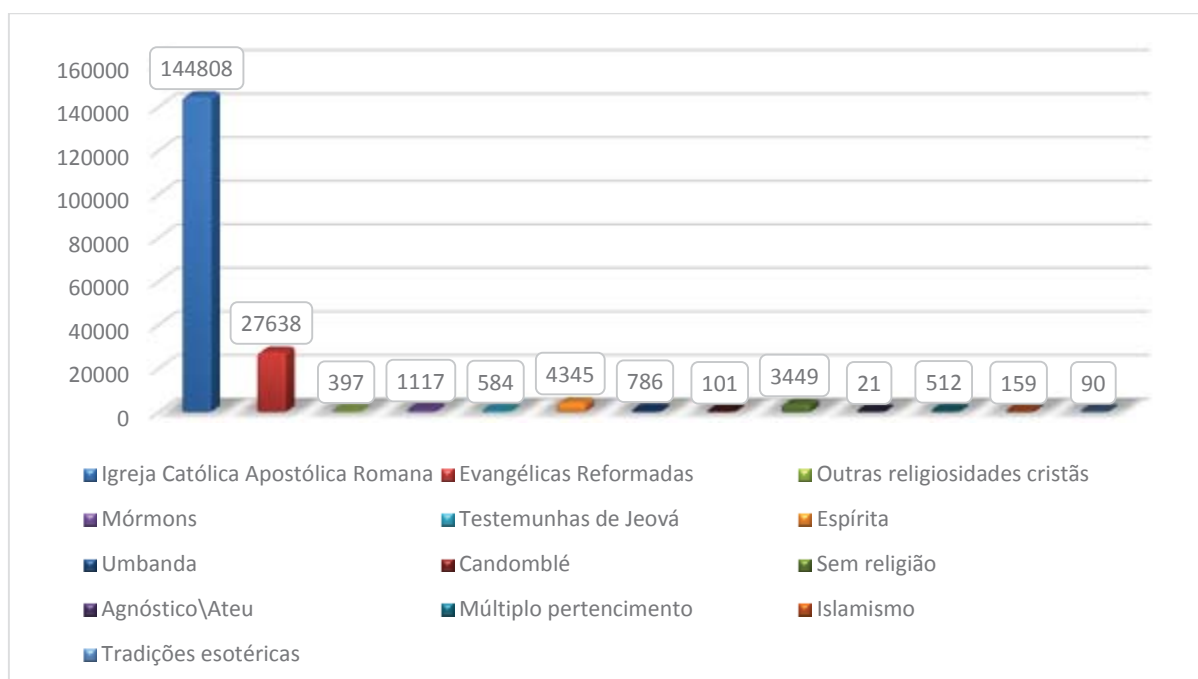
Fonte: IBGE – Censo Demográfico 2000\2010

Os dados do gráfico 2 apontam que dos que se declararam evangélicos, 60% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados ligados a outras tradições das igrejas reformadas. As religiões de matriz africana correspondem a apenas 0,3% da população. Assinalamos o crescente percentual daqueles que se declararam

sem religião e sua evolução entre o período de 2000 a 2010. É o terceiro maior grupo e envolve cerca de 15,3 milhões de pessoas.

Como representativo da diversidade religiosa da região em que se desenvolve a presente pesquisa, trazemos o gráfico abaixo (gráfico 3).

Gráfico 3 – Distribuição religiosa da população de Passo Fundo\RS – Brasil –2010



Fonte: Censo IBGE 2010 – Gráfico formatado pelo autor.

O gráfico três reflete os dados da cidade de Passo Fundo\RS situada na região norte do estado do Rio Grande do Sul. Numa análise preliminar, constatamos que os dados e percentuais não diferem de forma significativa da média nacional. Do total de respondentes do Censo 2010 - 184,5 mil pessoas conforme o IBGE - 79%, ou 144808 pessoas se autodeclararam de tradição católica, 15% de evangélicas reformadas e os 6% restantes se encontram dispersos em outros onze grupos religiosos. Destaque para o número de adeptos do espiritismo e os sem religião declarada.

Cabe um destaque com relação à questão da autodeclaração da religião, que pode induzir a distorções, uma vez que a religião que o sujeito declara pode ser especificamente distinta daquela que ele pratica. Os motivos são os mais variados possíveis e implicam em aspectos culturais, raciais, sociais, emocionais e, igualmente, religiosos.

Com base nesse mapa religioso, destacamos – os cinco grandes grupos- inseridos no espectro de nossa pesquisa e, portanto, cabe aqui uma breve explicação acerca desses grupos religiosos.

O grupo classificado como ateus se encontra incluso nas categorias dos “sem religião” ou dos *spiritual but not religious*¹² conforme Assis, (2017, p. 113) “indicam que os indivíduos podem ser religiosos sem precisar se identificar como tais ou sem necessariamente definir de forma categórica seus pertencimentos.” Existe a possibilidade de frequentarem grupos religiosos não convencionais ou não tradicionais. Apesar de não se considerarem religiosos, procuram adaptar-se à sociedade atual e evoluir no sentido de desenvolver uma prática de espiritualidade sem vínculo formal.

Em relação a isso, Regina Noves (2006, p. 137) afirma que “o fenômeno sociocultural-simbólico dos jovens ‘sem religião’ enquanto uma nova forma de ser religioso, sem pertença formal, se deve às transformações societárias que conjugam (contraditoriamente) a perda da capacidade normativa das religiões[...].”

Os católicos são considerados, conforme dados estatísticos, o maior grupo religioso do país, representando cerca de 65% da população. Dividem-se em praticantes tradicionais e movimentos carismáticos¹³.

Surgidas a partir da Reforma Luterana em 31 de outubro de 1517 as igrejas reformadas são classificadas em: Luteranas (IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil e IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), Calvinistas, Metodistas, Anglicanas e Presbiterianas. Distinguem-se da Igreja Católica na questão dos Sacramentos, na doutrina dos santos e na questão da autoridade do Papa¹⁴. Possuem caráter exclusivista em seus dogmas e doutrinas.

¹² No Censo de 2010 o IBGE (2014b) subdivide os sem religião em três subgrupos, a saber: os sem religião-sem religião, os sem religião-ateus e os sem religião-agnósticos. Frente aos valores percentuais de cada subgrupo, destaca-se que do total daqueles que se declaram sem religião (15.335.510 indivíduos), 95,15% (14.595.979 indivíduos) são sem religião-sem religião e apenas 3,98% (615.095 indivíduos) são sem religião-ateus e 0,87% (124.436 indivíduos) é sem religião agnóstico. Nesse sentido, o número crescente de indivíduos sem religião não aponta para o crescimento do ateísmo. Por outras palavras, os sem religião não são necessariamente pessoas descrentes e/ou indiferentes às questões religiosas. (VIEIRA, 2015, p.4)

¹³ A Renovação Carismática Católica (também chamada “RCC”) é um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana surgido nos Estados Unidos em meados da década de 1960, pela influência da Renovação Carismática episcopal, porém mantendo os dogmas do catolicismo romano. A prática da RCC baseia-se na experiência pessoal com Deus, especialmente pela força do Espírito Santo e de seus dons. O movimento procura oferecer uma abordagem inovadora às formas tradicionais de doutrinação e renovar práticas tradicionais dos ritos e da mística da Igreja, mas sem desviar-se da doutrina e permanecendo fiel a todos os preceitos católicos romanos.

¹⁴ Sacramentos são os sinais da salvação instituídos por Cristo e entregues à Igreja Cristã. A Igreja Católica Apostólica Romana possui sete sacramentos – batismo, crisma, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio – em detrimento das igrejas de tradição reformada que possuem apenas dois – batismo e santa ceia. Outro ponto de divergência é com relação à veneração aos santos e a figura do Papa, Bispo de Roma e Líder Religioso da ICAR. (MULLER, 2004, p.297).

O movimento pentecostal no Brasil, conforme Paul Freston¹⁵, possui três ondas: a primeira é instaurada a partir de 1910 com a Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. A Cruzada Nacional da Evangelização, iniciada na década de 1950, possuía como escopo central a divulgação do “Evangelho” em todo o País. Destaques do período são a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Deus é Amor. Em 1970, tem início a terceira onda com o advento do neopentecostalismo que, no plano teológico, dá ênfase à luta contra o mal, prefigurada na figura do Diabo e a Teologia da Prosperidade, que destaca o aspecto socioeconômico do “fiel”. O serviço religioso reveste-se de caráter místico - relação entre o ser humano e a divindade - e uma variedade de temas fundamentados na tríade¹⁶ exorcismo, cura e prosperidade. Destaques desse período são a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e a On Grace – Igreja Internacional da Graça.

O quinto grupo é constituído de religiões espiritualistas, que, no Brasil, são citadas como a Umbanda e o Candomblé. O Candomblé é de matriz africana e foi trazida ao Brasil no período da escravidão, que teve início no Período Colonial e foi abolida com a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. O Candomblé é tradicionalmente mais conhecido devido às figuras dos pais e mães de santo, consultas aos búzios, terreiros, orixás, e a manutenção da língua original, entre outros aspectos. A Umbanda¹⁷, surgida posteriormente no Brasil, incorpora práticas do

¹⁵ O sociólogo Paul Freston fala sobre “três ondas” ou fases de implantação do pentecostalismo no Brasil. A primeira onda, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã no Brasil (1910) e as Assembleias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos. A segunda onda pentecostal ocorreu na década de 50 e início dos anos 60, quando houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), todas voltadas de modo especial para a cura divina. A terceira onda histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80, com o surgimento das igrejas denominadas “neopentecostais”, com sua forte ênfase na teologia da prosperidade. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Paz e Vida, Comunidades Evangélicas e muitas outras. Assim como a ênfase da primeira onda foi o batismo com o Espírito Santo e o consequente falar em línguas, a da segunda onda foi a cura e a da terceira, o exorcismo e a mensagem da prosperidade. (MATOS, 2006, p.38-39).

¹⁶ Esse trinômio é a base teológica em cima da qual a IURD orienta e organiza a sua prática pastoral, os cultos e a estrutura de sua oferta religiosa. Nesse prisma são instituídos os ritos com sua simbologia, as normas eclesiais, a transmissão da visão de mundo e do sagrado, o marketing e os objetivos da Igreja. (FERRARI, 2007, p.121).

¹⁷ Formada no Rio de Janeiro nos anos 20 e 30 do século XX, logo se espalhou pelo Brasil todo como religião universal sem limites de raça ou etnia, geografia e classe social. Até essa época, o candomblé e as demais denominações tradicionais continuavam circunscritas àquelas áreas urbanas em que se formaram em razão da concentração de populações negras, isto é, aglutinação de descendentes dos antigos escravos africanos. Continuavam a ser religiões de negros. A umbanda não: ela já nasceu num processo de branqueamento e ruptura com símbolos e características africanas, pro-pondo-se como uma religião para todos, capaz mesmo de se mostrar como símbolo de identidade de um País mestiço que então se forjava no Brasil das primeiríssimas décadas do século XX. Alastrou-se rapidamente. Parecia que a umbanda seria a única grande religião afro-brasileira destinada a se impor como universal e presente em todo o País. E de fato não tardou a se espalhar também por países do Cone Sul e depois mais além. A umbanda é chamada de “a religião brasileira” por excelência, num sincretismo que reúne o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra e símbolos e os espíritos de inspiração indígena, contemplando as três fontes básicas do Brasil mestiço. (PRANDI, 2003, p.20).

candomblé, do catolicismo, da matriz indígena e do espiritismo. A centralidade da doutrina reside na relação entre os guias espirituais (entidades sobrenaturais) e os médiuns. Conforme dados de 2010, a parcela da população que se declara seguidora desses dois grupos manteve-se em 0,3%.

Quanto ao espiritismo, mesmo que alguns possuam a concepção de que seria uma doutrina de cunho filosófica religiosa, no Brasil, ele é classificado como uma religião e assim compreendida por seus seguidores e simpatizantes e pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Estatística. De acordo com seu fundador de pseudônimo, Allan Kardec, o espiritismo alia ciência, filosofia e religião na busca de uma melhor compreensão do universo tangível (mundo físico\científico) e o mundo intangível (crença\religião).

Esse quadro da diversidade religiosa em processo no Brasil, a partir de uma análise criteriosa dos dados da pesquisa do IBGE, tem suscitado algumas questões para os estudiosos das ciências sociais. Em meio a análise dos dados de caráter estatístico nos parece que a questão central reside em como essa diversidade de crenças possibilita, inclusive, a construção de identidades e de alteridades. E - mais especificamente em relação a este nosso estudo - como essa construção identitária está relacionada com os discursos de intolerância para com os diferentes. Como conceber os discursos de ódio e desrespeito ao direito do outro?

O semioticista Eric Landowski (2012) pondera que a identidade tem relação direta com a alteridade, com o “eu” *versus* o “outro”, pressupondo a presença de um grupo de referência com o qual se estabelecem semelhanças – e, assim, aproximação – e outros grupos com os quais se estabelecem diferenças – e, assim, distanciamento. Neste caso o “outro”, é o diferente, o distinto, o ignorado ou desconhecido. Para que a identidade seja possível, a presença da diferença torna-se de suma relevância. Landowski (2012, p. 9) chama a atenção para o fato de que o grupo de referência tem sobre si mesmo uma imagem “hipostasiada, a ser preservada custe o que custar, em sua integridade – ou melhor, em sua pureza original” e que, nesse sentido, a alteridade passa a ser vista como uma ameaça, algo a ser evitado, não reconhecido, a ser excluído.

Essa construção de identidades também exige definir e marcar seu território. A busca de território implica divisões e dissensões, na medida em que cada grupo religioso tende a defender sua tese como sendo “a única verdade.”

A preocupação com a identidade tem mobilizado diferentes grupos sociais e étnicos em busca de traçar perfis identitários e marcar territórios comuns para formar unidades mais fechadas dentro da diversidade. Este processo, se de um lado, fortalece os grupos, especialmente os mais fracos como as minorias étnicas, por outro lado, tem

provocado reações hostis em relação ao grupo do outro. Assim, se o pluralismo religioso continua se disseminando, cada vez mais ele se defronta com zonas de conflito advindas dos grupos que se fecham em suas adesões identitárias e investem em lutas contra ofertas religiosas concorrentes, dentro de um mercado cada vez mais competitivo. (ANDRADE, 2009, p.111).

Conforme Steil (2015, p.116), “o pluralismo religioso é um fenômeno moderno que tem sua origem na ruptura do monopólio de uma religião como a igreja oficial de uma determinada sociedade.” Isso decorre do avanço do secularismo¹⁸ e da evolução do campo das ciências e da separação entre igreja e estado. Desse modo, é redefinido o papel que a religião exerce na sociedade e a mesma é obrigada a ajustar-se à modernidade.

Conforme Eliade (2001), a religião é intrínseca ao homem, mesmo em meio ao advento da modernidade e suas consequências, como a racionalidade extremada, o cientificismo pragmático, o individualismo e o desencantamento de mundo. O autor afirma que: “seja qual for o grau de dessacralização que o mundo tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso”. (ELIADE, 2001, p. 27).

Ainda que depreendamos que Bauman (2013, p. 222-223) sugira que “a incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião [...]” e que “[...] as pressões culturais pós-modernas, enquanto intensificam a busca de ‘experiências máximas’ ao mesmo tempo as desligaram dos interesses e preocupações propensos à religião [...]”, ele reconhece que há um novo movimento, e que este tem evoluído a partir das necessidades dos sujeitos pós-moderno. Existe uma religião específica da modernidade que permanece e se desenvolve na pós-modernidade, revelando a ilusão humana de que tem, em todos os aspectos da vida, seu destino sob controle. Logo, para Bauman (2013, p. 226), há “[...] uma forma especificamente moderna de religião, nascida das contradições internas da vida pós-moderna na busca do homem de ter o destino humano sob controle” às respostas de questões como: Quem eu sou? De onde vim? E para onde eu vou?

A religião, na verdade, é a consciência da insuficiência humana, é vivida na admissão da fraqueza... A mensagem invariável do culto religioso é: ‘do finito ao infinito, a distância é sempre infinita...’ (...) nos deparamos com dois caminhos inconciliáveis de aceitar o mundo e a nossa posição nele, nenhum dos quais pode ufanar-se de ser mais racional do que o outro...Uma vez feita, qualquer escolha impõe critérios de julgamento que, infalivelmente, a apoiam numa lógica circular: se não há nenhum Deus, só critérios empíricos devem guiar-nos o pensamento, e critérios empíricos não conduzem a Deus, se Deus existe ele nos dá pistas sobre como perceber Sua mão no

¹⁸ Secularismo - O secularismo ou secularização é um processo histórico pelo qual o mundo, a cultura e a sociedade são separados do domínio das instituições e símbolos religiosos. Através desse processo, o mundo torna-se consciente de sua consistência e autonomia; processo de libertação, através do qual a pessoa humana, a sociedade e a cultura são libertadas da tutela e controle do mito, da metafísica, das instituições que dependem do sagrado e do religioso. (MULLER, 2004, p.297).

curso dos acontecimentos, e com a ajuda dessas pistas reconhecemos a razão divina do que quer que aconteça. (BAUMAN, p.209, 1998).

A humanidade avança vivendo suas dimensões religiosas, cada vez mais particulares e subjetivas, tendo como referência a própria lógica da modernidade – a autonomia racional –, só que, dessa vez, com um novo incremento, é a autonomia emocional compondo seu próprio mundo, sua realidade. Isso ocorre devido ao fato de que na sociedade secularizada a religião perdeu o status de primazia e, reflexo disso, é a laicização do Estado, a separação das esferas civil e religiosa, particularmente, da ciência; isso fez com que a religião não mais ordenasse a realidade de forma totalizante, contudo, continuasse influenciando a vida sociocultural e escolhas dos indivíduos. (PIERUCCI, 1997).

Em conexão ao pluralismo religioso da atualidade, o aspecto a transparecer não deveria suscitar o temor ou o ódio, mas o respeito e a tolerância. Essa concepção de pluralidade, aliada ao multiculturalismo, deveria ser um dos caminhos para combater preconceitos e discriminações ligados à etnia, gênero, opção sexual, cultura e religião, constituindo assim olhar diferenciado no sentido de observar as especificidades e diferenças culturais religiosas dos indivíduos. Aquino e Silva (2017) depreende que a formação da identidade ocorre no interior de contextos sociais, os quais definem a disposição dos indivíduos e, por esse motivo, orientam suas diferenças e semelhanças. Dessa forma, a construção da identidade estabelece uma eficácia social e percebe-se que a formação da identidade social pela cultura, torna-se importante para compreender a relação entre as mesmas.

Essa sociedade multifacetada se evidencia nos dados apontados pelo IBGE, que mostram a crescente diversidade religiosa. Além disso, está em curso o que definimos como “nova espiritualidade”, que mescla ciência moderna com conceitos religiosos tradicionais passados de geração a geração. Apesar de existirem várias características em comum nas mais variadas denominações, especialmente em termos de ritos e práticas, o papel de preponderância da Igreja sobre seus seguidores está em declínio e há uma busca pela espiritualidade fora do seio da instituição. No contexto atual, dá-se destaque à experiência interior do indivíduo que promove uma libertação das tradições, dogmas e formalidades estabelecidas pelo *status quo* da religião.

A religião é uma coisa de modo eminente social. As reproduções religiosas são aspectos coletivos que demonstram realidades coletivas; os ritos são modos de atuar que nascem no seio dos grupos congregados e que são reservados a suscitar, a conservar ou refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as classes são de procedência religiosa, elas precisam compartilhar da natureza comum a todos os fatos religiosos: elas também necessitam ser coisas sociais, produtos do pensamento coletivo. (DURKHEIM, 1983, p.212).

Sob esse aspecto, a religião tem a função de promover a integração dos indivíduos à sociedade e presta-se a ser um instrumento de controle social e um código moral, um modelo a ser seguido por seus fiéis, possibilitando uma reflexão do homem para além ou fora de si mesmo. Em e por meio da religião o homem busca dar sentido à sua existência. Conforme Pierucci (2006), o homem está em busca de uma “religião universal¹⁹” a qual seria dado o seu caráter, acessível a todos.

Isso posto, compreender a constituição do campo de abrangência da religião evoca o conhecimento do processo de legitimação do sacrossanto a partir de perspectivas que se ordenam dentro do campo social: o da religião como uma instituição social que exerce uma coerção sobre os sujeitos acerca de sua representação coletiva de mundo – nesse sentido se configura o aspecto público da religião - e a religião como uma prática social, - caráter privado ou personalizado da religião - levando em consideração a ação do homem na sociedade.

Cabe salientar, ainda, que vivemos em um Estado laico, em que a liberdade de crença é um direito do homem, assegurado pela Constituição Federal (CF, 1988). O artigo 5º, inciso VI da CF afirma: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias.” Sobre o conceito de Estado laico, assim pode ser compreendido:

A noção de laicidade, de modo sucinto, recobre especificamente à regulação política, jurídica e institucional das relações entre religião e política, igreja e Estado em contextos pluralistas. Refere-se, histórica e normativamente, à emancipação do Estado e do ensino público dos poderes eclesiásticos e de toda referência e legitimação religiosa, à neutralidade confessional das instituições políticas e estatais, à autonomia dos poderes político e religioso, à neutralidade do Estado em matéria religiosa (ou a concessão de tratamento estatal isonômico às diferentes agremiações religiosas), à tolerância religiosa e às liberdades de consciência, de religião (incluindo a de escolher não ter religião) e de culto. (MARIANO, 2011, p. 242).

O debate em torno do tema laicidade²⁰ possui estreita relação com o debate em torno da pluralidade e, conseqüentemente, da liberdade religiosa. O direito à liberdade de crença

¹⁹ O termo “universal” faz referência à ideia de uma crença que afirma que, no fim dos tempos –Juízo Final\Apocalipse- todas as almas serão salvas e libertadas do poder do mal pela ação de um Ser Transcendental, Todo Poderoso. Esse conceito é destacado, em especial, pelas igrejas de tradição calvinista e algumas de caráter neopentecostal. Não possui relação, portanto, com a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que é uma denominação cristã, evangélica neopentecostal, com sede no Templo de Salomão, na cidade de São Paulo, Brasil, fundada, em 9 de julho de 1977, por Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares.

²⁰ Cabe aqui distinguir Laicidade de Laicismo: O laicismo é uma forma agressiva, combativa de laicidade que procura eliminar, extirpar a religião da vida social. O laicismo se mostrou na história política de diversos países ocidentais como fortemente anticlerical e antirreligioso. Pode haver países altamente secularizados, como a Inglaterra e a Suécia, mas que não são de forma alguma Estados laicos. Por sua vez é possível a existência de Estados laicos em sociedades pouco secularizadas, como é o caso dos Estados Unidos. (RANQUETAT, JR. 2009, p.73).

significa o dever inequívoco de respeitar, de igual modo, o direito à liberdade de consciência e crença do outro. Trata-se de um assunto de caráter privado que independe de interferência externa e é definido pelas escolhas e consciência de cada um.

Julgamos importante trazer o conceito de secularização dada sua semelhança com o que se depreende do termo laicidade. A secularização se caracteriza fundamentalmente, segundo Raquetat Jr. (2009), “pelo declínio da religião, pela perda de sua primazia e pela autonomia de várias áreas da esfera social que se retiram da influência do poder clerical.” Nesse processo de mudança²¹ de paradigmas, as instituições religiosas perdem seu sentido social na medida em que os valores fundamentais que regem as sociedades, a partir de agora, não mais derivariam de dogmas religiosos. Secularização e laicismo, apesar de possuírem enfoques distintos, partem da mesma ideia de desmistificação do mundo e de todos os aspectos da sociedade, que têm em si mesmos um sentido, sem precisarem defini-lo a partir do Sagrado.

O cristianismo, conforme Sanchez (2010, p.4), é um campo religioso muito heterogêneo, e, em razão disso, é muito difícil falar em posições uníssonas. De qualquer forma, em linhas gerais, podemos identificar três hipóteses inerentes a esse campo. A primeira, que é conhecida como exclusivismo, afirma que o cristianismo é a única religião verdadeira e que, por isso, somente ele seria o portador da “verdade”. As demais religiões não possuem qualquer valor no campo da salvação. A segunda hipótese é a inclusivista, que reconhece a importância das diversas religiões no plano da salvação e afirma que há a possibilidade dessas religiões possuírem, em seus temas e variações, vários elementos em comum, contudo persistindo na ideia de diferenças irredutíveis. Essa posição, na verdade, é uma tentativa de preservar a importância do cristianismo e, ao mesmo tempo, de reconhecer o valor das demais expressões religiosas sem insistir em hierarquizar as religiões em termos de grau de superioridade. A última, denominada de pluralista, defende que todas as religiões são expressões humanas verdadeiras do desejo profundo de salvação e, em virtude disso, são legítimas.

Pierucci (2006) afirma que a liberdade religiosa é direito fundamental da pessoa humana, consagrado nas constituições dos diversos Estados. É conquista sem a qual não pode haver paz social e convivência harmoniosa entre as diversas concepções religiosas existentes

²¹ Nos tempos atuais, as mudanças por que passam as religiões dependem, entre outros motivos, da necessidade da própria religião em mudança de se expandir e se enfrentar de modo competitivo com as demais religiões. Pertencer hoje a uma determinada religião é questão de escolha pessoal. A religião que se professa hoje já não é aquela na qual se nasce, mas a que se escolhe. A religião que alguém elege para si hoje, selecionada de uma pluralidade em permanente expansão, também não é necessariamente mais a que seguirá amanhã. O religioso é agora um ser pouco fiel. Mais de um quarto da população adulta da região metropolitana de São Paulo professa hoje religião diferente daquela em que nasceu, são convertidos, muitos tendo experimentado sucessivas opções (Pierucci e Prandi, 1996). (PRANDI, 2003, p.27).

na sociedade, incluindo ateus, agnósticos ou religiosos de qualquer matiz. E esse direito à liberdade está em conjunção com o modelo de estado liberal no qual estamos inseridos.

Steil (2001) destaca que a pluralidade²² e a fragmentação religiosa são resultantes da própria dinâmica moderna. A diversidade religiosa aliada à liberdade de crença está associada a um processo histórico que permite que as sociedades se constituam sem partir de um princípio religioso único. A separação entre Igreja e Estado no Brasil significa tão somente que nosso país não adota e nem protege uma ou mais religiões. O Estado é “laico” e não antirreligioso. Cabe a ele garantir o direito de seus cidadãos confessarem publicamente sua fé, suas convicções religiosas, sendo a Lei o órgão regulador, garantindo-lhes que não serão discriminados ou penalizados por suas práticas.

Em conformidade com o artigo 5º § 1º da CF/88, a liberdade religiosa, inserida como direito fundamental, tem aplicação imediata, o que significa que deverá ser conferida a ela a maior eficácia possível.

Na linha da nova reflexão teológica sobre o pluralismo religioso, as religiões são compreendidas não apenas como genuinamente diferentes, mas também autenticamente preciosas. Há que honrar esta alteridade em sua especificidade particular. E honrar a alteridade é ser capaz de reconhecer algo de irredutível e irrevogável nestas diversas tradições; de captar o valor e a plausibilidade de um pluralismo religioso de direito. A diversidade religiosa deve ser reconhecida não como expressão da limitação humana ou fruto de uma realidade conjuntural passageira, mas como traço de riqueza e valor. A diferença deve suscitar não o temor, mas a alegria, pois desvela caminhos e horizontes inusitados para a afirmação e crescimento da identidade. A abertura ao pluralismo constitui um imperativo humano e religioso. Trata-se de uma das experiências mais enriquecedoras realizadas pela consciência humana: o reconhecimento do valor da diversidade como traço e riqueza da experiência humana. (TEIXEIRA, 2005, p.30).

Hall (2006) destaca que está em curso um processo de mudança estrutural nas sociedades modernas do final do século XX, transformando as concepções culturais de gênero, classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado forneciam aos sujeitos bases sólidas em seu *locus* como indivíduo social. Esta perda de um “*sentido de si*”, estável, é chamada algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui a denominada “*crise de identidade*”. (HALL, 2006, p.9).

²² Diante dessa complexa pluralidade é que se busca elucidar a tarefa de re-articular os diversos saberes e, na mesma medida, o conhecimento próprio de cada saber em suas propriedades específicas. Entretanto, como esclarece Hermann, nessa nova situação, “nenhuma visão de mundo pode pretender validade universal. Cada interpretação encontra seu limite na perspectiva do outro. Disso resulta uma nova complexidade na experiência do mundo, na qual a visão do outro deve ser pensada como possibilidade” (HERMANN, 2001, p. 134). Mas isso não significa cair em um pluralismo absoluto e, menos ainda, em uma tolerância confusa e ingênua, onde tudo vale e na qual tornar-se-ia impossível um entendimento sobre qualquer coisa. (MENDES, 2005, p. 291)

Entendemos como possível a premissa de que esse deslocamento possa ser o fato gerador, em alguns casos, da intolerância, uma vez que nos parece que os discursos de ódio partem daqueles que procuram manter as identidades em padrões pré-estabelecidos, numa tentativa de reafirmação, de consolidação de identidades e, principalmente, de legitimação de uma sobre outras. É, então, sobre discursos de intolerância que passamos a discorrer na sessão seguinte.

3.2 SOBRE DISCURSOS DE INTOLERÂNCIA

Partimos da ideia de conceituar aquilo que se entende por liberdade de expressão em contraposição aos discursos de intolerância. A liberdade de expressão está garantida pelo texto constitucional brasileiro em seu artigo quinto, que abre o Capítulo I (Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos) do Título II da Carta Magna, intitulado Dos Direitos e Garantias Fundamentais. Em diferentes incisos estão destacados os pontos mais relevantes²³. O Estado não interfere diretamente na questão, mas seus desdobramentos estão previstos e regulados em lei. Justamente em decorrência da Lei, equivocadamente, a liberdade de expressão pode ser interpretada como um direito absoluto, o que não corresponde à verdade. Nos casos onde o exercício da liberdade de pensamento e expressão fere direito constitucional de outrem, a lei regula a devida limitação e punição.

A liberdade de expressão é um direito assegurado, de forma análoga, em Tratados e Declarações de Direitos Humanos Internacionais, de forma especial no artigo XIII da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, conhecido como Pacto de São José da Costa Rica²⁴, assinada pelo Brasil em outubro de 2014. O Brasil é um país signatário dessa convenção

²³ IV – É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; IX- é livre a expressão de atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença; X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação; XLI – a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais. (BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988).

²⁴ Artigo 13 – Liberdade de pensamento e de expressão. 1. Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento e de expressão. Esse direito inclui a liberdade de procurar, receber e difundir informações e ideias de qualquer natureza, sem considerações de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer meio de sua escolha. 2. O exercício do direito previsto no inciso precedente não pode estar sujeito à censura prévia, mas a responsabilidades ulteriores, que devem ser expressamente previstas em lei e que se façam necessárias para assegurar: a) o respeito dos direitos e da reputação das demais pessoas; b) a proteção da segurança nacional, da ordem pública, ou da saúde ou da moral públicas. 3. Não se pode restringir o direito de expressão por vias e meios indiretos, tais como o abuso de controles oficiais ou particulares de papel de imprensa, de frequências radioelétricas ou de equipamentos e aparelhos usados na difusão de informação, nem por quaisquer outros meios destinados a obstar a comunicação e a circulação de ideias e opiniões. 4. A lei pode submeter os espetáculos públicos a censura prévia, com o objetivo exclusivo de regular o acesso a eles, para proteção moral da infância e

e deveria, segundo diretrizes da Lei, criar normas e regular e até mesmo proibir discursos de ódio e disseminação de propaganda que fazem apologia em favor de guerra, discriminação racial ou religiosa, incitação à hostilidade ou à violência.

Ao proferir palavras racistas ou discurso de ódio, por exemplo, isso não se constitui em liberdade de expressão, e sim num crime contra o outro que tem os mesmos direitos assegurados e é considerado igual aos demais perante a lei. No entanto, cada vez mais proliferam discursos preconceituosos e intolerantes – discursos de ódio²⁵, numa definição mais geral – relacionados, talvez, à “crise de identidade” mencionada por Hall (2006) e potencializados pelo poder das redes sociais.

Landowsky (2012) explica que os discursos de intolerância estão intimamente relacionados à construção e legitimação de identidades e de diferenças/alteridades. Há, portanto, uma categoria semântica bem definida na gênese desses discursos: identidade x diferença/alteridade, que leva à assimilação/inclusão dos sujeitos que apresentam características semelhantes (sejam elas de quaisquer ordens) e à exclusão dos que apresentam características distintas.

O autor argumenta, ainda, que as diferenças não são dadas *a priori*, mas construídas pelos próprios sujeitos: “Na realidade, as diferenças pertinentes, aquelas sobre cuja base se cristalizam os verdadeiros sentimentos identitários, nunca são inteiramente traçadas por antecipação: elas só existem na medida em que os sujeitos as constroem e sob a forma que eles lhes dão.” (LANDOWSKI, 2012, p. 12). O sentimento de pertença a uma identidade religiosa, por exemplo, caber perfeitamente nessa descrição. Ainda Landowski (2012) chama atenção quanto à criação de “figuras do Outro” nesse processo de reconhecimento e legitimação identitário: a rotulação, a estereotipia, construída discursivamente, se perpetua como um meio de afirmar identidades e diferenças, incitando ao preconceito. É nesse cenário que surgem os discursos intolerantes.

De acordo com Barros (2014, p.7), o discurso intolerante é “um discurso de sanção aos sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais (de branqueamento

da adolescência, sem prejuízo do disposto no inciso 2. 5. A lei deve proibir toda propaganda a favor da guerra, bem como toda apologia ao ódio nacional, racial ou religioso que constitua incitamento à discriminação, à hostilidade, ao crime ou à violência (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1970).

²⁵ Na bibliografia internacional, o discurso do ódio vem denominado de “*hatespeech*” (em alemão *Hassrede*). Segundo Meibauer (2013, p. 01), entende-se por “*hate speech*”, em sentido amplo, [...] “a manifestação verbal de ódio contra pessoas ou grupos, que ocorre, particularmente, por meio de expressões destinadas à desqualificação e à difamação de grupos populacionais”. (HILGERT e NETO, 2017, p.734).

da sociedade, de pureza da língua, de heterossexualidade e outros)”. E que, desse modo, “justificaria” a punição com a perda de direitos, de emprego ou até mesmo com a morte.

[...] os discursos intolerantes consideram o “diferente” como aquele que rompe pactos e acordos sociais, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente e sem ética ou estética, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido. Por sua vez, os discursos de aceitação e inclusão, que a eles se contrapõem, são ou devem ser elaborados com estratégias, temas e valores contrários aos descritos acima. Seus contratos são os de multilinguismo, de mestiçagem, de diversidade sexual, de pluralidade religiosa, e não mais de pureza das línguas, de branqueamento da sociedade, de heterossexualidade, de identidade religiosa. Neles, o “diferente”, o “outro” não é mais considerado como aquele que rompe pactos e acordos sociais, mas ao contrário, é visto como aquele que garante novas e promissoras relações sociais. A sanção positiva e as paixões benevolentes, que nos discursos intolerantes só se aplicam aos “iguais”, a “nós”, se estendem, assim, aos diferentes, a “eles” (BARROS, 2016, p.3).

Barros (2016) evidencia que os discursos intolerantes e preconceituosos ampliam excessos e denotam um movimento de propagação de ódio que são destaques na mídia e na sociedade pós-moderna. Aponta a autora que nesses discursos se acentua uma intolerância àqueles que podem colocar em risco os valores (morais, sociais, éticos, entre outros) da sociedade branca, hegemônica, patriarcal e de orientação católica tradicional. Eles estão relacionados ao medo do diferente:

Ter medo é, em geral, moralizado negativamente pela sociedade, e a coragem, como já dissemos, fortemente valorizada. No entanto, nos discursos intolerantes, o medo do outro (de sua violência, imoralidade, etc.) e das perdas que ele poderá ocasionar (falta de emprego, de moradia, de vaga na universidade, de segurança, etc.), segundo os simulacros construídos, serve como justificativa para as ações intolerantes. As paixões do medo juntam-se às paixões do ódio ou provocam essas paixões malevolentes, e fazem crescer de intensidade os percursos passionais e as ações intolerantes. (BARROS, 2014, p.8).

Os percursos passionais de que fala a autora vão da discriminação ao preconceito e deste à intolerância e comporta três fases: a primeira se dá em meio aos grupos sociais, que em suas relações, percebem a diferença um do outro; a próxima fase ocorre a partir do momento em que atribuímos um juízo de valor às diferenças do outro e o distinguimos por ser inferior ou superior; na última fase, o juízo de valor é manipulado na tentativa de segregar ou eliminar o grupo contrário. Se pensarmos em níveis crescentes – ou de tensão passional –, a discriminação seria o primeiro nível, o preconceito o segundo, e o último nível, com maior grau de intensidade, o da intolerância.

Barros (2014) também considera essa gradação entre os discursos preconceituosos e os discursos intolerantes. Segundo ela, nos discursos preconceituosos o sujeito se torna malevolente em relação ao outro, que, “diferente”, não cumpriu o contrato de identidade, e

benevolente em relação aos iguais, aos idênticos. Já os discursos da intolerância propriamente dita acontecem quando o sujeito preconceituoso (decepcionado, frustrado, desesperado, inseguro e que tem ódio) passa à ação, ou seja, completa sua competência e age contra o outro (o causador da falta, o odiado).

Pré-conceitos que cada sujeito traz dentro de si podem encontrar eco no preconceito de outras pessoas e, desse modo, justificar um juízo de valor equivocado que justificaria a intolerância, seja na individualidade, seja em grupo. Segundo Barros (2016), a fase da intolerância propriamente dita é aquela na qual o sujeito preconceituoso passa à ação, ou seja, age contra o outro, que ele considera o causador de suas perdas e que exacerba seu ódio. As ações são as ações apaixonadas de vingança ou de revolta, que se distinguem da justiça desapaixonada e geram temor.

Ratificar o discurso dos sujeitos intolerantes de não aceitação do outro, reiterar o juízo do enunciador e validar sua autoridade é um modo de coação no sentido de que o enunciário reconheça e, talvez, aceite a “verdade” do discurso. Posto dessa forma o conflito é inevitável

Para viver aparentemente sem conflitos, o indivíduo deve desenvolver uma insensibilidade ao próprio sofrimento, que logo se estende ao sofrimento do outro. Allport (1946) mostra que os indivíduos que incorporam preconceitos não sentem nem culpa nem vergonha por eles. [...] A hostilidade que volta contra a vítima, de forma manifesta ou não, não é associada por eles à sua própria subjetividade, mas aquilo que julgam que impede a realização de seus desejos, mesmo que esses sejam contrários a seus próprios interesses racionais, como a preservação da vida, por exemplo. [...] O preconceito formulado pelo ódio é tão indiferenciador quanto o conceito elaborado a partir do desprezo do objeto. (CROCHIK, 1996, p.68).

Sob essa perspectiva, podemos conceber que o preconceito pode ser entendido como valores diversos, que consistem em juízos preconceituosos a partir de representações que o sujeito possui sobre a realidade. Entretanto, tais personificações não são frutos apenas de construções individuais, mas da interação entre grupos sociais sendo que a cultura exerce papel fundamental para a sua construção.

A tese de que os conteúdos do meio cultural/social influenciam o juízo moral torna-se oportuna para compreender que podem se admitir juízos de valor preconceituosos relacionados a vários conteúdos que são fontes de preconceito: social, moral, religioso, entre outros. Dessa forma, é possível assumir que um sujeito pode não ser preconceituoso em relação aos negros, mas tê-lo em relação a homossexuais, ou não possui preconceito quanto ao espiritismo, mas pode tê-lo em relação ao Candomblé, religião de matriz africana, que se encontra inserida em campo idêntico ao do espiritismo, conforme categorização, ou seja, nas religiões espiritualistas.

Em meio as situações diversas do dia a dia, as diferentes situações nas quais somos implicados, são percebidas de modo diferente por cada um de nós, de acordo com a nossa

história de construção dos valores, que possui íntima relação com a forma como sentimos e assimilamos os valores que existem em nossa cultura, compondo nossos juízos de valores, assim como, a nossa identidade. A discriminação que se manifesta no preconceito, segundo Silva (2016, p.30) “é praticada na intolerância, é garantida não pela existência das diferenças, mas por meio de injustiça e ilegitimidade, posto que um grupo exclui o outro da relação de igualdade, tendo como base preceitos subjetivos desprovidos de racionalidade.”

Sob outro enfoque, ousamos sugerir que o tema preconceito poderia ser aplicado em sua forma plural – preconceitos –, uma vez que o sujeito pode ter preconceitos direcionados a diferentes conteúdos, pessoas e situações. Alguns atuando como “centrais em seu sistema moral e outros como periféricos” (PINHEIRO, 2011, p.221). Uma pessoa, por exemplo, pode ter como valor central o preconceito contra um grupo religioso específico e ou suas práticas, pois essas práticas não se encontram em conjunção com seus valores éticos e morais. O papel ativo do sujeito em construir esses valores e elaborar seus juízos diante de situações dessa natureza nos parece de uma complexidade que ainda não conseguimos desvelar e talvez não o seja possível.

Compreendendo a existência humana na linguagem, não mediada **pela** linguagem, não possível **através** da linguagem, mas **na** linguagem, a semiótica recupera, na metodologia de análise, as coerções, as impossibilidades, as obrigatoriedades, bem como a possibilidade da rebeldia e da recusa que caracterizam a vida social. Impulsionados por tentações e provocações, seduções e intimidações, vamos aceitando ou recusando os contratos que definem nosso caminho e nossas ações, moldam nossas vontades e dirigem nossos gostos, ainda que precisemos da ilusão de que mantemos a vida sob controle. Quase nunca somos capazes de perceber a inclusão de nossa rebeldia em um sistema de valores aceitos, em que o rebelde perde a causa, porque ali a rebeldia é a regra e por isso mesmo já não é mais contestação, nem coragem, nem desafio, é a normalidade de um outro sistema de valores. Oscilamos entre manipulações de diferentes ordens, e nossa luta não é entre o bem e o mal, o certo e o errado como escolhas possíveis e objetivas, mas é a luta de estar imerso em linguagem e viver no entrechoque de redes discursivas. (TEIXEIRA, 2001, p.3).

Assim é que a semiótica busca compreender os discursos passionais – que transparecem nas escolhas discursivas e enunciativas – implicados nos enunciados dos sujeitos, relacionando-as com a “macrosemiótica do mundo natural” (MATTE e LARA, 2009, p. 346).

Seja de forma consciente ou não, a ideia da manipulação do outro traz consigo uma nota específica que o qualifica: a supressão ou total ausência da dimensão crítica por parte do manipulador, e a aceitação de tal condição por parte do manipulado. Manipulação não significa uma simples influência ou exercício de poder como tais, mas uma forma toda específica, irracional de exercer a influência e o poder sem legitimação e/ou autoridade. A manipulação descarta, essencialmente, tudo aquilo que é próprio do “outro”.

Sob outra perspectiva, a persuasão²⁶ se utiliza de um simbolismo através de recursos como imagens, sons, palavras e discursos. É possível defini-la como uma vontade deliberada de quem tenta persuadir a convencer alguém ou um grupo de pessoas a tomar determinada decisão no sentido de influenciar sua opinião, seu comportamento e levar à ação do(s) sujeito(s).

O intolerante - e é bem provável que ele não veja deste modo -, num primeiro momento, procura simplificar a realidade através de sua visão reducionista. O passo seguinte implica na necessidade de pertencimento a um lugar que faz com que o indivíduo tenha uma identidade, reconheça seu símile, mas tenha aversão ao outro ou o observe como exótico/diferente/contrário, mesmo que inconscientemente. Por fim, busca justificar sua postura por meio de razões de tipo histórico/social que definem a posição e função de cada sujeito ou grupo no meio onde ele está inserido.

Barros (2016, p. 21) lembra que o discurso da intolerância, ou “o discurso do excesso exacerbado [...] não aceita o diálogo, a resposta, a polifonia, a polêmica de vozes. Monofônico e homogêneo, ele é discurso da verdade única e incontestável, da triagem levada às últimas consequências”. Para ilustrar alguns discursos dessa natureza, Barros (2016) traz recortes discursivos retirados de blogs, sites ou notícias, publicados entre o segundo semestre de 2015 e primeiro semestre de 2016, os quais incentivam à discriminação (racial, social, sexual, de gênero):

Quando você estupra uma mulher, você está ensinando a ela o seu papel na sociedade, a impedindo de se tornar homossexual e se contaminar com uma DST. Você também está prevenindo que ela satisfaça seu instinto procurando marginais. Resumidamente, você está cumprindo o seu papel como um homem branco, colocando a fêmea no seu devido lugar.

A típica estudante de Direito é aquela vadia patricinha de classe média alta, que quer ser Juíza, Promotora ou Delegada da PF. Em qualquer civilização decente esta vagabunda não deveria nem estar sentada na merda de um banco de faculdade, deveria estar na cozinha lavando as cuecas de seu homem ou fazendo a porra da comida.

Segundo a autora (2016, p. 17), os textos esclarecem, portanto, “que os homens que agredem, violentam e matam mulheres, negros e homossexuais estão cumprindo, como “nobres varões”, um contrato social, estão fazendo um “favor” à sociedade e merecem, portanto, a sanção positiva do reconhecimento”. Homossexuais, negros, e, especialmente as mulheres, ao não cumprirem certos contratos sociais, são os responsáveis pela merecida sanção negativa que sofrem.

²⁶ A persuasão pode ser definida como “o processo simbólico no qual os comunicadores procuram convencer outras pessoas a alterar as suas atitudes ou comportamento em relação a um assunto através da transmissão de uma mensagem, num ambiente de liberdade” (Perloff, 2003: 8). A Retórica é, assim, uma atividade persuasiva procurando influenciar e moldar a forma como alguém perspectiva ou age sobre determinado assunto. (MATEUS, 2018, p.14).

Os discursos intolerantes sempre existiram, mas tomam outra dimensão dado o poder de difusão e abrangência da internet – principalmente das redes sociais:

Os discursos intolerantes em geral e os discursos na internet, também em geral, caracterizam-se pelo excesso: de intensidade, de tensão passional, de extensão, de complexidade. Dessa forma, os discursos intolerantes e preconceituosos na internet ampliam esses excessos e constroem as ondas, ou melhor, os tsunamis de ódio de que imprensa e sociedade tanto falam nos tempos atuais. (BARROS, 2016, p. 13).

Nas redes sociais, esses discursos são disseminados por meio de curtidas, comentários e compartilhamentos. Teixeira (2013) argumenta que a tecnologia permitiu que as pessoas assumissem esse caráter mais participativo, na medida em que as redes sociais e mídias diversas permitem a socialização e interação de diferentes pessoas, com as mais variadas opiniões.

Conforme Galli (2012, p. 14), “Os arquivos eletrônicos, pela fluidez que os constitui, constituem-se marcados pelos efeitos de permanência e instabilidade, inscrevem outra relação (de desestabilização) com o tempo e o espaço, funcionam discursivamente como lugares provisórios e de ancoragem para o sujeito.”

Cada novo acesso à rede possibilita um novo nome, uma nova identidade que plasma de acordo com a vontade e o interesse que o internauta possui no contato com o outro. Em meio a contemporaneidade essa possibilidade parece mais palpável do que nunca, pois, com esse aparato tecnológico, o sujeito tem a possibilidade de exercer várias posições ao mesmo tempo, amparado pelos efeitos de anonimato e de liberdade que o espaço digital parece atribuir a ele.

É nas redes sociais que os indivíduos materializam suas representações de identidade, reais ou desejadas. O meu “eu virtual” pode expressar livremente seus pensamentos, sentimentos e opiniões. Conforme Cardozo (2016), é a sensação de que a “*persona virtual*” tudo pode, que não há limites ou sanções a qualquer tipo de manifestação. É o conceito de liberdade de expressão entendido em sua forma mais danosa no qual a intolerância rompe a censura moral e dá-se o direito de manifestar a “sua vontade”. Destacamos, como exemplo dessa suposta isenção de responsabilidade, alguns dizeres sobre atacar, ameaçar e exteriorizar preconceitos contra determinados grupos, como homossexuais, negros, nordestinos (MOREIRA, BASTOS e ROMÃO, 2012).

Segundo Schäfer (2015, p. 147), os discursos de ódio podem se manifestar velada ou explicitamente:

Rosenfeld (2001) realiza importante distinção do ponto de vista conceitual dividindo o fenômeno em *hate speech in form* e *hate speech in substance*. O *hate speech in form* são aquelas manifestações explicitamente odiosas, ao passo que o *hate speech in substance* se refere à modalidade velada do discurso do ódio. O *hate speech in substance* pode apresentar-se disfarçado por argumentos de proteção moral e social, o que, no contexto de uma democracia em fase de consolidação, que ainda sofre com as

reminiscências de uma ditadura recente, pode provocar agressões a grupos não dominantes. Ele produz violência moral, preconceito, discriminação e ódio contra grupos vulneráveis e intenciona articuladamente a sua segregação.

Como exemplo disso expomos os dados de pesquisa realizada pela CEPLIR – Centro de Promoção da liberdade Religiosa & Direitos Humanos, entre o período de julho de 2012 a setembro de 2015, no qual foram registrados 1014 casos e entre setembro e dezembro de 2015 foram 66 denúncias. Cabe destaque que, no primeiro período 71,2% são de violência contra religiões afro-brasileiras. O segundo período envolve religiões islâmicas e de matriz africana (Candomblé). Segundo a sondagem o perfil das vítimas entre os anos de 2011 e 2015 envolvem crianças e adolescentes no maior número de casos de intolerância religiosa, seguido pelos LGBTs²⁷. “Interessante ressaltar o grande número de casos caracterizados por “outros”, o que nos leva a pensar na necessidade de haver uma melhor apuração dos casos por parte dos órgãos que recebem as denúncias.” (VELASCO, 2017, p.206). A abordagem das pesquisas revela que, infelizmente, o preconceito não envolve apenas a opção religiosa das vítimas; a discriminação de ordem social e racial encontram-se, igualmente, presentes.

Por fim, ao apresentarem a questão etnoracial como fundo diretamente ligado ao problema da Intolerância religiosa acertam em cheio. Há sem dúvidas um fator mais profundo na Intolerância religiosa, uma questão identitária forte que marca os religiosos dessa ou daquela crença consideradas como inferiores. As religiões afro-brasileiras, por exemplo, são desde o início do século XX apresentadas nos jornais em decorrência da repressão sofrida, como religião de “incautos”, “religião de preto”, “magia negra” entre tantos outros adjetivos sempre evidenciando a “cor da crença”, para além da cor da pele dos religiosos. (VELASCO, 2017, p.209).

Conforme o psicanalista Contardo Calligaris (2017, p.2) doutor em psicologia clínica e autor de diversos livros, a disseminação dos discursos de ódio passa pela compreensão daquilo que pode ou não ser dito. "Deveríamos ter limites claros ao que é o campo da liberdade de expressão, que é intocável, e o momento em que aquilo se torna uma ameaça."

Em parte, essa diluição de limites, de responsabilidades e de noções éticas é reflexo da sociedade na qual vivemos. Um mundo sombrio no qual a efemeridade das conexões, sejam físicas ou manifestas nas redes sociais, a facilidade de “desligar-se” e a dificuldade de estabelecer e manter relacionamentos de longo prazo parece validar a intolerância. Esse cenário leva a não preocupação com o outro, com o impacto do que se faz ou diz ao outro, com o pensamento do outro, enfim, com as alteridades. Talvez porque ainda não tenhamos, enquanto sociedade, nos dando conta de que:

²⁷ É uma sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Em alguns locais no Brasil, o T, que representa a presença de travestis e transexuais no movimento, também diz respeito a transgêneros, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero não se alinha de modo contínuo ao sexo que foi designado no nascimento.

somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas (BAUMAN, 2001, p 73).

Nesse processo de discussão e reflexão, ao logo desse capítulo, certamente houve uma tendência a discutir valores, em especial, aqueles referentes ao preconceito e à discriminação. Além disso, pressupomos que poderá haver a oportunidade de, mesmo em meio aos conflitos, expor os sentimentos e opiniões de ambos os lados na expectativa de que resultem em formas mais tolerantes de resolução. Contudo, consideramos que, para além desse trabalho de elucidar reflexivamente os conflitos cotidianos que circunscrevem os discursos de preconceito, intolerância e discriminação, é necessário buscar estratégias que se voltem para a tolerância e o respeito às crenças e práticas daquele que é apenas “diferente”.

A convivência do *Homo sapiens* e dos seus diferentes grupos sociais, nem sempre foi pacífica. A intolerância tem sido manifestada de forma evidente em relação ao gênero, às etnias, orientação sexual, padrões físicos e estéticos, e também, às diferentes crenças religiosas. A propósito, a intolerância religiosa pode até causar comoção para significativa parcela da população brasileira decorrente do fato que se percebe, notadamente, uma relativa equidade e tolerância religiosa entre os mais variados grupos religiosos aqui constituídos. Contudo, cabe destaque que inúmeros conflitos e incontáveis guerras foram e ainda continuam sendo defendidas em nome de uma determinada crença ou grupo religioso. Inequívoco que se trata de um problema complexo, pois estes confrontos não são motivados de forma exclusiva por determinadas premissas religiosas, mas se somam a elas razões de ordem econômica, social, política, cultural, entre outras.

Em meio a diversidade religiosa é, pois, imprescindível questionar se a religião é o meio pelo qual os indivíduos anseiam concretizar sua busca espiritual que lhes garanta harmonia social/familiar e paz interior. Caso a resposta seja afirmativa, o que levaria os sujeitos a discriminar, ofender, agredir e, no último grau de intolerância, inclusive matar? Qual o elemento norteador para justificar a violência contra os seus semelhantes mesmo que diferentes? De onde procederia a autoridade moral ou a legitimação para agir dessa maneira?

Ribeiro (2009) apresenta etapas ou bases para o exercício da tolerância. Em primeiro lugar, levar em consideração aquilo que os sujeitos trazem consigo em relação aos seus valores, experiências, memórias, rituais, símbolos; num segundo momento, propiciar espaços de discussão e de acolhimento, num movimento que sai de si e abre-se ao outro e à sua prática de fé. E por fim, partir da possibilidade de explorar contextos que envolvam religiosidade e a

prática de fé. Partindo da premissa que a “religiosidade é uma característica ‘naturalmente’ humana pode-se promover uma aproximação entre a diversidade religiosa e algumas conquistas da modernidade, como a ética de um universo humano, transreligioso e transfilosófico.” (RIBEIRO, 2009, p. 242). A promoção do diálogo inter-religioso como possibilidade para uma educação para a alteridade e para a tolerância é um processo que acompanha a evolução do homem. Para tanto, se faz necessário uma educação que respeite as diferenças, pois as “religiões não são apenas genuinamente diferentes, mas também autenticamente preciosas.” (TEIXEIRA, 2006, p. 35).

Os discursos intolerantes lançam, enfim, o desafio de como encarar essas manifestações diante do cenário atual. O Estado parte da premissa da laicidade e entende que a questão possui foro privado e não público. A maior parte das minorias, especialmente aquelas voltadas à prática e defesa de “sua” crença possui pouca ou nenhuma representação política nos espaços do poder. Some-se ainda a dificuldade de identificação, responsabilização e condenação daqueles que cometem tais ilícitos e o panorama está posto. A simples sanção àqueles que propagam discursos de ódio e intolerância não irá mudar sua ideologia ou opiniões. A construção diferente, em que o respeito ao outro efetivamente se faça valer, passa pelo enfrentamento a discursos de ódio de qualquer natureza, e a materialização dessa “utopia” depende de ações concretas que semeiem o contradiscurso a tais manifestações.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

No decorrer deste capítulo, abordaremos a metodologia da pesquisa, apontando o tipo de pesquisa que ora se delinea, os sujeitos da pesquisa, as estratégias utilizadas para coleta e análise dos dados, bem como os passos seguidos para o desenvolvimento da mesma.

4.1 Sobre o tipo de pesquisa

“A má teoria é aquela que tenta tomar o lugar dos fatos, dizendo-se mais importante que eles” (Kurt Lewin)

Este estudo trata-se de uma pesquisa-ação, de natureza qualitativa. A pesquisa-ação teve origem com os trabalhos de Kurt Lewin²⁸, ao qual se atribui também a autoria do termo. Além da contribuição social, o trabalho de Lewin sobre pesquisa-ação foi considerado inovador por seu caráter participativo e democrático. Entendemos ser particularmente difícil de definir, em todo o seu espectro, o que é pesquisa-ação, segundo Tripp (2005, p.445), por “duas razões interligadas: primeiro, é um processo tão natural que se apresenta, sob muitos aspectos, diferentes; e segundo, ela se desenvolveu de maneira diferente para diferentes aplicações.”

A priori uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte dos sujeitos implicados no processo investigativo. Para alcançar o objetivo proposto na pesquisa-ação no sentido de estabelecer uma relação entre o pesquisador e os sujeitos implicados na situação investigada e destes com a realidade, Thiollent (1984) diz ser necessário: uma explícita interação entre o(os) pesquisador(es) e envolvidos na pesquisa e que esta não se limita a uma forma de ação ativista (com viés radical ou reducionista), mas se propõe a expandir o campo de conhecimento dos pesquisadores e a ação e o nível de consciência dos sujeitos que participarem do processo, bem como contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p. 446).

²⁸ Kurt Lewin (1890-1947) nasceu em Mogilmo, Alemanha, doutorou-se em Psicologia pela Universidade de Berlim, onde também estudou Matemática e Física. Foi professor de Psicologia Infantil na Child Welfare Research Station, em Iowa, até 1944. Trabalhou no MIT – Instituto de Tecnologia de Massachusetts, fundando o centro de pesquisa National Laboratories for Group Dynamics.

A pesquisa-ação, sob outro enfoque, envolve um processo empírico Baldissera (2001) que compreende a identificação do problema dentro de um contexto social e/ou institucional, o levantamento de dados relativos ao problema e, a análise e significação dos dados oriundos dos sujeitos da pesquisa. A pesquisa-ação intervém na prática no sentido de provocar a mudança de conceitos e ou pontos de vista.

Em consonância a Engel (2000) a pesquisa-ação possui algumas características essenciais como o processo de intervenção com vistas à mudança situacional ou comportamental, o feedback e o caráter cíclico. De acordo com Engel (2000, p. 184), “a pesquisa-ação [...] procura diagnosticar um problema específico numa situação também específica, com o fim de atingir uma relevância prática dos resultados”.

A metodologia qualitativa preocupa-se em “analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.” (MARCONI e LAKATOS, 2006, p.269). A pesquisa-ação coloca-se então, como uma importante ferramenta metodológica capaz de aliar teoria e prática por meio de uma ação que visa à transformação de uma determinada realidade; no nosso caso, a existência ou não de preconceitos frente às práticas religiosas do outro, evidenciadas nos discursos dos alunos-sujeitos desta pesquisa.

Segundo Bogdan e Biklen (1982), o estudo qualitativo é “naturalístico”, uma vez que a situação problema foi objeto de pesquisa no ambiente em que ela ocorre. Esse é um aspecto importante na caracterização da pesquisa como “qualitativa”. O olhar da pesquisa sobre os acontecimentos “naturais” permite a revelação das opiniões e pontos de vista dos sujeitos envolvidos, com enfoque em suas perspectivas. Desse modo, “[...] ao considerar os diferentes pontos de vista dos participantes, os estudos qualitativos permitem iluminar o dinamismo interno das situações, geralmente inacessível ao observador externo” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 12).

De acordo com Bogdan & Biklen (1982, p. 48), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados “predominantemente descritivos”, por compreender muitas descrições de pessoas, de situações, transcrições de entrevistas, de depoimentos e outros tipos de documentos. Em função desse fato, “[...] os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números”. A nossa pesquisa teve como base para coleta de dados o formato de um questionário constituído de dez questões. Essas questões foram divididas em objetivas e subjetivas, sendo a última de múltipla escolha. O processo de análise consiste num vínculo entre os elementos

presentes no questionário inicial e final e os pressupostos teóricos que orientam a nossa investigação, com a expectativa que possa gerar a construção de novos significados\práticas e possibilitar futuras pesquisas nessa área. A opção por este procedimento metodológico não significa a invalidação dos demais.

Outro componente que ratifica o caráter qualitativo da pesquisa é que a sua “[...] preocupação com o processo é muito maior do que com o produto” (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p.12). O nosso foco de interesse se dá no sentido de constatar se existe ou não preconceitos, no meio acadêmico por parte dos alunos da disciplina de Cultura Religiosa da Ulbra²⁹ Campus Carazinho, no que se refere às práticas religiosas de denominações que não as suas.

4.2 Sobre os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são alunos da disciplina de Cultura Religiosa matriculados em 2018\1. Do total de 97 alunos, foram excluídos os menores de idade (11 no total) e, do restante, 50 sujeitos optaram por responder ao questionário, após a leitura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e orientação do professor titular da disciplina.

Depreendemos que as manifestações dos sujeitos da pesquisa são apresentadas com certo grau de espontaneidade e de acordo com os conhecimentos prévios ou convicções que possuem e expressam no momento de responderem à pesquisa.

Pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.70).

Mesmo considerando-se a influência sempre presente da subjetividade, o questionário foi concebido, em sua complexidade, de forma a revelar se há ou não preconceitos inerentes às

²⁹ A Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) atua há mais de 45 anos e integra a Rede Ulbra de Educação, sendo uma marca utilizada pela sua mantenedora, a Associação Educacional Luterana do Brasil (AELBRA), em todas as 15 unidades de educação básica e 15 de ensino superior localizadas no Sul, Norte e Centro-oeste do país. Com nove campi universitários no Rio Grande do Sul e mais de 80 polos de educação a distância (EAD) distribuídos nas diversas regiões brasileiras, a Ulbra assume como missão ser comunidade de aprendizagem eficaz e inovadora. E, para isso, a Instituição se reinventa, acompanhando as mudanças da sociedade e impactando as comunidades pelas ações geradas nas parcerias com empresas e instituições públicas e privadas. O Campus Carazinho teve início em 16 de agosto de 2000 e, em 2018\1, conta com 15 cursos presenciais e 21 na modalidade EAD além da oferta de especialização Lato Sensu presencial e EAD. São 2080 alunos matriculados oriundos de 92 municípios da região sul do País.

concepções religiosas dos sujeitos respondentes.

No decorrer das atividades, ao longo do semestre 2018\1, procuramos mediar as discussões e debates no sentido de que todos os sujeitos fossem considerados.

Cabe ressaltar que o estudo qualitativo, ao observar e tentar compreender os sujeitos, insere o foco de investigação em uma perspectiva mais ampla, pois julga observar as situações em sua complexidade e diversidade, sem perder de vista os seus componentes e influências das diversas origens culturais e ou de cunho religioso. Procura-se, por meio da abrangência dessas observações (FREITAS, 2002), compreender os sujeitos e, por conseguinte, compreender o contexto no qual estão imersos. É a compreensão sobre o contexto e sobre os seus sujeitos, que garante a visão do todo e abre possibilidades para que se compreenda as suas particularidades.

4.3 Sobre os passos da pesquisa

Como parte integrante do processo inicial de pesquisa, primeiramente procedemos à submissão do referido projeto na Plataforma Brasil via CEP – Comitê de Ética e Pesquisa da UPF -Universidade de Passo Fundo, que foi aprovado, conforme parecer substanciado de nº 2.572.559 (Anexo 01). Posteriormente, procedeu-se à reunião inicial explicativa junto à turma de Cultura Religiosa para explanação acerca da natureza da pesquisa, sua abrangência e finalidade a que ela se destina. Efetuamos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 2), que norteia a nossa área de atuação. Esta fase caracterizou-se pela delimitação do campo de observação e da população aos quais se aplicava o estudo, tendo este sido desenvolvido na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – Campus Carazinho para o qual contamos com o incentivo de sua reitoria. O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação e autorização do Comitê Gestor da Unidade e Coordenação Acadêmica do Campus. Não houve negativas ou impedimentos quanto à realização da atividade.

Após a manifestação de ciência dos alunos que se dispuseram a participar da pesquisa, procedemos à aplicação do questionário inicial. O questionário está estruturado em 10 tópicos. Os cinco primeiros (questões 01 a 05) possuem caráter objetivo quantitativo e se propõem a identificar o sujeito da pesquisa, sexo, idade, estado civil, município de residência e sua tradição religiosa de origem. As questões 06 a 09 possuem caráter subjetivo e questionam sobre a influência da família na opção religiosa do sujeito; qual o papel que a religião ou crença possui para o sujeito da entrevista; se conhece práticas\preceitos de outras religiões? Quais? O que sabe sobre elas? E por fim, se há tem algum tipo de restrição em relação a alguma religião ou prática religiosa? E, finalmente, se poderia citar quais são os motivos da restrição e em que

medida isso o afeta\incomoda. A questão 10 é de múltipla escolha, nela o entrevistado deve realizar suas escolhas, assinalando Sim (S) ou Não (N), a partir da relação entre as informações dispostas na linha vertical (numeradas de 01 a 10) e na linha horizontal, onde estão citados os cinco grandes grupos religiosos com representação no Brasil.

Questionário:

1. Sexo:

() Masculino () Feminino

2. Idade atual: _____

3. Estado Civil: _____

4. Local de residência: _____

5. Em relação à religião, você diria que é:

() Ateísta

() Agnóstico

() Acredito em Deus mas não sigo nenhuma religião

() Católico

() Católico não praticante

() Espírita kardecista

() Protestante (evangélico, batista, mórmon, calvinista, luterano ou outra)

() Praticante de religião afro-brasileira (umbanda, candomblé, quimbanda, batuque)

() Pentecostal. Qual? _____

() Tenho outra religião. Qual? _____

6. Qual é a influência religiosa da família na sua vida

7. Qual o papel que sua religião ou crença tem para você?

8. Você conhece práticas\ritos de outras religiões? Quais? O que sabe sobre elas?

9. Você tem algum tipo de restrição em relação a alguma religião ou prática religiosa? Poderia citar quais e por quê?

10. Responda a esta questão com o primeiro sentimento que lhe ocorrer. Não baseie sua escolha simplesmente no melhor ou pior indivíduo que você conheça, mas na sua visão do grupo como um todo. Múltipla escolha, marque Sim (S) ou Não (N)

| Você aceitaria ter pessoas destes grupos como: | Ateus | Católicos | Protestante Reformada | Pentecostais | Espiritualistas |
|---|-------|-----------|-----------------------|--------------|-----------------|
| 1. Familiar (marido, esposa, filho (a), irmão, irmã) | | | | | |
| 2. Parente (genro, nora, padrasto, madrastra, enteado (a), cunhado (a)) | | | | | |
| 3. No meu grupo de amigos, ou como amigos de meus filhos | | | | | |

| | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|
| 4. Como doadores de sangue ou de órgãos, caso você ou alguém da sua família venha a necessitar | | | | | |
| 5. Como vizinhos, morando na mesma rua ou prédio | | | | | |
| 6. Como colegas ou parceiros de trabalho ou de estudo | | | | | |
| 7. Como empregados na minha casa, na minha empresa ou na minha propriedade | | | | | |
| 8. Como cidadãos do meu país | | | | | |
| 9. Sinto-me incomodado com suas práticas ou regras de fé | | | | | |
| 10. Evitaria manter contato | | | | | |

A expectativa inicial com a aplicação do questionário foi aferir se entre os respondentes da pesquisa há ou não algum tipo de preconceito de natureza religiosa quanto às doutrinas e práticas de religiões desconhecidas por eles. Esse mesmo questionário será, ao final do processo, aplicado novamente aos alunos, de modo a observar se as práticas realizadas durante a pesquisa-ação surtiram efeitos positivos, ou não.

Além dos questionários, também a observação participante serviu como modo de coleta de dados. Isso porque, em se tratando de uma pesquisa-ação, as manifestações dos sujeitos durante o processo de pesquisa são ricas como fonte de dados. Tendo em conta que, durante as atividades a serem desenvolvidas, haverá debates, exposições, apresentações sobre práticas religiosas de diferentes ordens, é possível que, nessas manifestações, se evidenciem discursos importantes a esta pesquisa.

Obviamente que a figura do professor titular da disciplina, mesmo que não de forma explícita, tende a influenciar nas respostas dos sujeitos às questões e atividades desenvolvidas. A atividade de pesquisa-ação está intimamente ligada à prática reflexiva, pois a experiência prática possui amplo valor formativo para o professor, tendo os alunos como sujeitos capazes de compreenderem a realidade, respeitando a opção do “outro”, distinta da sua e aprendem mais ativamente quando estão inseridos nesse processo. Contudo, temos ciência de que a “efígie” do educador pode ter algum grau de interferência no resultado final.

O passo seguinte, após a aplicação do questionário, foi a definição do roteiro de pesquisa acerca de algumas religiões citadas no relatório inicial e a escolha dos grupos de alunos para a

futura exposição. De acordo com o planejamento, foram definidos quatro encontros para as apresentações e socialização da pesquisa sobre as religiões. A cada encontro, conforme a ordem numérica crescente, cinco grupos de alunos deveriam expor sobre tradições religiosas que pesquisaram, no prazo limite de até 30 minutos, discorrendo sobre a origem, doutrinas e práticas, relação ou não com o cristianismo e aspectos positivos ou negativos da tradição religiosa, objeto de sua pesquisa. Estas exposições dos alunos serão fruto de exame pormenorizado no capítulo referente a análise.

As respostas descritivas do questionário foram analisadas com base nos postulados da semiótica discursiva, mais especificamente procurando observar se nos discursos dos estudantes se reiteram traços temáticos de preconceito/discriminação quanto a outras religiões. As respostas objetivas da questão 10 também auxiliaram nesse processo, como se verá no capítulo que segue, onde passamos a explicar a análise.

Numa perspectiva mais abrangente, é também à luz da semiótica que vamos interpretar os fatos/discursos observados durante o processo de aplicação das propostas didáticas elaboradas, uma vez que estes discursos também são significativos à pesquisa.

Fora do texto, a semiótica continua! De fato, além e aquém da análise da significação investida nos textos e nos discursos, a semiótica (especialmente a de origem greimasiana) pretende hoje dar conta de como o sentido emerge também das práticas mais diversas, de nossas relações vividas com os objetos que nos circundam ou dos quais fazemos uso, numa palavra, da vida cotidiana nas suas múltiplas dimensões, inclusive a do sensível. Para isso, a disciplina teve que se desenvolver como uma teoria geral da geração do sentido na *interação*. (LANDOWSKI, 2014, p. 10)

Dessa forma, o capítulo que segue, destinado à análise dos dados e relato da proposta de intervenção, vem assim organizado:

- 1º) análise das respostas dos estudantes ao questionário inicial, com vistas a verificar as temáticas relacionadas a preconceitos.
- 2º) descrição das propostas de intervenção aplicadas aos alunos e análise dos discursos apreendidos durante a pesquisa-ação.
- 3º) análise do questionário final, aplicado aos alunos após o desenvolvimento de todas as atividades previstas no estudo.
- 4º) cotejo entre as respostas do questionário inicial e final.

5 ANÁLISE DOS DADOS E INTERVENÇÃO APLICADA

5.1 Análise inicial

Ao longo deste capítulo, apresentaremos o contexto desencadeador da pesquisa através da análise dos dados e intervenção aplicada.

Começamos com a análise do questionário inicial aplicado aos alunos. As questões 1 a 4 fornecem subsídios para traçar um perfil do público respondente, como: sexo, idade, estado civil e município de origem. O tópico seguinte, questão 5, traz a tradição religiosa de origem, que será analisada percentualmente em relação ao público respondente. As questões 6 a 9 trazem opiniões de caráter subjetivo e pessoal que indagam sobre a relevância da influência familiar na escolha da religião, qual o papel que a crença tem para o sujeito da pesquisa, também perguntam sobre o conhecimento dos sujeitos acerca de outras práticas religiosas. A questão 10 é de múltipla escolha e permite a resposta com (S) Sim ou (N) Não frente às práticas dos seguintes grupos: ateus, católicos, protestantes reformados, pentecostais e espiritualistas³⁰ de matriz africana ou com sua origem em nosso País.

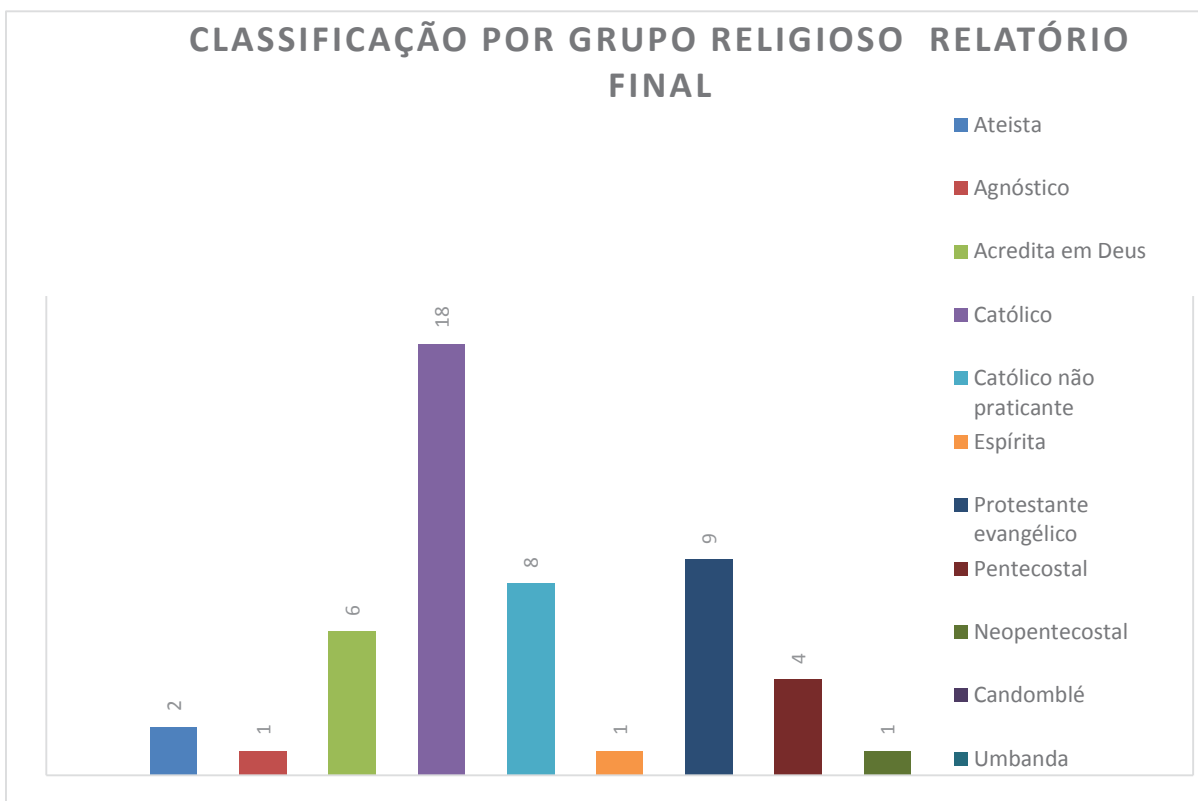
Sobre o perfil dos alunos, os dados apontam que, dos municípios de origem, o município de Carazinho é responsável por 54% da amostra e, ao lado de Soledade e Não Me Toque, contribui com 72% do total. O restante dos dez municípios compreende, individualmente, um percentual variável entre 1% a 2% por município. No que diz respeito ao estado civil, o público feminino solteiro é maioria com 62% e idade entre 18 a 24 anos correspondendo a 72% da amostra. A participação do público masculino solteiro é de 20% e os casados correspondem a 10%. A amostra de idade dos dois públicos varia de 18 anos a 49 anos com concentração de 78% na faixa entre 18 e 30 anos.

Um exame inicial destes dados permite algumas considerações: a) a maioria absoluta do público é solteiro e do sexo feminino; b) a faixa etária até 20 anos correspondente a 50% dos sujeitos, público eminentemente jovem e ingressante na IES e, em nível de formação, entre o primeiro e terceiro semestre de seu curso de graduação; c) a maioria dos estudantes residem no município de Carazinho.

³⁰ A Umbanda, o Candomblé e o Espiritismo são religiões espiritualistas que contêm em seus dogmas a crença na espiritualidade e na comunicação dos espíritos com os encarnados. Todas possuem princípios fundamentais idênticos no tocante à aceitação da evolução progressiva do espírito, na influência dos espíritos sobre as pessoas, na lei de causa e efeito, na pluralidade dos mundos habitados, na prática da caridade e na lei que rege o processo de reencarnação. Contudo, no campo espiritualistas da referida tabela o foco está nas religiões de matriz africana. O espiritismo ou kardecismo não foi incluído nesta análise. Quando da leitura do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o entrevistador, objetivamente, destacou essa distinção.

Em sequência, apresentamos os dados do gráfico que indicam sobre a origem religiosa dos sujeitos da pesquisa.

Gráfico 1 – Dados por grupo religioso sujeitos da pesquisa



Fonte: Questionário inicial/final

Do total de respondentes, 36% declararam ser católicos; 18% de tradição protestante reformada e ou evangélica; 16% católico não praticante; 12% acredita em Deus, mas não segue nenhuma religião; 10% são oriundos de igrejas pentecostais tradicionais e neopentecostais; 4% ateístas; 2% agnósticos; 2% espírita kardecista e nenhuma participação de praticantes das religiões como Candomblé e a Umbanda.

As questões 6 e 7 inquerem **sobre a influência religiosa da família e a importância da crença em sua vida**. Após análise das respostas dos sujeitos, notamos que há uma relação intrínseca entre estas duas assertivas e um nível de gradação que indica a maior ou menor influência da família e da crença de sua tradição religiosa. Apontamos alguns recortes de caráter positivo e outros que sugerem neutralidade ou mesmo nenhuma interferência do grupo familiar ou de tradição religiosa. Por questões de privacidade e conforme orientação do TCLE, mantemos o sigilo dos sujeitos e os identificamos como A – acadêmico e numericamente seguindo a ordem de posição em número crescente:

A família é a base de tudo, então a influência da família faz com que sigamos o mesmo caminho. (A1)

Minha família é bastante religiosa no modo pentecostal e a influência deles é positiva porque me ensina o certo e amar a Deus. (A2)

Eles são católicos, porém não praticam muito. Eles têm uma posição neutra. (A26)

Nenhuma. Cada um tem uma religião e respeita as demais. (A30)

Não. Nenhuma pois não somos praticantes na igreja onde fomos batizados. (A31)

Na minha família a religião não interfere em nada. (A37)

Com relação a importância da crença, a maior parte dos sujeitos dá respostas de afirmativas:

Não possui nenhum papel significativo. (A6)

Papel importante na minha conduta diária. (A8)

Uma base. Algo para crer. Alguém “imaginário” para conversar, para ajudar. (A9)

O papel que ela me faz sentir bem e me deixar com paz e tranquilidade e me faz ser uma pessoa diferente. (A10)

É muito importante em algumas escolhas em minha vida, apresenta um grande conforto, um refúgio. (A11)

A grande maioria dos participantes destaca a importância da estrutura familiar e da crença e seus reflexos com relação à identidade e aos princípios e valores morais, éticos e, igualmente, aqueles de caráter religioso. Entretanto, não foi perceptível algum grau de intolerância ou preconceito referentes a esses tópicos e optamos por ultimar nosso exame relativo a essas questões.

A questão 8 traz a seguinte indagação: **Você conhece práticas\preceitos de outras religiões? Quais? O que sabe sobre elas?**

Algumas das respostas a essa questão denotam um certo grau de intolerância que nada mais é do que uma reação mais instintiva do não reconhecimento do Outro.

Sim. Mórmons. Tem um padrão de vestimenta, não tomam café. Evangélicas não cortam o cabelo. Adventistas: o sábado é o dia sagrado. (A6)

Ateísta, católico, espírita e pentecostal. Não tem crença em algum Deus, tem céu e inferno, acredita em Alan Kardec, proíbe as pessoas de algumas vestes e de usar televisão. (A7)

Sim. Oferendas ao inimigo. (A10)

No âmbito da amostra uma parcela significativa dos sujeitos demonstrou não apenas conhecer práticas e preceitos de outras tradições religiosas como enfatizou, de alguns grupos

religiosos, suas práticas e dogmas, com teor pejorativo, discriminatório ou negativo. As partes grifadas corroboram, sob nossa ótica, um estilo de discurso passional e preconceituoso, nos termos do que define Barros:

Quanto às modalizações, aspectualizações e moralizações discursivas, de que decorrem as paixões construídas nos discursos, pode-se observar que os discursos intolerantes são fortemente passionais, que seus sujeitos são sempre sujeitos apaixonados [...] (BARROS, 2016, p.2).

A intolerância é fruto da ignorância, do medo do desconhecido, como uma forma de imposição da “sua” verdade. Já a tolerância advém do conhecimento e do respeito à liberdade. A prática intolerante nega o outro, como um verdadeiro humano, excluindo-lhe, causando-lhe mal. Em qualquer sociedade, o conceito de “humano” fica restrito aos membros do grupo. O outro é visto como diferente por sua cultura, perspectivas, atividades, crenças, entre outros. Segundo Gabatz (2015) essa é a ideia-chave: negar o outro, rejeitar aqueles que não são iguais nem pensam igual. De preferência eliminar suas ideias, seu modo de ser e suas influências, pois assim já não se constituem uma ameaça e nossas ideias são as que predominam. Contudo, essa exclusão não é, necessariamente, física. Pode ser simbólica também e atuar de diferentes modos através da inferiorização, da indiferença, da desmoralização do outro. Importante destacar que passa sempre por uma ação e torna-se um dos caminhos que levam à intolerância.

A questão 9 traz a seguinte indagação: **Você tem algum tipo de restrição em relação a alguma religião ou prática religiosa? Poderia citar quais e por quê?**

Nas respostas a esta questão, 21 sujeitos (42% da amostra) afirmaram ter algum tipo de restrição a alguma religião ou prática religiosa. Os motivos restritivos são os mais diversos e envolvem práticas secretas da Maçonaria, a proibição de doação e ou transfusão de sangue das Testemunhas de Jeová, a questão do sacrifício de animais e práticas obscuras dos Cultos Afro-brasileiros e a ênfase no materialismo de algumas igrejas neopentecostais.

Me incomoda algumas igrejas que pedem dinheiro em troca de favores de Deus, não aceito, mas respeito. (A5)

Sim, umbandistas porque fazem oferendas a deuses pagãos. (A21)

Sim, tenho restrição a qualquer religião ou prática religiosa que use a fé das pessoas para fins lucrativos próprios ou da própria religião. (A31)

Não gosto a forma que a umbanda e candomblé colocam suas práticas, mas respeito. (A32)

Sim. A religião afro brasileira não me identifico com as práticas e cultos. Não gostaria de participar desta religião. (A33)

Testemunhas de Jeová não pode doar sangue. Acho errado, porque ninguém sabe o dia de amanhã, e pode ser que você precise de sangue. (A43)

Tenho restrição somente aquelas religiões que fazem sacrifícios de animais. (A46)

Apenas as que usam animais para rituais. (A47)

Sem desconsiderar os recortes de caráter negativo, evidenciaram nas respostas discursos também de respeito e aceitação. Há sujeitos que declararam não possuir restrições a nenhum tipo de religião em específico e entenderem ser parte constituinte do livre arbítrio a escolha e ou prática da tradição religiosa de cada um:

Não tenho restrições. Apenas não compartilhamos da mesma crença. (A12)

Não tenho nada contra nenhuma religião ou a quem pratica, mas não tenho pretensão de participar de nenhuma. (A26)

Não. Aceito cada um com seu cedo particular para podermos viver em paz. Na premissa de que Deus nos disse: “Amai-vos uns aos outros como vos amei.” (A29)

Não possuo restrições, pois como cidadão de uma país livre de religiões tenho direito de ter minha crença e isso não me dá o direito de criticar ou ter preconceito sobre as religiões dos demais, pois todos são livres para crer e cultivar o que lhe achar por verdade. (A47)

A partir da análise desses trechos, podemos depreender que neles se manifestam discursos de respeito à diversidade e liberdade religiosa. Contudo, se há diversidade e liberdade religiosas, por que a intolerância se mantém? Talvez porque a lógica da intolerância permaneça intacta; porque, às vezes, pela sua sutileza, seja difícil de ser identificada; porque se manifesta tão logo os atores sociais se sintam ameaçados nos seus interesses ou em risco na sua zona de conforto; “ porque desaprova as crenças e convicções do outro e quer impor as suas; porque ao conjugar poder e legitimidade, nega a humanidade do Outro; porque quer eliminar e destruir o Outro; porque quer impedir que o outro leve sua vida como bem entenda.” (AQUINO e SILVA, 2017, p.118).

Na última pergunta feita no questionário (questão 10), os alunos deveriam marcar sim ou não. A pergunta é a seguinte: **Você aceitaria pessoas destes grupos (ateus, católicos, igrejas reformadas, pentecostais e espiritualistas) como: familiar, amigo, vizinho, doador de órgãos, colega de trabalho, empregado, cidadão do mesmo País ou sente-se incomodado com suas práticas e regras de fé e não manteria contato.**

Seguem as repostas dos estudantes à questão 10:

Tabela Questão 10 – Questionário de múltipla escolha

| Você aceitaria ter pessoas destes grupos como: | Ateus | Católicos | Protestante Reformada | Pentecostais | Espiritualistas |
|---|-------|-----------|-----------------------|--------------|-----------------|
| 1. Familiar (marido, esposa, filho (a), irmão, irmã) | N4 | | N | N | N2 |
| 2. Parente (genro, nora, padrasto, madrasta, enteado (a), cunhado (a)) | N3 | | | | N2 |
| 3. No meu grupo de amizades, ou como amigos de meus filhos | N3 | | N | N | N2 |
| 4. Como doadores de sangue ou de órgãos, caso você ou alguém da sua família venha a necessitar | N3 | N | N | N | N2 |
| 5. Como vizinhos, morando na mesma rua ou prédio | N3 | | | | N2 |
| 6. Como colegas ou parceiros de trabalho ou de estudo | N3 | | | | N3 |
| 7. Como empregados na minha casa, na minha empresa ou na minha propriedade | N4 | N | | | N3 |
| 8. Como cidadãos do meu país | N3 | | | | N3 |
| 9. Sinto-me incomodado com suas práticas ou regras de fé | S17 | S7 | S7 | S12 | S12 |
| 10. Evitaria manter contato | S11 | S4 | S5 | S7 | S6 |

Nessa questão 10, a opção pelo Não (N) nas questões 01 a 08 implicaria algum tipo de discriminação frente às outras religiões. A escolha do Sim (S) denota respeito à diversidade religiosa e suas práticas. Por sua vez, nas questões 09 e 10 ocorre o fator inverso.

A análise dos dados desta questão permite tecer algumas suposições: os três grupos com o maior número de excertos são os ateus, pentecostais e espiritualistas; o maior número de menções é na referência 9 e 10 (sinto-me incomodado com suas práticas ou regras de fé e evitaria manter contato) para as duas tradições religiosas (ateus e espiritualistas) as quais estão envolvidas a questão do incômodo e do contato com essas religiões. Tomando por base o universo de 50 sujeitos constituintes da pesquisa, o percentual de “incômodo” atinge cerca de 1\3 dos entrevistados o que entendemos ser um tópico de análise extremamente importante uma vez que o tema da intolerância se encontra presente.

Um fato que destacamos e merece reflexão é o tópico 9 no que se refere aos ateus. Foram registradas 17 menções com (S) sim nessa questão, o que externa uma posição de inconformidade destes sujeitos no que diz respeito às práticas de fé dos ateus. Entendemos ser um indício da falta de conhecimento ou preconceito quanto às práticas dessa opção de ser “não religiosa”. Mas quais práticas seriam essas partindo do pressuposto que um ateu não comunga e nem frequenta o mesmo espaço religioso de um cristão, seja de qual denominação ele for? O que causa ainda mais surpresa é que essas respostas partem de um público jovem, e que se encontra no meio universitário, no qual a liberdade de expressão, diversidade de opiniões e posições e o direito de fala do outro deveria ser o “dogma” preponderante. Intuímos que há uma confusão entre os conceitos de ateus³¹, agnósticos e os “sem religião”.

Não ter religião não significa necessariamente falta de religiosidade: alguns podem ser ateus, mas há também católicos não praticantes e evangélicos não declarados que não têm práticas religiosas institucionalizadas, ou espíritas - seguidores do francês Allan Kardec - que consideram o espiritismo como uma doutrina filosófica, e não uma religião, além dos esotéricos, entre tantos outros.

Cortella (2005, p. 169) destaca que “[...] a tolerância é uma maneira de oferecer uma permissão para a presença, a existência e a convicção diversa da minha, quase que beirando a noção de ‘autorização subjetiva’ para partilhar vida com aquele ou aquela que não é como eu”. Esta permissão expressa o sentimento e a prática da vida coletiva em uma perspectiva de respeito ao outro.

³¹A origem da palavra Ateu (Atheos) vem do grego e significa “sem Deus”. Os dicionários apresentam o seguinte significado: 1) Que nega a existência de Deus ou de quaisquer outras divindades; Descrente; não demonstra respeito ou consideração por crenças religiosas; que não acredita em nada. A origem da palavra Agnóstico (Agnostos) vem do grego e significa “desconhecido” ou “não cognoscível”. Agnóstico é a pessoa que considera os fenômenos sobrenaturais inacessíveis à compreensão humana. Os agnósticos consideram inútil discutir temas metafísicos, pois são realidades não atingíveis através do conhecimento, já que a razão humana não possui capacidade de fundamentar ou deixar de fundamentar racionalmente a existência de Deus. (NOVAES, 2004, p.324).

Dos diversos sentidos que o termo tolerância adquiriu na modernidade, sobressai um ponto comum: a relação de superioridade e inferioridade entre duas culturas e, portanto, a visão evolucionista e de progresso com sentido único. É o que chamamos de predominância da identidade sobre a diversidade. Quanto à desigualdade, esta é considerada natural, circunstancial ou de responsabilidade de quem se encontra numa posição inferior. Não se relaciona a desigualdade social com o processo de dominação do outro. (CARDOSO, 2003, p. 135-136).

Creemos na possibilidade da convivência humana em que se preserve o direito à individualidade, à liberdade daquele que é diferente de nós. Evidencia-se que a intolerância e o preconceito enunciam a incapacidade de assimilar a pluralidade, isto é, a percepção de que a vida é plural, que existem diferentes modos de coexistir.

É nesse viés que buscamos desenvolver a proposta de intervenção junto aos alunos, com intuito de que conheçam um pouco mais sobre a diversidade de práticas religiosas e procurem refletir acerca da liberdade individual de crença dos sujeitos.

5.2 A proposta didática para o semestre 2018\1

Conforme calendário acadêmico da Ulbra Campus Carazinho (Anexo C, p.119) e plano de atividades das disciplinas de Cultura Religiosa, o semestre 2018\1 está previsto com 60 horas de atividades *in loco* e 08 horas em caráter semipresencial com orientações e atividades na plataforma EAD por meio de fóruns interativos (professor\aluno) para a resolução de dúvidas, interação com os colegas da disciplina e atividades de caráter avaliativo totalizando 68 h\aula. De acordo com plano de atividades da disciplina, no decorrer do semestre 2018\1, do total de 18 encontros presenciais e 04 semipresenciais, 09 encontros presenciais e 01 Fórum de interação *on line* foram dedicados à referida pesquisa. O cronograma abaixo traz em destaque as datas e atividades desenvolvidas como parte da pesquisa.

CRONOGRAMA: O Desenvolvimento refere-se ao desdobramento das aulas, conforme o calendário do semestre. Expressa o detalhamento das abordagens temáticas, aula por aula, presenciais e/ou semipresenciais.

| Calendário | Atividades previstas |
|------------|--|
| 22\02 | Contrato psicopedagógico; Introdução ao tema do Fenômeno Religioso |
| 01\03 | Religião e cultura: sociodiversidade, multiculturalismo, tolerância e inclusão; Religião e suas interfaces com as diferentes ciências. |
| 08\03 | Antropologia; Atividade Avaliativa Parcial 01. |

| | |
|--------------|---|
| 15\03 | Religião como experiência pessoal e universal: espiritualidade e fé; Definição, características, críticas e finalidades da religião; Introdução às grandes religiões politeístas no mundo |
| 22\03 | Explicação acerca da natureza da pesquisa do Mestrado em Letras UPF- PPGL Leitura TCLE Aplicação do questionário inicial |
| 24\03 Sábado | Aula semipresencial: Fórum de interação e discussão sobre a Diversidade Religiosa no Brasil e a questão do Estado Laico Validade do Fórum: 10\07\2018 |
| 05\04 | As grandes religiões do mundo: Cristianismo, origem e expansão; A difusão do Cristianismo: da Igreja Primitiva ao Cisma de 1054; Atividade Avaliativa Parcial 02. |
| 07\04 Sábado | Aula semipresencial: pesquisa bibliográfica e de campo a respeito de um fenômeno religioso ou religião |
| 12\04 | Vida e obra de Jesus Cristo; O ser sobrenatural x personagem histórico Revisão de Conteúdos; Atividade Avaliativa 03 Definição dos passos do roteiro de pesquisa sobre algumas das tradições religiosas citadas no relatório inicial. |
| 19\04 | Término do Processo Avaliativo do Grau 1 Valor Máximo – 7 |
| 26\04 | Devolução G1; Correção da Avaliação; Parábolas de Jesus no Novo Testamento. |
| 03\05 | A Reforma Protestante de 1517: contexto histórico, origem, causas e consequências; Igrejas reformadas e outras denominações (Filme Lutero) Atividade Avaliativa 01 – G2 |
| 08\05 | 1. Escolha de grupos e divisão de tarefas alusivas às religiões citadas abaixo: <u>Tradicionais:</u> <u>Protestantes ou Reformadas:</u> Últimos Dias <u>Pentecostais:</u> <u>Neopentecostais:</u> <u>Reformadas Luteranas:</u> Luterana no Brasil <u>Filosóficas/Espiritualistas:</u> |
| | 1. Igreja Católica Apostólica Romana 2. Igreja Anglicana 3. Igreja Batista 4. Igreja Presbiteriana 5. Igreja Metodista 6. Igreja Adventista 7. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 8. Testemunhas de Jeová 9. Igreja Assembleia de Deus 10. Igreja Deus é Amor 11. Igreja do Evangelho Quadrangular 12. Igreja Brasil para Cristo 13. Igreja Universal do Reino de Deus 14. Igreja Internacional da Graça 15. Igreja Evangélica de Confissão 16. Espiritismo 17. Maçonaria 18. Nova Era |

| | |
|--------------|--|
| | <p>19. Umbanda 20. Candomblé</p> <p>2. Roteiro de pesquisa e apresentação de trabalhos</p> <p>2.1. Origem, início e surgimento da igreja\seita 2.2. Fundador, contexto histórico e datas importantes (Exterior – Brasil) 2.3. Doutrinas – Citar e descrever no mínimo 03. 2.4. Práticas – Festas Litúrgicas ou eventos religiosos em destaque 2.5. Relação com o Cristianismo – Avaliar se a igreja ou grupo religioso pesquisado pode ser incluído no Cristianismo. Argumentar e justificar sua resposta. 2.6. Ponto de vista – Destacar no mínimo um aspecto positivo e, de acordo com a análise pessoal, se houver, um ponto negativo ou crítica relativa ao grupo pesquisado no que diz respeito às suas práticas e ou doutrinas.</p> |
| 10\05 | <p>A realidade religiosa no Brasil na atualidade Temas gerais no campo da religiosidade: culpa, perdão e o conceito de pecado nas tradições religiosas cristãs</p> |
| 12\05 Sábado | <p>Aula semipresencial: pesquisa bibliográfica e de campo a respeito de um fenômeno religioso, religião ou tema de ética aplicada</p> |
| 15\05 | <p>Apresentações de trabalhos sobre religiões no Brasil, fenômenos religiosos e questões éticas.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Igreja Católica Apostólica Romana 2. Igreja Anglicana 3. Igreja Batista 4. Igreja Presbiteriana 5. Igreja Metodista |
| 17\05 | <p>Apresentações de trabalhos sobre religiões no Brasil, fenômenos religiosos e questões éticas.</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Igreja Adventista 7. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 8. Testemunhas de Jeová 9. Igreja Assembleia de Deus 10. Igreja Deus é Amor |
| 24\05 | <p>Introdução ao estudo da ética. Axiologia: o mundo dos valores; Senso moral e consciência moral. Tolerância x intolerância; discriminação e preconceito.</p> |
| 07\06 | <p>A questão da Culpa A Universalidade da Culpa O Conceito de Pecado</p> |
| 14\06 | <p>Apresentações de trabalhos sobre religiões no Brasil, fenômenos religiosos e questões éticas.</p> <ol style="list-style-type: none"> 11. Igreja do Evangelho Quadrangular 12. Igreja Brasil para Cristo 13. Igreja Universal do Reino de Deus 14. Igreja Internacional da Graça 15. Igreja Evangélica de Confissão Luterana |
| 21\06 | <p>Apresentações de trabalhos sobre religiões no Brasil, fenômenos religiosos e questões éticas.</p> <ol style="list-style-type: none"> 16. Espiritismo 17. Maçonaria 18. Nova Era |

| | |
|--------------|--|
| | 19. Umbanda 20. Candomblé |
| 29\06 | Fórum sobre Diversidade Religiosa – Mini auditório |
| 23\06 Sábado | Aula semipresencial: pesquisa bibliográfica e de campo a respeito de um fenômeno religioso ou religião |
| 05\07 | Avaliação de G2 Aplicação do Questionário Final |
| *12\07 | Avaliação Final – Cursos da nova Matriz Curricular |

Na data de 22 de março, ocorreu a explanação sobre o objetivo da pesquisa relacionado ao tema da dissertação e a aplicação do questionário inicial. A partir de então, damos início à proposta de intervenção, que se desenvolveu com base nas seguintes atividades: Fórum on-line acerca da Diversidade Religiosa no Brasil e a questão do Estado Laico; Pesquisa e seminários sobre práticas religiosas das tradições religiosas elencadas no cronograma de atividades; e, como atividade final, o Fórum presencial sobre diversidade religiosa.

Passamos a descrever o desenvolvimento de tais atividades:

a) Atividade 1 (24/3/18): Fórum de interação e discussão sobre a Diversidade Religiosa no Brasil e a questão do Estado Laico (atividade online).

O sistema acadêmico da IES permite, via portal online, acesso a conteúdos das matérias e interação através de fóruns. Como atividade semipresencial, foi criado um Fórum com sobre o tema Estado Laico, Diversidade Religiosa e Intolerância. O seguinte recorte foi postado para instigar os alunos e contextualizar as discussões:

Segundo a Constituição Federal Brasileira, o Brasil é um **Estado Laico**, ou seja, não tem uma religião oficial. Todos os tipos de religiões e crenças devem ser respeitados. Aliás, a intolerância religiosa é considerada um crime no Brasil, de acordo com a lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Deveria ser ponto pacífico que todos os cidadãos brasileiros têm o direito de praticar a sua respectiva religião, incluindo os representantes políticos do governo, mas esta não pode estar envolvida com a figura do Estado. Caso alguém seja alvo de intolerância religiosa, este deverá procurar uma delegacia de polícia e fazer um boletim de ocorrência, dando início ao processo de acusação contra o agressor.

As questões norteadoras do debate foram: mesmo o Estado sendo laico em que medida pode ou deve interferir nas questões de cunho religioso no País? Diante da diversidade religiosa presente em nosso meio, você entende que todas as tradições religiosas possuem o mesmo tipo de tratamento?

A atividade desenvolvida teve o fim último de fomentar as discussões ao longo do semestre acerca da abrangência e necessidade do tema e teve caráter avaliativo parcial.

Infelizmente, não foi possível efetuar recortes, cópias ou prints das inferências dos sujeitos em função do encerramento do fórum ao final do semestre letivo de 2018\1 ao qual não tínhamos mais acesso.

b) Atividade 2 (12/4 e 08/5): Discussão sobre o roteiro de pesquisa e sorteio das tradições religiosas.

As duas datas (12/4 e 08/5) foram imprescindíveis para a definição de quais e quantos aspectos seriam necessários no roteiro de pesquisa sobre as religiões e posterior socialização dos trabalhos. No dia 08/04, o pesquisador – docente titular da disciplina - apresentou um roteiro inicial de pesquisa sobre as práticas religiosas. A partir das contribuições, sugestões e dicas dos alunos foram definidos seis tópicos: origem, início e surgimento da igreja\seita³²; fundador, contexto histórico e datas importantes (Exterior – Brasil); doutrinas – citar e descrever no mínimo três; práticas, festas litúrgicas ou eventos religiosos em destaque; relação com o Cristianismo – avaliar se a igreja ou grupo religioso pesquisado pode ser incluído no Cristianismo. Além desses itens, o trabalho poderia apontar aspectos positivos e, de acordo com a análise pessoal, se houvesse, aspectos negativos no que diz respeito às práticas e/ou doutrinas dos grupos religiosos pesquisados. Ficou estipulado o período de 15 de maio a 21 de junho para a apresentação, socialização e discussão\debates sobre as diferenças e semelhanças destas tradições religiosas. O trabalho apresentado, contendo os itens definidos em conformidade com a turma, deveria ser entregue impresso ao docente.

O passo seguinte, então, foi a divisão da turma para compor os grupos de trabalho. Por livre escolha, cada grupo poderia ter de 2 até o limite de 4 componentes. Essa divisão resultou em 16 grupos (duplas, trios e quadras). Na sequência, houve a escolha da tradição religiosa,

³² Seita é um pequeno grupo que se separou de um corpo religioso maior, do qual reivindica a legitimidade teológica. Ou seja, é um grupo de ruptura que busca a renovação de sua Igreja de origem, não necessariamente para criar uma nova religião ou Igreja, mas como a versão autêntica e purificada da fé. Como afirmou o teólogo Carreira das Neves “ao fim e ao cabo, todos estes novos movimentos religiosos vão descobrir, através dos seus fundadores, que são eles os verdadeiros herdeiros da Palavra de Deus” (Neves 1998:9). Outro aspecto importante a realçar é que está implícito neste conceito de seita a inovação: introduzida por um “profeta” ou líder religioso, o inovador que fala, prega e age de forma distinta dos líderes e dos seguidores da religião anterior, da qual está a se separar, oferecendo novos horizontes religiosos e de salvação da alma e propondo doutrinas, moral e comportamentos distintos (Galindo 1994:66). (b) Seita, no segundo sentido (seguir – seguir), pode ser definida da seguinte maneira: grupo organizado de pessoas que seguem uma mesma doutrina filosófica e religiosa. No sentido sectário, com uma grande carga pejorativa, é um grupo de pessoas que professa opiniões facciosas e intolerantes do ponto de vista político e religioso. Neste caso, a seita apresenta as seguintes características: tem um poder centralizado num único chefe, um líder carismático, um “iluminado” que recebeu o chamamento de Deus, do Demônio ou de qualquer outra entidade sobrenatural, ao qual os seguidores, que normalmente abandonam a família, o trabalho, a escola, para viver com o grupo, adotam uma obediência cega; as normas comportamentais são extremamente rígidas; ela é fanática; alienante; autodestrutiva; valoriza a violência; é fechada e intolerante, relativamente ao exterior. (RODRIGUES, 2008, p.23)

objeto de estudo de cada grupo, que foi definida via sorteio com números de 1 a 20, de acordo com as religiões listadas no cronograma. As tradições religiosas Nova Era, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Batista e Igreja Brasil para Cristo não foram sorteadas por falta de grupos constituídos na data em questão.

No encontro seguinte, procedeu-se à definição dos grupos para pesquisa sobre essas tradições religiosas com os alunos que não estavam presentes na aula da semana anterior e, assim, as mesmas voltaram a fazer parte do cronograma de apresentação. Contudo, três grupos não se fizeram presentes nas referidas datas para a socialização do trabalho e o único componente da tradição Nova Era optou por não participar da atividade. Desse modo, ao final das apresentações, o total de grupos e tradições religiosas pesquisadas somaram 16: Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Anglicana, Igreja Presbiteriana, Igreja Metodista, Igreja Adventista, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Testemunhas de Jeová, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça, Espiritismo, Maçonaria, Umbanda e Candomblé.

A ordem de apresentação da pesquisa seguiu a numeração listada no cronograma da atividade, em ordem crescente. A cada encontro estavam previstas as exposições\conclusões de até 5 grupos. Cada grupo dispunha de, no máximo, 30 minutos para discussão, apresentação e conclusão do tema. De forma resumida, o roteiro da atividade envolvia a contextualização histórica (fundador, local e data) de cada tradição religiosa; doutrinas e práticas, limitadas a escolha de três delas, de acordo com sua área de interesse; e poderiam ser citados aspectos positivos e/ou negativos ou de preconceito³³ e/ou intolerância relacionados às práticas religiosas pesquisadas. Após encerramento da atividade de explanação, uma cópia impressa de cada uma das apresentações, conforme o roteiro de pesquisa, foi entregue ao docente.

Dentre as explanações, houve algumas que atingiram, na ótica docente, o objetivo da atividade proposta, os quais citamos aqui: Testemunhas de Jeová; Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Igreja Assembleia de Deus; Igreja Batista e Adventista). Estas

³³ Desse modo, consideramos que quando o preconceito desenvolvido por membros de alguma religião - sejam estes protestantes, evangélicos, católicos, espíritas kardecistas, umbandistas, candomblecistas, etc. - para com os adeptos de outras crenças vem a se configurar numa atitude de aceitação de desigualdades sociais como naturais, recaindo na legitimação das mesmas, estamos então não mais ante um preconceito relacionado à demarcação de uma fronteira identitária religiosa com seus conflitos e dissensos, que funcionam como limitação de minhas diferenças em relação aos demais, mas sim diante de um preconceito estigmatizante, que ao reforçar a exclusão de grupos religiosos pode se aproximar da intolerância, na medida em que venha a negar ao Outro o direito de proferir sua verdade em uma fé dessemelhante.(OLIVEIRA, 2007, p.233)

causaram mais debates e críticas quanto às suas práticas, hábitos e tradições culturais, envolvendo a questão de relacionamento com outras tradições religiosas (permissões e proibições), o uso e regulamentação de vestes, normas e regras para apresentação pessoal e tipos de alimentos proibidos ou não e, por fim, a questão do uso\proibição de imagens de caráter sacro, seja na vida privada ou em sociedade.

Quatro das apresentações - Igreja Presbiteriana, Anglicana, Deus é Amor e Igreja Católica Apostólica Romana - não cumpriram o roteiro proposto e deixaram pontos sem resposta ou incompletos na apresentação. As demais apresentações abordaram as questões de forma superficial e sem uma análise pessoal ou ponto de vista do grupo, de modo mais aprofundado.

Abaixo, trazemos alguns recortes extraídos dos trabalhos escritos acerca das tradições religiosas:

Ao estudar essa religião [Candomblé] acredito que não exista relação com o cristianismo apesar de nos ritos rezarem a Ave Maria e Pai Nosso. Na minha opinião não há relação pois são politeístas, ou seja, acreditam em vários deuses e o cristianismo é monoteísta e existe apenas um Deus. **Como aspecto positivo a caridade e solidariedade que essas pessoas prestam aos necessitados e aos seus seguidores. O negativo é o uso exagerado de bebidas alcoólicas, oferendas, magia negra, trabalho, isso tudo para prejudicar ao próximo.** (A1)

Portanto, tive a satisfação de conhecer um pouco mais de uma religião [Testemunhas de Jeová] que antes pra mim era uma lacuna. Quando participei do encontro³⁴ me senti bem, fui bem acolhida. **E para mim ficou ainda mais concreto, que os vários tipos de religiões, crenças nesse mundo todo, mas que todas elas estão em busca de algo há mais para sua vida.** Buscando fé, sabedoria para saber enfrentar todas as dificuldades de nossa vida cotidiana e em meio a tantas notícias e fatos que entristecem nossas vidas, a esperança de um mundo melhor, convivendo melhor, aceitando uns aos outros. **Eu acredito que esse dia ainda vai chegar, pois Deus é um só, independente de religião escolhida,** “a fé move montanhas e Deus move uma nação inteira”. (A2)

As duas citações apontam para algumas questões interessantes quando analisadas sob o viés da identidade do sujeito. Infere que as duas tradições (Candomblé e Cristianismo) são distintas em sua forma de culto, adoração e práticas e aponta para aspectos positivos do Candomblé como a questão da caridade e solidariedade e, dentro de sua cosmovisão, depreende que oferendas e magia negra são práticas negativas, com o objetivo de causar danos ou mal a outrem. Nota-se, no discurso desse aluno, um reforço de concepções já cristalizadas e correntes no meio social acerca de práticas dessa religião. Talvez uma visão um tanto simplista, unilateral e equivocada. Cabe ainda destacar que a referida citação se

³¹ O encontro ao qual a citação faz referência se trata da reunião normal da tradição religiosa Testemunhas de Jeová, que em Carazinho, ocorrem nas quintas-feiras e sábados a partir das 19h ou 19h30. A acadêmica em questão visitou o local de culto dessa tradição religiosa e acompanhou as atividades desenvolvidas num período de 2 horas.

trata de opinião pessoal do sujeito da pesquisa e não necessariamente representa o que de fato é a tradição religiosa Candomblé. Por outro lado, ele destaca aspectos que nem sempre aparecem associados a essa prática religiosa: a caridade e a solidariedade entre os membros seguidores dessa tradição.

O segundo trecho se refere a uma experiência pessoal vivida pela acadêmica e se apresenta como um testemunho de sua experiência em meio à uma tradição religiosa que não a sua. Mesmo que breve, julgamos que o “encontro” permitiu a ela uma ideia mais concreta acerca de suas próprias convicções religiosas. Quando considera que os “vários tipos de religiões [...] estão em busca de algo há mais para a sua vida”, buscando na fé condições de superar as adversidades, a aluna já deixa transparecer uma postura aberta, de aceitação dos princípios religiosos dos outros. Isso se confirma ao final do trecho, quando ela ratifica que acredita e espera a chegada do dia em que as pessoas convivam de forma mais harmoniosa, “aceitando uns aos outros”. Em seu discurso ela preserva a sua identidade sem desconsiderar a identidade do outro em sua particularidade.

O outro, porém, não é apenas o dessemelhante – o estrangeiro, o marginal, o excluído – cuja presença presumivelmente incomoda (por definição), mais ou menos. É também o termo que falta, o complementar indispensável e inacessível, aquele, imaginário ou real, cuja evocação cria em nós a sensação de uma incompletude ou o impulso de um desejo, porque sua não-presença atual nos mantém em suspenso e como que inacabados, na espera de nós mesmos. (LANDOWSKI, 2012, p. 12).

É precisamente nesse movimento de extremos, contraditório, que se contextualizam os processos sociais e de aceitação x exclusão nas difíceis relações multiculturais, presentes também em nossa realidade acadêmica. Infelizmente, inclusive em nossa IES (ULBRA Carazinho), as chamadas políticas de inclusão têm subentendido que o outro é aceito, desde de que se submeta rapidamente para ser, agir e pensar como nós.

c) Atividade 3 (29\06): Fórum da diversidade religiosa

Na data de 29\06 foi realizado o Fórum da Diversidade Religiosa em forma de mesa-redonda com representantes de algumas tradições religiosas nas dependências do Campus. O foco dessa atividade tinha por objetivo permitir que aquelas tradições religiosas citadas no questionário inicial de forma negativa, ou com teor de preconceito, pudessem explicar sobre suas doutrinas e práticas no sentido de permitir aos sujeitos desmistificar ideias e ou pré-conceitos formados acerca das mesmas.

O convite foi feito a representantes de tradições africanas (Candomblé), de igrejas reformadas e protestantes (IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil; IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Igreja Universal do Reino de Deus; Testemunhas de Jeová). Também se estendeu o convite a uma professora da área do Direito, no sentido de contextualizar a questão legal e penal a partir do momento em que o tema envolve preconceito, intolerância, discriminação, discursos de ódio e liberdade de expressão. A escolha por representantes de tais religiões como painelistas se deu a partir da análise prévia e em razão das atividades desenvolvidas até aquele momento, em que constatamos um certo preconceito/intolerância mais marcado em relação aos grupos ateístas, pentecostais e espiritualistas³⁵. O representante da Igreja Universal do Reino de Deus não compareceu ao evento e o convidado da Testemunhas de Jeová declinou do convite, justificando questões hierárquicas de sua instituição.

O evento transcorreu conforme o cronograma que segue:

- 19h – Saudação e início da atividade - Elton Fischer – Capelão Universitário Ulbra Carazinho
- 19h10 - Apresentação dos painelistas segundo a ordem que segue:
- 19h15 - IELB -Igreja Evangélica Luterana do Brasil – Jeferson Debbus
- 19h30 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB – Waldemar Luckemayer
- 19h45 - Religiões Tradicionais de Matriz Africana – Candomblé - Carmem Holanda
- 20h – Curso de Direito ULBRA Carazinho - Professora Jessica Kempfer
- 20h15 - Considerações Finais e agradecimentos - Elton Fischer

Previamente, cerca de um mês antes da realização do Fórum, foi encaminhado e-mail aos palestrantes pedindo-lhes que abordassem o tema da diversidade religiosa, tolerância x intolerância religiosa, tendo como aspectos norteadores os seguintes tópicos relacionados às suas respectivas práticas religiosas:

- a) Breve história de sua tradição religiosa no município/região;
- b) Como analisa a questão da tolerância x intolerância religiosa em sua tradição;
- c) Em caso de intolerância quais as sugestões para mudança desse quadro.

Após explanação por parte dos painelistas, foram permitidos questionamentos por parte do público presente quanto ao tema abordado. Alguns dos participantes, de forma oral, teceram

³⁵Neste sentido as duas religiões espiritualistas mais citadas, com teor de reprovação/negatividade, ao longo das questões dissertativas, foram a Umbanda e o Candomblé. O espiritismo, quando relacionado nesta questão, não possui menções negativas. Outro destaque com citações de rejeição, apesar de um número menor de menções, foi o grupo religioso denominado Testemunhas de Jeová e os Pentecostais, não sendo possível identificar, nesse tópico, a qual tradição religiosa estaria vinculada a objeção. Necessário destacar, que apesar de nossos esforços e contatos no sentido de estender o convite para que um representante ou titular do grupo Testemunhas de Jeová se fizesse presente em nosso Fórum sobre diversidade religiosa, não obtivemos êxito neste aspecto.

considerações sobre a questão da diversidade religiosa e sobre a importância de discernir e respeitar as tradições religiosas distintas de sua concepção e ou tradição de origem. A seguir trazemos quatro excertos de intervenções de alunos, transcritos por este pesquisador quando da manifestação oral destes no fórum:

Devemos lutar em busca da preservação dos nossos costumes e dos nossos antepassados, pois se não fizermos isto, as futuras gerações não terão nem conhecimento do quão importante são esses ritos, pois através dele as pessoas encontram um ponto de paz e harmonia. (A1)

E Jesus? Onde está Jesus nessa religião? Eu não vejo Jesus aí. Ele não é o Salvador para vocês? (A2)

Somente através da educação poderemos alcançar uma sociedade com discernimento o suficiente para compreender que a cultura afro brasileira e seus ritos fazem parte da história e cultura de nosso país. Buscando sempre o conhecimento de nossos ancestrais como alavanca para transmitir esses ritos às próximas gerações. (A3)

Embora tenha muitos preconceitos, entre eles a religião prega a caridade e humildade, sem com que seja envolvido em qualquer culto, o uso de bens materiais. (A4)

Salvo a citação do sujeito A2, o restante delas, mesmo distintos de seu meio cultural, social e religioso, fazem referência à exposição da representante da tradição de matriz africana. Ela, sem sombra de dúvidas, foi a mais citada e inquirida sobre aspectos culturais, práticas e costumes de sua religião. Um dos participantes também perguntou à painelistas sobre como ela se vê no panorama atual, sendo mulher, negra e partícipe de uma minoria³⁶ religiosa constituída no País. Entre as várias inferências da referida palestrante uma que cabe destaque é a seguinte citação: **“Eu não quero ser apenas parte daquele grupo de religiões que as pessoas suportam, eu quero ser aceita”**. A mudança deste quadro implica na transição da concepção conceitual, que se encontra nos discursos de alguns sujeitos, acerca das práticas, doutrinas e costumes de religiões “não tradicionais”, a exemplo daquelas de matriz africana.

A questão de uma “transformação social” no sentido de promover uma visão de tolerância e aceitação deveria, prioritariamente, ser objeto de pesquisa e estudo na cátedra e, posteriormente, ter sua aplicação nas nossas relações do dia a dia vinculando, nesse processo, teoria e prática. Contudo, a simples suposição de que a produção do conhecimento seja orientada para subsidiar a ação pode incorrer numa noção bastante pragmática de teoria, aquela que se orienta para um fim útil, o que viria a conferir-lhe um caráter de mera formalidade. “Não é demais lembrar que teoria e prática guardam entre si uma relação de contradição: mesmo

³⁶ Quando utilizamos o termo minoria nesse contexto não nos referimos em caráter depreciativo à tradição religiosa Candomblé, senão pelo fato de, segundo dados do IBGE 2010 – Instituto Brasileiro de Estatística, o percentual declarado de participação dessa religião no meio onde se insere é de 0,3% do total de religiões citadas.

sendo sempre e necessariamente vinculada à prática, teoria não é prática, não se reduz a esta e não pode orientar-se imediatamente pelo seu interesse”. (MIRANDA e RESENDE, 2006, p. 516). Essa relação de contradição se mostrou evidente quando da abordagem pela painelistas da área do Direito, enfocando o inciso X do artigo 5º da Constituição Federal, que indica que ao mesmo tempo em que se propõe a garantir a livre expressão individual em diversos aspectos, inclusive aqueles de caráter religioso, não se pode violar e ferir a intimidade, a privacidade, a honra e a imagem que os indivíduos constroem para si e sobre si pela sociedade.

Além disso, a docente explanou que o Direito Penal institui os crimes contra a honra, que são a calúnia, a injúria e a difamação. Eles tornam criminosos os atos que intencionalmente ataquem a forma como a sociedade vê uma pessoa ou a forma como ela própria se enxerga, em casos nos quais esta atitude não seja justificada ou amparada pela Lei. Em razão de serem os discursos o meio pelo qual esse “direito” se materializa, a argumentação se revela um processo discursivo muito importante, tendo em vista que, a partir do momento que a utilizamos, tentamos influenciar o outro sobre algo que defendemos ou julgamos como verdadeiro.

5.3 Evidências e resultados: analogia entre relatório inicial e final

Como já apontamos, ao final do semestre, foi aplicado novamente o questionário aos alunos. Nessa seção, apresentamos os dados que se evidenciaram na comparação das respostas pré e pós-intervenção realizada com os alunos. A fim de delimitar a nossa análise, cabe evidenciar que serão objeto de comparação, do questionário supracitado, as questões de número 8, 9 e 10, que são as mais interessantes à análise.

Sobre as questões 6 e 7 (acerca da relevância da família na escolha da tradição religiosa e qual o papel que a religião ou crença tem para o sujeito), mais de 95% dos sujeitos ratificaram, no questionário final, a importância\influência da família e da crença em sua vida. Citamos apenas um dos inúmeros recortes que fazem referência a esses aspectos: **“Âncora para meu caminho na vida me traz conforto para as minhas aflições, atua quanto as escolhas de certo e errado.” (A50 QF).**

Na questão 8 (Você conhece práticas\preceitos de outras religiões? Quais? O que sabe sobre elas?), do total de 50 sujeitos que responderam ao questionário inicial (doravante QI e QF, para questionário final), 23 disseram não conhecer práticas e/ou preceitos de outras tradições religiosas. Um pouco, alguma coisa, muito pouco foi a escolha de outros 5 sujeitos, o que denota um vago saber acerca de alguma tradição religiosa e/ou prática. Dos 22 sujeitos que afirmaram ter conhecimento sobre práticas e preceitos de outras religiões, oito fizeram

referência à Igreja Católica Apostólica Romana, em particular, no que diz respeito ao uso de imagens. Outras citações fizeram referência ao uso de vestimentas, TV, a relação com espíritos e a possibilidade da vida pós morte.

No QF, 16 sujeitos disseram não conhecer práticas ou preceitos de outras religiões. Apesar desse dado demonstrar que houve uma redução de cerca de 30% quanto ao não saber de práticas ou costumes de outras tradições, aponta que um percentual considerável de sujeitos afirma ainda desconhecer tais práticas. Por sua vez, o percentual de sujeitos que afirmou no QF conhecer práticas de outras tradições religiosas atingiu 68% do total da amostra que corresponde a 34 sujeitos e, em relação ao QI houve um acréscimo de 55%. Podemos deduzir desses resultados que, nessa questão em específico, as ações efetivadas no decorrer do semestre ascenderam o seu propósito no sentido de um (perceber\explorar\inteirar-se) acerca de práticas e preceitos de outras tradições religiosas e que essa diminuição do “não saber” possui relação com as atividades pedagógicas, em caráter individual ou em grupo, realizadas ao longo do semestre.

O quadro que segue evidencia alguns recortes extraídos do QI e do QF. Eles retratam o que os alunos dizem “conhecer” sobre outras práticas religiosas.

Quadro 1 - Questão 8: Você conhece práticas\preceitos de outras religiões? Quais? O que sabe sobre elas?

| Questionário Inicial | Questionário Final |
|---|---|
| O modo de se vestir que se veste todos de roupas compridas. (A19) | Não exatamente, mas todos se interferem em seus ensinamentos pois cada uma acredita ou tem fé nas suas “verdades”. (A3) |
| Preconceito com crentes, judeus e outros existe bastante, mas nunca procurei saber afundo sobre isso. (A24) | Sim. Mórmons. Tem um padrão de vestimenta, não tomam café. Evangélicas não cortam o cabelo. Adventistas: o sábado é o dia sagrado. (A6) |
| Sim, ateísta, católica e evangélica, ateísta que não acredita em Deus; católica tem céu e inferno e evangélicas algumas não dá para assistir TV. (A39) | Ateísta, católico, espírita e pentecostal. Não tem crença em algum Deus, tem céu e inferno, acredita em Alan Kardec, proíbe as pessoas de algumas vestes e de usar televisão. (A7) |
| Sei de religiões que criticam o jeito de orar, vestir ou seus costumes religiosos. Sei que | Sim. Umbanda, Candomblé, Católica, Maçonaria, Espírita e diversas igrejas pentecostais evangélicas. Umbanda, |

| | |
|---|---|
| a umbanda sofre preconceito por ser diferente das demais religiões. (A37) | Candomblé e espírita cultuam e respeitam espíritos. Das três a Umbanda é a mais light e o Candomblé mais pesado. Elas tem origem africana e indígena. Maçonaria é uma seita que, segundo alguns, cultua o demônio e é fechada apenas para homens. (A14). |
| Sim. Católicos acreditam em Deus Pai, Jesus, Espírito Santo, porém creem em imagens. (A27) | Conheço através de estudos realizados, costumes como é na igreja pentecostal que proíbe o uso e certas roupas e não pode assistir televisão e assim por diante. (A31) |
| Não consigo descrever muito sobre, mas costumo ir na evangélica e gosto muito como a forma com que fazem os cultos e buscam explicar a Palavra nos fazendo sentir o Espírito Santo. (A 32) | Sim. Assembleia de Deus restrições sobre as vestimentas, a cerimônia é realizada por um pastor ao contrário da católica que é um padre. (A50) |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da análise do questionário inicial\final.

Passamos à análise comparativa da questão 9 (Você tem algum tipo de restrição em relação a alguma religião ou prática religiosa? Poderia citar quais e por quê?)

No QI 33 sujeitos afirmaram não possuírem nenhum tipo de restrição. Já no QF foram 30 citações. A princípio, a expectativa era de que houvesse um significativo aumento de respostas (“não tenho restrições”) no questionário final, em razão da proposta da pesquisa, dos fóruns e discussões efetivados no transcorrer do semestre, o que não se evidenciou.

Entretanto, sob outro viés, se pode pensar que a redução do número de sujeitos³⁷ que declararam no QF “não possuírem restrições” pode estar relacionada à aquisição de informações\conhecimentos de caráter social, cultural e religioso de tradições religiosas ignoradas ou desconhecidas por eles e que foram exploradas nos seminários em sala de aula. Possivelmente, esse fato tenha influenciado a escolha do sim, por alguns sujeitos, que diante da percepção de práticas e costumes distintos da sua tradição religiosa evidenciaram o tema “restrição”. A ideia que transparece é aquela que tudo aquilo que está fora de “meu círculo cultural, social e religioso” me é estranho, me incomoda e pode levar à discriminação.

O primeiro grupo de restrições evidenciado nos questionários está relacionado à questão financeira cobrada pelos serviços de caráter sacro. No QI, são feitas 3 citações dessa ordem e

³⁷ Apesar de seguirmos a mesma metodologia de aplicação da pesquisa os sujeitos A1 do QI e A1 do QF não são os mesmos, pois os questionários não continham nenhuma identificação que nos permitisse identificar os alunos. Assim procedemos para que se mantivesse o total anonimato dos sujeitos.

no QF, 4. Se no QI havia uma noção de que algumas tradições religiosas dão ênfase à questão material, a partir da pesquisa, essa hipótese foi confirmada e evidenciada no QF.

| Questionário Inicial | Questionário Final |
|---|--|
| Me incomoda algumas igrejas que pedem dinheiro em troca de favores de Deus, não aceito, mas respeito. (A5) | Tenho restrição a todas que usam a fé para ganhar dinheiro. (A5) |
| Sim, tenho restrição a qualquer religião ou prática religiosa que use a fé das pessoas para fins lucrativos próprios ou da própria religião. (A31) | Sim, alguns pontos não concordo, acredito ser muito materialista. (A32) |
| As religiões que vendem espaço no céu. (A38) | Não concordo com religião que focam no lado financeiro. (A34) |
| | Vejo muitas vendas de ilusões³⁸ onde pessoas com pouca cultura são propensas a seguir. Não compactuo com isso. (A44) |

O segundo grupo de restrições envolve as religiões afro-brasileiras e suas práticas e costumes. No QI, houve 5 referências a essa tradição religiosa e no QF esse mesmo número se repetiu. O aspecto destacado é a questão do uso\sacrifício de animais que é parte integrante dos cultos afro-brasileiros e gera debates e polêmicas. Seguem as citações para efeito de análise:

| Questionário Inicial | Questionário Final |
|---|---|
| Sim, umbandistas porque fazem oferendas a deuses pagãos. (A21) | Sim. Religião afro brasileira, espírito, pois tem algumas práticas e costumes que vão contra meus princípios éticos. (A4) |
| Não gosto a forma que a umbanda e candomblé colocam suas práticas, mas respeito. (A32) | Tenho às que matam ou maltratam espécies vivas em nome de sacrifícios. (A8) |
| Sim. A religião afro brasileira não me identifico com as práticas e cultos. Não gostaria de participar desta religião. (A33) | Tenho um pé atrás com o Candomblé, devido a fazerem sacrifícios de animais, para selarem trabalhos e por não conhecer bem a Maçonaria. (A14) |
| Tenho restrição somente aquelas religiões que fazem sacrifícios de animais. (A46) | Sim. Umbanda. Não acho certo o que eles fazem. (A20) |
| Apenas as que usam animais para rituais. (A47) | Umbanda. (A22) |

³⁸ Possivelmente “venda de ilusões” está relacionada ao dogma de várias tradições neopentecostais as quais ensinam que fé e discursos de ordem positiva trariam benefícios de ordem financeira e material ao fiel. Essa prática implica em “sacrifício” monetário do fiel no sentido de cumprir as exigências do rito e participar do processo. Contudo, nem todos atingem o sucesso o que causaria desilusão.

Os excertos parecem corroborar a tese dos percursos passionais, dos discursos intolerantes e apaixonados (BARROS, 1990) em que predominam as paixões como antipatia, irritação, aversão, ódio e, sob certo viés, xenofobia religiosa. Curioso é o número exatamente igual de “restrições” em ambos os questionários. O que nos leva a supor que os sujeitos que já tinham restrição a essas práticas religiosas apenas a reafirmaram, ou seja, em nada se modificou a opinião destes antes e após as intervenções feitas em sala de aula.

Outro aspecto acerca do qual os alunos apontaram restrição se relaciona com a Igreja Católica Apostólica Romana, seus dogmas, tradições e práticas. No QI houve 2 referências a essa tradição religiosa e no QF 3 citações. O que podemos deduzir disso é que o culto aos santos e/ ou imagens não se insere em tradições religiosas reformadas, pentecostais e neopentecostais. Talvez a ideia ou concepção de santidade na tradição católica demande um estudo mais aprofundado a fim de se entender qual a dimensão do conceito e em que ocasiões ele se insere. Nesse sentido o *ethos* do outro, Setton (2002) é estranho ao meu, me coloca em oposição aos dogmas e o *habitus* do outro.

Seguem excertos que demonstram o aspecto ora em análise:

| Questionário inicial | Questionário final |
|--|--|
| Sim. Tenho restrição em relação as práticas da igreja católica de adorar santos, pois não acredito que um homem possa santificar outro e assim tornado santo. (A41) | Sim. Adoração a imagem e sua santificação, pois acredito apenas em Deus e não algo feito pelo homem. (A15) |
| Tenho restrição um pouco com católicos pois acredito que se deve crer em deus e não em imagens. (A42) | Sim, Católica, pois adoram demais os santos. (A18) |
| | Um pouco em relação a igreja católica, acredito na existência de uma única força superior e não em santo. (A45) |

A última das tradições religiosas mais citadas dentre às quais os alunos dizem ter restrições é a das Testemunhas de Jeová, seus dogmas, tradições e práticas. No QI, houve 1 referência a essa tradição religiosa e no QF 4 citações. Basicamente, o tema de discordância se relaciona ao seu dogma de não aceitar ou receber transfusões e ou doação de sangue³⁹.

³⁹ Por uma questão de consciência religiosa as Testemunhas de Jeová recusam transfusões de sangue, mas não recusam o tratamento médico em geral. Provavelmente, o aspecto mais bem conhecido das crenças das Testemunhas de Jeová no campo da bioética é sua posição quanto ao uso de sangue. Elas entendem que a Bíblia proíbe os cristãos de manterem sua vida por meio da utilização de transfusões de sangue (Gênesis 9.4; Levítico 17.10; Deuteronômio 12.23; Atos 15.28, 29) e sustentam que o abster-se de sangue é moralmente tão importante para o cristão quanto o abster-se da idolatria ou da imoralidade sexual. Segue o texto

Deduzimos que o exponencial aumento das inserções está ligado a pesquisa e socialização desse trabalho junto aos acadêmicos. Entre as tradições religiosas, essa em especial, gerou debates e discussões intensas. Alguns fatores que podem levar a compreensão desse tópico:

a) Trata-se de uma tradição religiosa extremamente regrada e doutrinariamente, inflexível a vários temas comuns como relacionamento, casamento, doação/transfusão de sangue, relação com outras tradições religiosas, entre outros;

b) A disciplina de Cultura religiosa envolve alunos de todos os cursos da Ulbra Campus Carazinho. Certamente participaram da pesquisa acadêmicos ligados aos cursos da área da saúde como Biomedicina, Enfermagem, Estética e Cosmética e Educação Física. É natural que haja a produção da diferença (LANDOWSKI, 2012), o estranhamento e, em alguma medida, a discordância por parte de acadêmicos da área de saúde, em especial, quanto ao dogma que impede a doação /transfusão de sangue. Sob o ponto de vista biológico, ético/ moral, é próprio do universo desses sujeitos se comprometer com a vida humana acima de outros valores, como os preceitos religiosos. O aspecto religioso é relegado a um nível inferior ou mesmo ignorado. Os recortes seguem abaixo:

| Questionário inicial | Questionário final |
|--|---|
| Testemunhas de Jeová não pode doar sangue. Acho errado, porque ninguém sabe o dia de amanhã, e pode ser que você precise de sangue. (A43) | Sim. A mesma citada na questão acima (Testemunhas de Jeová) pois como acadêmica de enfermagem sempre prezo pela vida do outro em situações, como por exemplo, de saúde. (A9) |
| | As testemunhas de Jeová, o fato específico de não aceitarem transfusão de sangue. Acredito que bebês e crianças não deveriam sofrer isso. (A11) |
| | A Testemunha de Jeová em relação a doação de sangue, acho errado porque isso pode tirar vidas. (A13) |
| | Religiões que proíbem a doação de sangue e células tronco. (A24) |

de Gênesis cap. 9. 3 – 6: Todo animal que se move e que está vivo pode servir-lhes de alimento. Assim como dei a vocês a vegetação verde, eu lhes dou todos eles. 4. Somente não comam a carne de um animal com seu sangue, que é a sua vida. 5. Além disso, vou exigir uma prestação de contas pelo sangue, a vida, de vocês. Vou exigir de cada animal uma prestação de contas; e vou exigir de cada homem uma prestação de contas pela vida do seu irmão. 6. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem será derramado o seu próprio sangue, pois Deus fez o homem à sua imagem. (SOCIEDADE TORRE, 2019).

Como último grupo, aparecem as restrições mencionadas pelos alunos a aspectos de ordem diversa, referindo temas como o machismo, o papel da mulher em meio as tradições religiosas e orientações\proibições quanto ao uso de indumentárias, higiene pessoal e TV.

| Questionário inicial | Questionário final |
|--|---|
| Tenho restrição da religião machista como é o Islamismo. (A36) | Tenho restrição com religiões machistas que menosprezam a mulher como o Islamismo e o Judaísmo. (A6) |
| Tenho restrição a religiões machistas como o Judaísmo, Islamismo e Mórmons, (A37) | Maçonaria: pois é muito machista, pois não deixa as mulheres entrarem e serem maçons. (A7) |
| Sim evangélicas, pois algumas dessas religiões as mulheres não podem usar calças e nem assistir TV, e eu gosto de assistir. (A39) | Tenho restrição em relação ao Islamismo em função da objetificação da mulher e atos que em meu pensamento são semelhantes a tortura. (A16) |
| | Tem algumas que não mantém sua higiene, não vejo isso como práticas a não serem seguidas só porque é de certa religião. (A35) |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da análise do questionário inicial\final.

Com relação a essa questão, o que se pode concluir, a partir dos recortes realizados dos questionários, é que alguns sujeitos possuem restrições a doutrinas e práticas de tradições religiosas que não a sua ou desconhecidas por eles. Observando-a no geral, se percebeu que as restrições ou se repetiram ou aumentaram na comparação do QF com o QI. Isso nos leva a supor que os alunos antes não conheciam - ou não se lembraram de citar alguns aspectos que afloraram durante as apresentações realizadas em sala de aula, posto que muitos grupos apresentaram, sob seu ponto de vista, os aspectos positivos e negativos das tradições religiosas. As concepções apresentadas e as opiniões dos colegas podem ter dado vasão a certas restrições que não haviam antes do trabalho. As atividades desenvolvidas tinham a finalidade de propiciar aos acadêmicos pesquisar, investigar, discutir e debater no grande público (Turma de Cultura Religiosa) os pontos obscuros, desconhecidos ou mesmo “segredos” de grupos religiosos como Maçonaria, Testemunhas de Jeová, Religiões Afro-brasileiras e algumas pentecostais de cunho conservador. O exercício da tolerância não deveria ser visto sob a ótica da indiferença ou do fato de abrir mão das próprias convicções, mas sim estar “aberto à verdade do “outro”.

Assim como a intolerância, seja presencial ou virtual⁴⁰, a tolerância se manifesta de formas diversas. Bobbio (1992, p.207) define tolerância como “uma concepção do homem como capaz de seguir não só os próprios interesses, mas também de considerar seu próprio interesse à luz do interesse dos outros”

O objetivo de nossa pesquisa se coaduna com a ideia de Bobbio e ensejamos que possa ser uma prática dos acadêmicos envolvidos na mesma.

Avançamos para a análise da questão 10, a última do questionário aplicado. Necessário esclarecer que nesta questão optamos por realizar um recorte e apresentar a análise apenas dos tópicos que julgamos mais pertinentes à nossa pesquisa. Mesmo que as questões referidas sejam apenas de caráter objetivo - não havia a possibilidade de o sujeito justificar a sua escolha – em que o aluno deveria apenas registrar Sim (S) ou Não (N), as inferências que podemos eduzir a partir dos resultados são sugestivas\indicativas.

Lembramos que a questão 10 se constitui de uma espécie de tabela em que os alunos deveriam marcar sim ou não, relacionando os aspectos apontados na coluna vertical da esquerda com os da coluna horizontal ao alto.

Seguem abaixo as duas tabelas, respectivamente do QI e do QF, com os dados objeto de análise. Abaixo dela, fazemos a interpretação deles.

Tabela 3 - Assertivas questionário inicial

| Você aceitaria ter pessoas destes grupos como: | Ateus | Católica | Protestante Reformada | Pentecostais | Espiritualistas |
|---|--------------|-----------------|------------------------------|---------------------|------------------------|
| 1. Familiar (marido, esposa, filho (a), irmão, irmã) | N5 | N2 | N3 | N 2 | N3 |
| 3. No meu grupo de amizades, ou como amigos de meus filhos | N | N3 | N | N2 | N2 |

⁴⁰ Nas redes sociais e nos sites de compartilhamento de vídeos em formato digital, se proliferam comentários preconceituosos e discriminatórios perante algumas identidades religiosas, bem como, contra ateus e agnósticos. Uma situação recente, que repercutiu amplamente, foi o caso dos vídeos referentes às opiniões da Igreja Universal do Reino do Deus (IURD) sobre as crenças Afro-brasileiras que foram postadas no YouTube. Por serem consideradas caluniosas e preconceituosas, se tornaram objeto de uma Ação Civil Pública na 17ª Vara Federal do Rio de Janeiro. Discriminatória também foi a sentença proferida pelo Juiz Eugênio Rosa de Araújo, que além de negar o pedido de retirada dos vídeos na internet, afirmou que as crenças afro-brasileiras não continham os “traços necessários de uma religião a saber, um texto base, ausência de estrutura hierárquica e ausência de um Deus a ser venerado”. Após pressão da mídia e de praticantes dos cultos afro brasileiros o juiz voltou atrás em sua decisão e reconsiderou o fato acerca de a mesma ser considerada uma religião, contudo os vídeos não foram retirados ou suspensos. A íntegra da matéria está disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/05/juiz-federal-volta-atras-e-afirma-que-cultos-afro-brasileiros-sao-religioes.html>. Acesso em 22 Out. 2018.

| | | | | | |
|---|----|----|----|----|-----|
| 8. Como cidadãos do meu país | N2 | N2 | N | N3 | N5 |
| 9. Sinto-me incomodado com suas práticas ou regras de fé | S8 | S5 | S5 | S4 | S10 |
| 10. Evitaria manter contato | S5 | S3 | S2 | S2 | S5 |

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da análise do questionário inicial.

Tabela 4 – Assertivas questionário final

| Você aceitaria ter pessoas destes grupos como: | Ateus | Católica | Protestante Reformada | Pentecostais | Espiritualistas |
|---|--------------|-----------------|------------------------------|---------------------|------------------------|
| 1. Familiar (marido, esposa, filho (a), irmão, irmã) | N4 | | N | N | N2 |
| 3. No meu grupo de amizades, ou como amigos de meus filhos | N3 | | N | N | N2 |
| 8. Como cidadãos do meu país | N3 | | | | N3 |
| 9. Sinto-me incomodado com suas práticas ou regras de fé | S17 | S7 | S7 | S12 | S12 |
| 10. Evitaria manter contato | S11 | S4 | S5 | S7 | S6 |

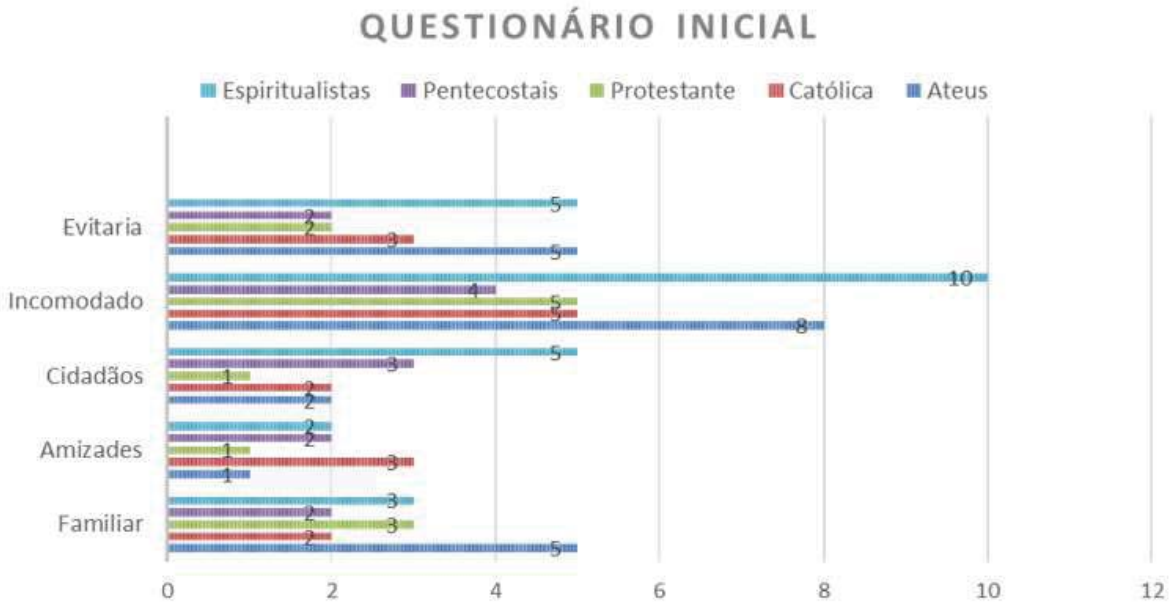
Fonte: Elaborado pelo autor a partir da análise do questionário final.

O primeiro aspecto a observar é que, dos cinco grupos de tradições religiosas mencionados na tabela, três deles se destacaram e tiveram o maior número de quesitos negativos: espiritualistas, pentecostais e ateus.

Outro tópico que chama atenção se mostra na última pergunta da tabela - “evitaria manter contato”. O maior número de incidência de S (sim) foi para os ateus, pentecostais e espiritualistas, ou seja, é com esses sujeitos que os alunos evitariam manter contato. Importante destacar que entre o relatório inicial e final houve um sensível acréscimo de sujeitos que responderam sim, nas questões 9 e 10. O sim, nessas duas questões, indica, respectivamente, que eles se sentem incomodados com as práticas religiosas de tais e que evitariam manter

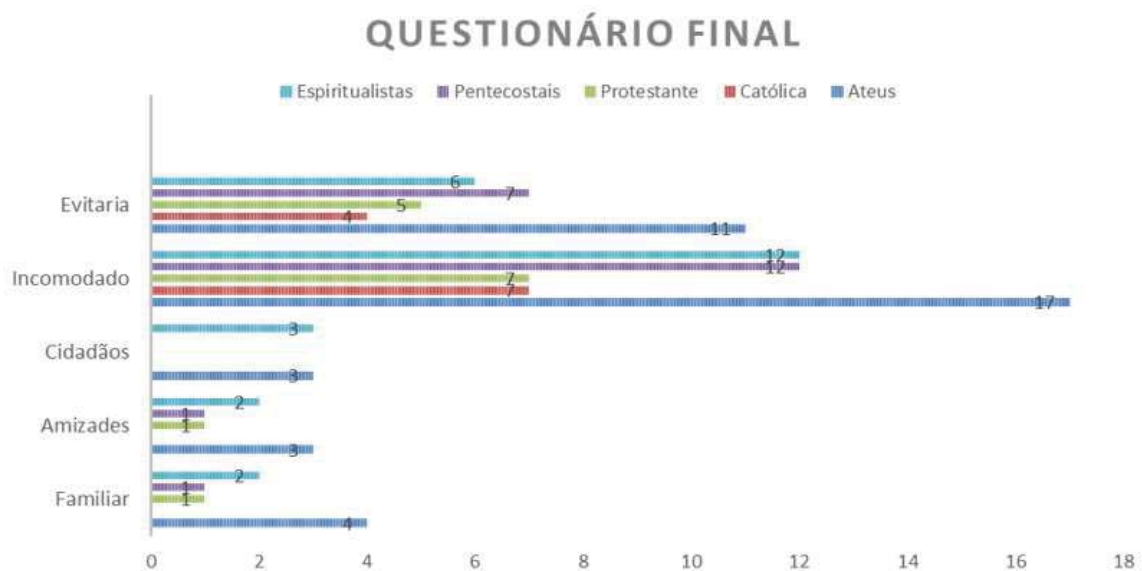
contato com membros de grupos religiosos. Segue abaixo gráfico comparativo entre questionário inicial e final acerca das questões (1, 3, 8,9 e 10).

Gráfico 2 - Assertivas questionário inicial



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da análise do questionário inicial.

Gráfico 3 - Assertivas questionário final



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da análise do questionário final.

Causa surpresa, especialmente no relatório final, o número de sujeitos que diz “se sentir incomodado com suas práticas e regras de fé”, referindo-se aos ateus. De que modo os sujeitos se sentiriam ofendidos uma vez que, lógica e historicamente, os ateus não ocupam o mesmo espaço religioso que as demais tradições religiosas? Além desse fato que “práticas religiosas” nos ateus seriam ofensivas às outras denominações de cunho sacro?

Esses dados nos causaram estranhamento, contrariando nossas expectativas iniciais: pressupúnhamos que, ao final de todo o trabalho empreendido durante o semestre, um número menor de alunos se consideraria incomodado com as práticas religiosas de outrem, assim como um número menor de alunos diria não querer contato com membros de outras religiões. Esses resultados contrários nos levaram a algumas reflexões: estaria o formato do questionário equivocado? As atividades desenvolvidas ao longo do semestre 2018\1 não atingiram o objetivo proposto? O trabalho desenvolvido pelos sujeitos da pesquisa das tradições religiosas ao longo do semestre se revelou superficial? Ou a questão envolve um tema que não pode ser mensurado de modo mais específico? Ou, por fim, precisamente em decorrência da pesquisa, socialização e discussões, o conhecimento adquirido ao longo do semestre possibilitou aos acadêmicos rever alguns de seus conceitos e posicionar-se de modo mais efetivo?

Entretanto, há pontos positivos a considerar. No QI, quando questionados se aceitariam pessoas dos cinco grupos (ateus, católica, reformada protestante, pentecostais e espiritualistas) como integrantes de seu grupo familiar – marido, esposa, filho(a), irmão (ã) – o número somado de citações negativas foi de 15. No QF, foram 8 citações, portanto um decréscimo de 46%.

É possível observar essa mesma linha de queda na questão seguinte, em que se pergunta se os sujeitos da pesquisa aceitariam ter pessoas das tradições religiosas citadas como parte de seu círculo de amizades, ou como amigos de seus filhos. No QI, foram 9 citações de teor negativo (dizendo não aceitar) e no QF foram 7. Mesmo que módica, houve queda e esse é um fato a ser considerado. Mais significativos são os dados evidenciados na questão em que se pede se os sujeitos aceitariam ter membros de tais religiões como cidadãos de seu país. No QI, houve 13 negativas (não aceitariam), enquanto no QF aparece uma redução de 54%, com apenas 6 sujeitos dizendo que não aceitariam.

A partir dessa análise, de caráter quantitativo, podemos inferir que o método de pesquisa e as atividades correlatas indicam que houve mudanças entre a comparação do QI e QF e, de forma inequívoca, promoveu uma mudança de estado inicial para final a partir das intervenções desenvolvidas ao longo do semestre no que se refere ao tema intolerância. Existem várias conceituações sobre a religião, o que faz desta um fenômeno único de cada ser humano, gerando conflitos entre tradições diversas. Contudo, a tolerância religiosa exige que cultos e tradições

religiosas diferentes convivam entre si. Depreendemos que existe a necessidade de um trabalho mais aprofundado acerca da constituição das identidades sociais a partir das alteridades partindo da ideia que a religião faz parte da cultura, e esta é constituída por mitos, rituais e tradições diversas. Ainda, quando nos referimos à religião, é inegável, que tenhamos por propensão algo ou alguém que nos fez adquirir tal crença, isso é um fenômeno cultural, o qual interpreta uma realidade e uma experiência única.

Segundo Giannini (1993) somente pode ser considerado tolerante, em seu sentido mais estrito, aquele sujeito que suporta, enquanto organismo e sistema, estando disposto interiormente a acolher o estranho, o novo, sem perder sua própria essência, reunindo ao mesmo tempo sua unidade e sua identidade, só assim então, ele será efetivamente tolerante.

Se considerarmos que, particularmente, cada uma das inserções é um enunciado e, em sua composição, há um sujeito da enunciação, ou seja, alguém que diz alguma coisa num determinado tempo e espaço (QI e QF), algumas explícitas e outras implícitas revelam marcas de um discurso e uma intencionalidade de cada um dos acadêmicos. Cada uma das inserções ou marcações assumem diversos posicionamentos diante das questões propostas e alguns dos discursos reforçam a questão da diferença, da segregação o que denota um estado de tensão. Outros discursos caminham no sentido da alteridade, do respeito às diferenças sociais, culturais e religiosas do outro, não desconsiderando a importância das diferenças religiosas na própria construção identitária de cada sujeito. Essa oposição natural oferece, a partir do confronto de ideologias, visões de mundo distintas e valores culturais, a oportunidade de escolha entre uma ou outra alternativa. A heterogeneidade teológica permite essa reflexão sobre qual o rumo a seguir diante da possibilidade de experienciar o “novo”. Conforme Hall (2001) é inegável o fato de que vários dogmas nos quais hoje se acredita, formaram-se a partir de diálogos e conflitos com a alteridade.

Na medida em que a tolerância⁴¹ assume vários significados, a depender das circunstâncias e das fundamentações éticas e filosóficas, parece-nos coerente aceitar o fato de

⁴¹ Em 16 de novembro de 1995 foi aprovada na 28ª reunião da Conferência Geral entre os Estados Membros da Organização das Nações Unidas, para a Educação, a Ciência e a Cultura a Declaração de Princípios sobre Tolerância. E no art. 1º estabelece: A tolerância é o respeito, a aceitação e o apreço da riqueza e da diversidade das culturas de nosso mundo, de nossos modos de expressão e de nossas maneiras de exprimir nossa qualidade de seres humanos. É fomentada pelo conhecimento, abertura de espírito, a comunicação e a liberdade de pensamento, de consciência e de crença. A tolerância é harmonia na diferença. Não só é um dever de ordem ética; é igualmente uma necessidade política e de justiça. A tolerância é uma virtude que torna a paz possível e contribui para substituir uma cultura de guerra por uma cultura de paz. 1.2. A tolerância não é concessão, condescendência, indulgência. A tolerância é, antes de tudo, uma atitude ativa, fundada no reconhecimento dos direitos universais da pessoa humana e das liberdades fundamentais do outro. Em nenhum caso a tolerância poderia ser invocada para justificar lesões a esses valores fundamentais. A tolerância deve ser praticada pelos indivíduos, pelos grupos e pelo Estados. 1.3. A tolerância é o sustentáculo dos direitos humanos, do pluralismo (inclusive o pluralismo cultural), da democracia e

que a tolerância não é um atributo inequívoco. Conforme (BOBBIO 2012) a tolerância – e a intolerância – tem sentido positivo e negativo.

Em sentido positivo, tolerância se opõe a intolerância em sentido negativo; e, vice-versa, ao sentido negativo de tolerância se contrapõe o sentido positivo de intolerância. Intolerância em sentido positivo é sinônimo de severidade, rigor, firmeza, qualidades todas que se incluem no âmbito das virtudes; tolerância em sentido negativo, ao contrário, é sinônimo de indulgência culposa, de condescendência com o mal, com o erro, por falta de princípios ou por cegueira diante dos valores. É evidente que, quando fazemos o elogio da tolerância, reconhecendo nela um dos princípios fundamentais da vida livre e pacífica, pretendemos falar da tolerância em sentido positivo [...] Tolerância em sentido positivo se opõe a intolerância (religiosa, política, racial), ou seja, à indevida exclusão do diferente. Tolerância em sentido negativo se opõe à firmeza nos princípios, ou seja, à justa ou devida exclusão de tudo o que pode causar dano ao indivíduo ou à sociedade. Se as sociedades despóticas de todos os tempos e de nosso tempo sofrem de falta de tolerância em sentido positivo, as nossas sociedades democráticas e permissivas sofrem de excesso de tolerância em sentido negativo. (BOBBIO 1992, p. 210-211).

O que se deduz da afirmação de Bobbio é que, naturalmente, deveria existir um equilíbrio entre tolerância e intolerância, sejam elas classificadas como positivas ou negativas. Na pós-modernidade, uma série de questionamentos a respeito de práticas culturais e de construções identitárias são (re)discutidas, confrontando questões culturais de gênero, raça, sexualidade, classe, nacionalidade, religião e etnia. Para tanto, o diálogo e o respeito às escolhas do outro tornam-se imprescindíveis, visto que estamos constantemente num processo de interação com o outro, interferindo em seu modo de pensar, agir e sentir. Aliás, é por meio de discursos que interferimos nos modos de pensar, ser e agir do outro e, por meio dele, nos mostramos enquanto sujeitos sociais.

Por sua tamanha relevância, a “eficácia do discurso” (FIORIN, 2008) é inerente à questão da adesão do enunciatário ao discurso.

O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de ideias que expressam seus possíveis interesses. Ele adere, porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom. Assim, o discurso não é apenas um conteúdo, mas também um modo de dizer, que constrói os sujeitos da enunciação. O discurso, ao construir um enunciator, constrói também seu correlato, o enunciatário. (FIORIN, 2008, p.157)

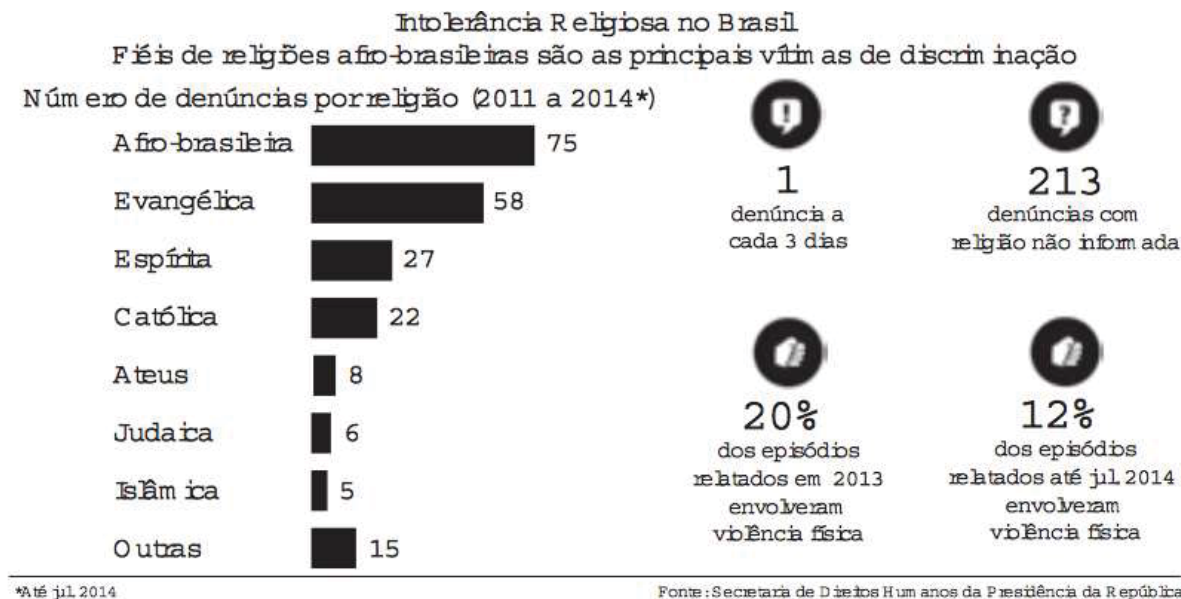
do Estado de Direito. Implica a rejeição do dogmatismo e do absolutismo e fortalece as normas enunciadas nos instrumentos internacionais relativos aos direitos humanos. 1.4. Em consonância ao respeito dos direitos humanos, praticar a tolerância não significa tolerar a injustiça social, nem renunciar às próprias convicções, nem fazer concessões a respeito. A prática da tolerância significa que toda pessoa tem a livre escolha de suas convicções e aceita que o outro desfrute da mesma liberdade. Significa aceitar o fato de que os seres humanos, que se caracterizam naturalmente pela diversidade de seu aspecto físico, de sua situação, de seu modo de expressar-se, de seus comportamentos e de seus valores, têm direito de viver em paz e de ser tais como são. Significa também que ninguém deve impor suas opiniões a outrem. (KUNSCH e FISCHMANN, 2002, p. 157 e 158.)

Em breve análise e cotejo dos discursos presentes no questionário inicial e final, bem como dos proferidos/registrados quando das atividades práticas desenvolvidas, o “modo de dizer” que indica “um modo de ser” se evidenciou, tanto em seu caráter positivo quanto negativo.

Se por um lado as proposições legais têm por objetivo a convivência harmoniosa e pacífica entre pessoas, grupos e povos cultural e socialmente distintos, por outro, para que isto se torne factível, a tolerância e o respeito ao próximo são requisitos fundamentais. Ser “aderente” à tolerância significa aceitar as diferenças entre as pessoas, sejam estas quais forem: de pensamento, valores, culturas, cor, raça, etnia, religião, crença, entre outras. Nesse sentido, os discursos deveriam ser enunciados com a finalidade última de manifestação de pensamentos e ideologias, com a prudência de não se valer dele como instrumento de reprodução do preconceito e da discriminação. Tolerar é procurar aceitar as diferenças entre as pessoas, sem abrir mão de sua própria individualidade. No entanto, como se evidenciou na pesquisa ora realizada, essa não é uma concepção comum a todos os alunos, ou tampouco à maioria deles.

Conforme dados da Secretaria de Direitos Humanos (SDH)⁴² da Presidência da República, em média, a cada três dias uma nova denúncia sobre intolerância religiosa ingressa na pasta. Entre 2011 e 2014 cerca de 504 queixas foram relatadas através do Disque 100 – Canal de denúncias por violação dos direitos humanos, que são encaminhadas ao Ministério Público e à polícia. A tabela abaixo (Tabela 5) aponta que o maior número de casos envolvendo intolerância religiosa se manifesta contra as tradições religiosas afro-brasileiras, com 35% das ocorrências. Entre o período de 2013 e 2014, 32% dos episódios envolveram violência física. Infelizmente, não se encontravam disponíveis dados mais recentes na referida secretaria para análise e comparação com o período anterior. Entretanto, o que esses dados demonstram é que há um longo caminho a percorrer no sentido de desconstruir a linha ascendente da intolerância acerca das práticas religiosas do outro.

⁴² A promoção dos direitos humanos deve compreender a realização de um conjunto de políticas norteadas pelos princípios da universalidade e da interdependência, considerando as diversidades que compõem individualmente cada sujeito de direito e cada coletivo no qual se inserem estes sujeitos na sociedade, considerando as particularidades dos indivíduos e grupos sociais moldados por um percurso peculiar conforme seus contextos sociais, políticos, econômicos e culturais. No que tange à liberdade religiosa como direito fundamental, o Brasil ainda busca fortalecer mecanismos de promoção e proteção. Neste contexto de sensibilização, a educação em direitos humanos, compreendida como um processo sistemático e multidimensional orienta a formação do sujeito de direitos e por isso está no escopo de todas as frentes de atuação da promoção dos direitos humanos. Cabe aos atores que atuam neste âmbito priorizar a formação de agentes públicos e sociais para atuar no campo formal e não formal, abrangendo os sistemas de educação, saúde, comunicação e informação, justiça e segurança, mídia, entre outros. A SDH, a partir de 2019, faz parte do MDH - Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/acoes-e-programas/secretaria-nacional-de-cidadania>.

Tabela 5 – Dados sobre a intolerância religiosa no Brasil.

Fonte: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Ser tolerante é, reciprocamente falando, consentir que os outros têm direito de pensar e agir de maneira diferente que nós e compreender que todos, sem exceção, têm os mesmos direitos a viver com liberdade. As proposições debatidas na presente pesquisa evidenciam a necessidade de priorizar atitudes de tolerância, indistinção, reciprocidade e respeito mútuo, essenciais para a democracia e para o respeito aos direitos humanos.

O modelo de pesquisa e seu formato de desenvolvimento, no sentido de explorar a relação entre teoria e prática, foi avaliado positivamente pelos sujeitos participantes (acadêmicos da disciplina de Cultura Religiosa 2018/1), os quais consideraram que os encontros proporcionaram importantes reflexões, ampliando-lhes a visão sobre esta temática, de suma importância na contemporaneidade. Coaduna com essa avaliação o fato de os sujeitos terem considerado que os encontros proporcionaram reflexões, expectativa e crescimento ao grupo por meio de uma experiência enriquecedora e uma oportunidade para discutir condutas e compartilhar sentimentos relacionados ao tema.

Cabe ainda ressaltar, considerando o atual contexto de globalização, um conceito atual sobre tolerância, e a luta contra a intolerância:

Quando defendemos os valores da liberdade, respeito às diferenças culturais e convivência pacífica, estamos nos referindo à tolerância em sentido positivo e rejeitando atitudes de preconceito e de todas as formas de exclusão do diferente que constituem a intolerância em sentido negativo. Por sua vez, a tolerância negativa veicula sentidos de indiferença diante do outro, condescendência ante o erro, indulgência com a opressão, tudo em nome de uma tranquilidade de vida

descompromissada. A denúncia desta e a sua oposição significam defender a intolerância em sentido positivo: aquela que revela a firmeza nos princípios, isto é, que defende a justa exclusão de tudo aquilo que provoca opressão e desigualdades sociais. (CARDOSO, 2003, p. 164-165).

O conhecimento dos fundamentos religiosos e parte das referências identitárias das tradições religiosas em foco na pesquisa possibilitaram a compreensão de que, todas, sem exceção, possuem suas particularidades nas questões que envolvem preceitos e práticas de fé. Entendemos que nesse tópico reside a desconstrução da ideia pré-concebida, por ignorância ou preconceito, de que haveria uma “única” religião verdadeira entendida como aquela herdada dos europeus, cuja matriz é judaico-cristã. Sob tal ótica, as outras religiões não seriam propriamente religiões, mas seitas, filosofias religiosas, expressões de religiosidade, credices, magias e superstições.

Compreender os fundamentos das tradições religiosas distintas e os códigos socioculturais religiosos do “outro” pode ser um dos caminhos para afastar atitudes como a indiferença, o preconceito e a intolerância. Para finalizar, destacamos que as questões relacionadas à aceitação e legitimidade das religiões de outras matrizes, independentemente de seus ritos e práticas, podem também ser pensadas pelo reconhecimento de que Deus, o Ser Supremo, O Eterno, tem outras maneiras de se fazer presente em meio a humanidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa do trabalho foi tentar desconstruir pré-conceitos – e com eles discursos de intolerância – que os alunos trazem consigo acerca das práticas religiosas que desconhecem, propiciando uma visão mais abrangente acerca dessas práticas enquanto manifestações socioculturais de diferentes grupos identitários. A investigação e o estudo do tema têm como propósito preparar os acadêmicos e a sociedade no sentido de respeitar a diversidade de opiniões e posicionamentos frente aos mais diversos assuntos, especialmente, os de cunho religioso, quando da tentativa de regular e interferir no âmbito das manifestações e práticas religiosas do outro.

Nesse sentido, o trabalho empreendido teve dois objetivos principais: a) investigar a concepção que os alunos têm sobre outras tradições religiosas, observando se manifestam preconceitos em relação a elas; b) e, no caso dessa hipótese ser confirmada, desenvolver um trabalho em sala de aula com vistas à desconstrução de discursos preconceituosos acerca das práticas religiosas de diversas ordens. No que concerne ao primeiro tópico do objetivo geral, identificamos, nos discursos dos sujeitos, ocorrências relacionadas aos discursos de preconceito e intolerância, as quais se manifestaram, de forma mais evidente, em relação a algumas tradições religiosas.

A partir de então, buscamos desenvolver uma proposta interventiva junto aos acadêmicos, desenvolvendo um trabalho de pesquisa e socialização sobre a diversidade religiosa, no intuito de mostrar que, nesse cenário diversificado, cada tradição religiosa, com suas crenças e práticas, tem importância na cultura da sociedade onde se encontra inserida. Os próprios alunos reconhecem a importância da crença/religião em suas vidas, como se verifica nos excertos extraídos do questionário a que responderam:

Acho que Deus é a base de tudo independente da religião ele é o nosso porto seguro. (A21)

Ela tem um papel muito importante pois sigo o que ela propôs e Deus é tudo e sem religião somos nada. (A27)

A religião dá um rumo na minha vida, ela é quem eu agradeço o que eu tenho e onde recorro quando me desespero. (A28)

Importante, pois para mim é necessário para o ser humano crer em algo e confiar sua fé para que assim possa ter sentido de existência e objetivos. (A47)

A crença, ao lado da fé, desempenha papel essencial na vida do sujeito que está em busca de sua identidade no mundo pós-moderno. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou insistentemente questionados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). Essa identidade é definida historicamente, e não biologicamente. A diversidade cultural e religiosa inserida em nosso País ratifica essa tese, pois cada uma, imersa em seus dogmas, tradições e práticas, imprime social e historicamente sua identidade em seus seguidores\simpatizantes. Em meio à diversidade, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” absoluto. Dentro de nós há identidades contraditórias, nos impelindo em diferentes direções, de tal modo que o nosso “eu” está sendo continuamente deslocado para que sua existência possua sentido. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 1990).

Mas não é tarefa simples mobilizar princípios morais, sociais e religiosos próprios do percurso identitário e que norteiam a vida dos sujeitos. Como se evidenciou na pesquisa realizada, sobressaiu-se o fato de parte dos alunos continuarem, mesmo após a intervenção aplicada, manifestando preconceitos em relação a certas práticas sacras de religiões como Testemunhas de Jeová, Candomblé\Umbanda e o incômodo suscitado pela ausência de crença dos ateus. Isso demonstra a dificuldade de desconstrução de pré-conceitos já cristalizados pelo sujeito. Contudo, há aspectos positivos a destacar como o processo de evolução da pesquisa ao longo do semestre, o conhecimento cultural\social religioso apreendido, as interações e discussões em sala de aula\fóruns, a opinião crítica, respeitosa e positiva em relação aos dogmas e práticas seja qual for a tradição religiosa em questão. Esses aspectos nos fazem pressupor que é imprescindível continuar acreditando na força de um trabalho dessa natureza.

Outrossim, percebemos a necessidade de um trabalho mais aprofundado sobre construção identitária, em que a identidade está intrinsecamente relacionada à alteridade e, por isso mesmo, a alteridade é tão necessária. Não cultuamos todos os mesmos dogmas e tampouco as mesmas práticas – uma vez que elas fazem parte de culturas distintas que os sujeitos trazem arraigadas em sua formação. No entanto, isso não significa que as minhas sejam melhores que as dos outros. As nossas práticas soam tão estranhas a outros universos culturais como as destes soam ao nosso. Talvez essa discussão possa abrir novas perspectivas de aceitação, de respeito e de tolerância social.

Se entendermos a questão da tolerância em uma relação ao multiculturalismo, o princípio da coerência deveria ser constituído por árbitro em ambas as partes do diálogo intercultural. Respeitadas as devidas proporções da individualidade de cada pessoa, é importante que ambas as dimensões procurem o caminho do diálogo e respeito mútuo.

A presente dissertação também direcionou atenção aos princípios, num primeiro nível, de respeito ao diferente e, em nível mais elevado, de aceitação de ritos, práticas e doutrinas religiosas alheias ou distintas daquelas cultuadas por cada sujeito individualmente.

Cabe destacar que o vocábulo tolerância traz em torno de si uma variedade de interpretações podendo dar margem à uma ideia equivocada de seu sentido. O que ocorre é que as ideias diferentes de cada indivíduo devem ser aceitas de forma coerente e sob o viés do bom senso. Reitera-se que as características individuais dos sujeitos não devem ser suprimidas em detrimento da coletividade, a alteridade deve ser constituída como elemento de equilíbrio entre o aspecto individual e o aspecto social, pois ambas são partes integrantes do ser humano.

O exercício da tolerância é um desafio para a vida social. A intolerância parece ser não apenas uma tendência, mas uma condição comum a todos os sujeitos e se faz presente em meio à sociedade. Ela ocorre a partir do momento em que se verifica a negação do outro com sua cultura, crenças e práticas. Após minuciosa análise dos conceitos relativos à tolerância e à intolerância, é possível afirmar que a tolerância deve ser compreendida como o respeito e aceitação à diversidade humana. Constitui-se num direito relativo à alteridade, possibilitando aos “diferentes” uma possibilidade de relações harmônicas na sociedade, pelo fato de reconhecimento da singularidade do outro.

O intolerante, que age através de condutas de exclusão, segregação ou perseguição, julga ser o possuidor da verdade absoluta. Ele tenciona impor aos outros seus valores, num primeiro plano por meio do discurso e posteriormente, através da imposição da força. Desse modo, a intolerância se caracteriza por meio da ignorância, exclusão ou negação do outro.

É válido lembrar que a instituição de políticas públicas, através de ações o governo federal a partir da primeira década do século XXI, tinha por objetivo colocar em prática um conjunto de estratégias, iniciativas, programas ou políticas que visam favorecer uma parcela da sociedade que se encontra discriminada no meio social, racial e ou religioso. Na prática, ações afirmativas são medidas que visam, essencialmente, atribuir direitos iguais a grupos da sociedade que são e ou foram oprimidos ou sofrem com questões de discriminação. Nesse sentido, o meio universitário se apresenta como um importante campo para o combate a intolerância. Não apenas aquela de caráter religioso, mas as diversas expressões de intolerância presentes na sociedade que necessitam ser debeladas. A intolerância religiosa sistematicamente

nega os valores de crença do outro, e, lamentavelmente, está disseminada nas mais variadas religiões, em diversas sociedades e em diferentes culturas.

Ressaltamos a expressiva contribuição dos sujeitos na realização dessa pesquisa, não só no que se refere à coleta de dados, mas pela adesão à proposta de pesquisa e realização das atividades propostas como forma de intervenção, nas apresentações das diversas tradições religiosas, na participação do Fórum sobre diversidade religiosa, enfim, pela realização conjunta de um projeto, o que nos faz compreender que objetivos comuns, da pesquisa, do pesquisador e do grupo levam a um processo participativo e ativo e propiciam o crescimento e a evolução pessoal.

Em razão da natureza do estudo e, especificamente do período breve de realização da pesquisa\atividades entre 05 de março 2018 a 10 de julho de 2018, portanto, um semestre, outros aspectos também importantes podem ter sido desconsiderados ao longo do trabalho. Julgamos que se esse prazo fosse maior (ao longo de um ano) uma proposta mais abrangente e outras atividades acadêmicas poderiam ter sido desenvolvidas. Não foi objeto da pesquisa e nem citado nos questionários, mas o período pré eleitoral vivenciado no País com vistas à eleição do presidente da república mostrou uma polarização entre duas correntes antagônicas na qual houve radicalismos dos mais diversos, inclusive de natureza religiosa, poderiam ter algum tipo de implicação no processo. De outro modo, esperamos que as considerações aqui elencadas possam dialogar com outros estudos acerca das questões de preconceito, discriminação e intolerância religiosa a fim de fomentar as discussões em torno deste relevante tema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela de Oliveira. **A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético.** CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Número 14 – Setembro de 2009, pág. 106 – 118. Disponível em: <http://paginas.cchla.ufpb.br/caos/n14/6A%20religiosidade%20brasileira.pdf>. Acesso em: 17 Abr. 2018.

AQUINO, Rosa Maria de; SILVA, Cássio Raniere Ribeiro. **Intolerante não sou eu, intolerante é o outro: um olhar antropológico.** Ano VI, volume I, número 10. – Jan – Jul, 2017. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/download/1256/1271>. Acesso em: 22 Ago. 2018.

BALDISSERA, A. **Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo.** Sociedade em Debate, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 5-25, ago. 2001.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos.** Cruzeiro Semiótico, 11/12, 1990, p. 60-63.

_____. **Teoria Semiótica do Texto.** Série fundamentos. São Paulo: Editora Ática, 2005.

_____. **O Discurso intolerante: primeiros estudos.** São Paulo. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/node/2185>. Acesso em: 21 Jun. 2018.

_____. A construção discursiva de discursos intolerantes. Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade de São Paulo - Laboratório de Estudos sobre a Intolerância, CNPq – Brasil. 2011, p. 255-270. Disponível em: [http://diversitas.fflch.usp.br/files/Texto%20Profa.%20Diana%20Luz%20Pessoa%20de%20Barros%20\(1\).pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/files/Texto%20Profa.%20Diana%20Luz%20Pessoa%20de%20Barros%20(1).pdf). Acesso em: 10 Fev.2019.

_____. **O discurso intolerante na internet: enunciação e interação.** In: XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina. (ALFAL), 2014, João Pessoa-PB. Anais eletrônicos. João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0716-1.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2018.

_____. **Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo.** Cadernos de Estudos Linguísticos. (58.1), Campinas, pp. 7-24 - jan./abr. 2016

BATISTA, Maria de Fátima de N. de M. A semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais. **Revista de Letras** – Nº 66. 25 - Vol. 1/2 - jan/dez. 2003. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl25Art10.pdf>. Acesso em: 05 Jul. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos.** Trad. Carlos Nelson Coutinho; apresentação de Celso Lafer. Nova ed. Rio de Janeiro: Elsevier, Campus, 2004.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp; **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora: 1982. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br / alb_inonunes/disciplinas/pesquisa-em-ensino/investigacao-qualitativa](https://docente.ifrn.edu.br/alb_inonunes/disciplinas/pesquisa-em-ensino/investigacao-qualitativa). Acesso em 31 Jul. 2018.

BOTELHO, Otávio da Cunha. **Afinal o que é religião?** Joinville: Editora Clube de Autores, 2014.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O Ser Humano em Busca de Identidade – Contribuições para uma antropologia teológica**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 11 Nov. 2017.

_____. Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos. Disponível em: <https://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/acoes-e-programas/secretaria-nacional-de-cidadania>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

CALLIGARIS, Contardo. **Redes sociais validam o ódio das pessoas**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38563773>. Acesso em: 24 de Set. 2018.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. 2003. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade**. São Paulo: Editora UNESP. Disponível em: <http://textos.pucp.edu.pe/pdf/2091.pdf>. Acesso em: 17 Ago. 18.

CARDOZO, Missila Loures. **Liberdade e Intolerância nas Redes Sociais**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo - SP – 05 a 09/09/ 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0815-1.pdf>. Acesso em: 16 Dez. 2017

CORTELLA, Mário Sérgio. Recusar a destruição da convivência digna! (Valores inadiáveis). In: PASSET, Edson; OLIVEIRA, Salete (Orgs.). **A tolerância e o intempestivo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. 240 p.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. Temas psicologia. Ribeirão Preto ,v. 4, n. 3, p. 47-70, dez. 1996 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 Jun. 2018.

DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005

_____. Para o estilo de um gênero. Bakhtiniana, **Rev. Estud. Discurso**, São Paulo , v. 7, n. 2, p. 75-94, Dec. 2012 . Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732012000200006&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 11 Fev. 2019.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. In: _____. Durkheim (Os pensadores). Seleção de textos: José Arthur Giannotti. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em: [http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado %20E% 20O% 20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf](http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf). Acesso em: 22 Nov. 2018.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. **Educar**, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000. Editora da UFPR. Disponível em: http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/irineu_engel.pdf. Acesso em: 14 Jul. 2018.

FERRARI, Odêmio Antônio. **Bispo S/A**: a Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício de poder. 3. Ed. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto em semiótica. **Organon. Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. 9. ed. Porto Alegre: 1995. Disponível em: [http://www.seer.ufrgs.br/organon /article/view/29370](http://www.seer.ufrgs.br/organon/article/view/29370). Acesso em: 10 Abr. 2018

_____. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1999.

_____. Polifonia Textual e Discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa e FIORIN, José Luiz (orgs.) **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: Em torno de Bakhtin. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <https://gpesc.wordpress.com/2015/01/23/ficha-de-leitura-dialogismo-polifonia-intertextualidade-barros-diana-l-p-fiorin-jose-l/>. Acesso em: 11 Fev. 2019.

_____. **Elementos do discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Interdiscursividade e Intertextualidade**. In: BRAIT, B. (org.) Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Elementos de Análise do Discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Tendências da análise do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 173-179, nov. 2012. ISSN 2447-0686. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636834/4555>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa**. In: Cadernos de pesquisa, nº 116, p. 21-39, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2002.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 70. Disponível em: [https://pt.scribd.com/document/399144282/Paul -Freston-nem-anjos-nem-demonios-pdf](https://pt.scribd.com/document/399144282/Paul-Freston-nem-anjos-nem-demonios-pdf). Acesso em: 23 Mar. 2019.

GALLI, Fernanda Correa Silveira. As dobraduras do discurso. **Fragmentum**, 32:13-17. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/4730>. Acesso em: 30 Nov. 2017.

GAARDER, Jostein et al. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2009

GABATZ Celso. **Diversidade Cultural Religiosa**. Congresso Internacional das Faculdades EST, 1., 2012, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/68/6>. Acesso em: 15 Abr. 2018

_____. **Religião e multiculturalismo**: o diálogo como categoria central na teologia contemporânea. Revista de Cultura Teológica, [S.l.], n. 86, p. 231-250, dez. 2015. ISSN 2317-4307. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.v0i86.24012/18675>>. Acesso em: 18 Set. 2018.

GIANNINI, Humberto. Acolher a estranheza. In: **A Tolerância por um humanismo herético**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 1993.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**: Revista de Linguística. São Paulo v.39, p. 1-267, 1995. Disponível em: <https://periodicos.flcar.unesp.br/alfa/issue/download/294/41>. Acesso em: 24 Nov. 2018.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2012. Disponível em: https://docgo.net/viewdoc.html?utm_source=dicionario-de-semiotica-greimas-algirdas-j-courtes-joseph. Acesso em: 30 Out. 2018.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte/ Brasília: Ed.UFMG/ UNESCO, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HILGERT. José Gaston; NETO, Adalberto Bastos. A irrupção do ódio na internet: traços discursivos de sua manifestação no Facebook. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** - v. 13 - n. 3 - p. 733-745 - set./dez. 2017 Passo Fundo: UPF 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/7429>. Acesso em: 20 Mai. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Manual do recenseador**: pesquisa de avaliação da cobertura. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. **Censo Demográfico 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012, pp. 89-105. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evangmiss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf. Acesso em: 30 Abr. 2018.

JORGE, Jacinto Simões. **Cultura Religiosa**: o homem e o fenômeno religioso. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

KUCHENBECKER, Valter. (Coord.) **O Homem e o Sagrado**. 8ª. Ed. Canoas: Editora da Ulbra: 2004.

KUNSCH, Margariada Maria Krohling e FISCHMANN, Roseli (orgs.). **Mídia e Tolerância a ciência construindo caminho de liberdade**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 157 e 158. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rfduerj/article/viewFile/2304/3160>. Acesso em: 10 Fev. 2019.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do Outro – Ensaios de Sociosemiótica**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Título original: Présences de l'autre. Essais de socio-sémiotique II).

_____. **Para uma semiótica sensível**. Educação & Realidade [en linea] 2005, 30 (Julio-Diciembre) Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227042009>> ISSN 0100-3143. Acesso em: 01 Jul 2018.

_____. **Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido**. Galaxia (São Paulo, On line), n. 27, p. 10-20, jun. 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3996/399641253002/>. Acesso em 04 Jul. 2018.

LARA, Glauca Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. Um panorama da semiótica Greimasiana. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, 53 (2), p.339-350, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/279641452> Um_panorama_da_semiotica_Greimasiana. Acesso em: 21 Jun. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep145/pesq.htm>. Acesso em: 26 Jun. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira. Católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, vol. 11, núm. 2, p. 238-258 mayo-agosto 2011. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/742/74220016005/>. Acesso em 20 Abr. 2018.

MATEUS, Samuel. **Introdução à retórica no século XXI**. Portugal: LABCOM.IFP Comunicação, Filosofia e Humanidades Unidade de Investigação Universidade da Beira Interior, 2018.

MATOS, Alderi Souza de. **O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário**. FIDES REFORMATATA XI, Nº 2 (2006): 23-50. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/pentecostalismo/100-movimento-pentecostal_alderi.pdf. Acesso em: 23 Mar. 2019.

MENDES, Vítor Hugo. Inteligência da fé em um contexto pós-metafísico: apontamentos para uma nova sensibilidade teológica. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 35, n. 148, p. 275-303,

Jun. 2005. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1686/1219>. Acesso em: 11 Out. 2018.

MIRANDA, Marília Gouveia de; RESENDE, Anita C. Azevedo. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 511-518, Dec. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 Ago. 2018.

MOREIRA, Vivian Lemes; BASTOS, Gustavo Grandini; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. UNISINOS, 2012. **Calidoscópico** Vol. 10, n. 2, p. 161-170, mai/ago 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.102.04/981>. Acesso em: 22 Nov. 2017.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil Contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a04v23n2>. Acesso em: 16 Abr. 2018

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. São Paulo, **Estudos Avançados**, vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300020. Acesso em: 21 Set. 2018.

OEA. **Mais direitos para mais pessoas**. Disponível em: http://www.oas.org/pt/sobre/nossa_historia.asp. Acesso em: 11 Abr. 2018.

OLIVEIRA, Aurenéia Maria de. Preconceito, estigma e intolerância: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. **Estudos de Sociologia**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 13, n. I, p. 239-264, 2007. Pernambuco: UFPE.

PANZINI, Raquel Gehrke et al. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de psiquiatria clínica**. São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 105-115, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 Nov. 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Reencantamento e dessecularização**. A propósito do autoengano em sociologia da religião. Revista Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 1, n. 49, p. 99-117, 1997. Disponível em: [file:///C:/Users/Acer/Downloads/8088-41797-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Acer/Downloads/8088-41797-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 11 Fev. 2018.

_____. Religião como solvente: uma aula. **Novos estudos**. CEBRAP, São Paulo, n. 75, p. 111-127, July 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200008&script=sci_arttext Acesso em: 21 Abr. 2018.

PINHEIRO, Viviane Potenza Guimarães. Preconceito, moralidade e educação moral para a diversidade. USP, 2011. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16 n. 46 jan. abr. 2011. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n46/v16n46a12.pdf. Acesso em: 30Jun.2018.

PRANDI, Reginaldo. Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX. **Tempo social**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-74, June 1990. Disponível em: <http://www>.

scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701990000100049&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Mar. 2019.

_____. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas** - Revista de Ciências Sociais, 2003, 3 (junho). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74230102>> . Acesso em: 30 Mar. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANQUETAT JR., Cesar. Laicidade, Laicismo e Secularização: definindo conceitos. **Revista Sociais e Humanas**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 67-75, dez. 2009. ISSN 2317-1758. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/773/532>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários**. São Paulo: Olho d'Água; Loyola, 2009.

RODRIGUES, Donizete. Novos movimentos religiosos: Realidade e perspectiva sociológica. **Revista Antropológicas**, ano 12, volume 19(1): 17-42 (2008). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/viewFile/23660/19316>. Acesso em: 24 Mar.2019.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; SANTOS, Rodrigo Hamilton dos. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. **Revista de informação legislativa: RIL**, v. 52, n. 207, p. 143-158, jul./set. 2015. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143> Acesso em: 04 Nov. 2017.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2002 Nº 20. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05. Acesso em: 08 Out. 2018.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, Diversidade e Valores Culturais: conceitos teóricos e a educação para a Cidadania. **Revista de Estudos da Religião** Nº 2 / 2004 / pp. 1-14. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_silva.pdf. Acesso em: 11 Fev. 2019.

SILVA, Rosane Leal da et al. Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.445-468, Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-24322011000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 02 dez. 2017.

SOCIEDADE TORRE de Vigia de Bíblias e Tratados. Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/publicacoes/biblia/nwt/livros/G%C3%AAAnesis/9/>. Acesso em: 25 jan. 2019.

TEIXEIRA, Faustino. Pluralismo religioso. Horizonte - **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, Belo Horizonte, p. 27-32, jun. 2005. ISSN 2175-5841. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/545>>. Acesso em: 25 Abr. 2018.

_____. **Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade.** In: SCARLATELLI, Cleide da Silva; STRECK, Danilo Romeu; FOLLMANN, José Ivo (Orgs.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

_____. **Os dados sobre religiões no Brasil em debate.** Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 77-84, jul./dez. 2013. Disponível em: www.seer.ufrgs.br/debatesdoNER/article/viewFile/43690/27482>. Acesso em: 30 Abr. 2018.

TEIXEIRA, Lúcia. **Argumentação e semiótica.** Congresso Internacional da ABRALIN, Fortaleza, 2001. Disponível em: www.pucsp.br/cps/downloads/.../Teixeira__1__argumenta_ao_e_semiotica__.pdf. Acesso em: 02 Jul. 2018.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO O. Carlos (Org.). **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 82-103.

_____. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 2009. Disponível em: pergamum.unisul.br/pergamum/pdf/restrito/000004/00000419.doc. Acesso em: 29 Jul. 2018.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé.** 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Os “sem religião”:** dados para estimular a reflexão sobre o fenômeno. *Belo Horizonte*, vol. 13, no. 37, p. 605-612, Jan./Mar. 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/download/P.2175-5841.2015v13n37p605/7728>. Acesso em: 22 Jul. 2018.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa: As Religiões do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1985 **Revista Decifrar:** Uma Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa da UFAM (ISSN 2318-2229) Manaus, Vol. 02, Nº 03 (Jan/Jun-2014) 261.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DA IES PARA APLICAÇÃO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
Associação Educacional Luterana do Brasil

ATESTADO

Atestamos para os devidos fins de direito, que Éiton Fischer, CPF 470 389 500 53, professor desta Universidade – ULBRA Campus Carazinho, onde ministra a disciplina de Cultura Religiosa, está autorizado a realizar a pesquisa sob o título A intolerância Religiosa sob a luz da semiótica discursiva, como aluno regularmente matriculado no IFCH Mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo, durante o semestre 2018/I, com início previsto em 19.02.2018 e término para 26 de julho de 2018.

Atenciosamente,



Eleisa de Avila Pauletto
Coordenadora Acadêmica





Mari Salete Zaniella Taietti
Diretora Geral
Mari S. Z. Taietti
Diretora
ULBRA Fone: (51) 3312 2100



**APÊNDICE B – TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE
ESCLARECIDO**



**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – IFCH
MESTRADO EM LETRAS**

Universidade de Passo Fundo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Campus I - BR 285, Bairro São José - CEP 99052-900
Passo Fundo/RS
E-mail: ppgletras@upf.br
Telefone: (54) 3316-8341

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

CONVITE

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa sobre Intolerância Religiosa à Luz da Semiótica Discursiva, sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Elton Fischer. Essa pesquisa consiste no trabalho de dissertação do Mestrado em Letras, dentro da linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, sob a orientação da Dra. Luciana Maria Crestani.

JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa justifica-se em função da premissa do projeto que visa desconstruir conceitos formados através da observação de ideias e conceitos de alunos ingressantes na instituição na disciplina de Cultura Religiosa da ULBRA Campus Carazinho, por desconhecimento ou ignorância frente ao tema ou opiniões infundadas sobre religiões que os mesmos desconhecem.

A investigação e o estudo do tema têm como propósito preparar os acadêmicos e a sociedade no sentido de respeitar a diversidade de opiniões e posicionamentos frente aos mais diversos assuntos, especialmente, os de cunho religioso.

Uma pesquisa no sentido do respeito às diferenças se justifica por si só, uma vez que gera o discurso compreensivo, de acolhimento e respeito, tão necessário e escasso no mundo intolerante no qual vivemos. Um trabalho dessa natureza visa também à construção de conhecimentos, mesmo que básicos, sobre o tema abordado, contribuindo, assim, para dirimir ideias pré-concebidas com base em discursos do senso comum, muitas vezes eivados de preconceitos.

As propostas didáticas a serem desenvolvidas com os alunos durante o semestre consistem, basicamente, de pesquisa (na internet, livros, artigos, revistas, etc) sobre religiões (ritos, crenças, objetos cultuados, origem cultural, etc.) e socialização dos resultados em forma de seminários. Quanto às pesquisas, elas deverão ser em grupos - sendo que cada grupo pesquisará e compilará dados sobre uma religião, para, depois, apresentá-los, em forma de seminário, ao grande grupo. Tanto as atividades de pesquisa quanto as de apresentações ocorrerão durante as aulas, acompanhadas e mediadas pelo professor. A definição do tema a ser pesquisado por cada grupo será feita por sorteio e, se o aluno assim desejar, poderá mudar de grupo para pesquisar sobre outra religião que lhe interesse mais.

A ideia é a de que, ao pesquisarem e debaterem, os alunos construam conhecimentos sobre outras religiões (que não a apenas por eles praticada) e, assim, desmitifiquem concepções equivocadas e/ou preconceituosas que podem ter construído em relação a alguma das muitas práticas religiosas que coexistem na nossa sociedade em virtude da diversidade cultural que a constitui. O intuito, enfim, é tentar promover o conhecimento, mesmo que básico acerca das religiões, e, com ele, o respeito às diferenças de cunho religioso. Cremos que um trabalho nesse sentido pode ser muito construtivo também para abordar aspectos culturais, éticos e que implicam a formação - e o convívio harmônico e solidário - do sujeito social num mundo constituído por diferenças de todas as ordens.

OBJETIVOS: Os objetivos dessa pesquisa são:

- a) Investigar a concepção que os alunos têm sobre outras religiões\igrejas ou práticas desconhecidas ou ignoradas por eles;
- b) Desenvolver um trabalho de pesquisa e socialização de resultados com os alunos sobre culturas religiosas analisando aquelas mais destacadas negativamente;
- c) Identificar no amplo universo religioso que cada tradição religiosa tem importância na cultura da sociedade onde encontra-se inserida;

PROCEDIMENTOS, LOCAL, DIA, HORA DA PESQUISA

A sua participação na pesquisa será em 2 encontros, no turno da noite, entre 19hs e 22hs, no início e final do semestre letivo 2018\1, nas turmas de Cultura Religiosa e Sociedade e Contemporaneidade da ULBRA Campus Carazinho, BR 285, KM 335, Carazinho\RS.

POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS

Conforme a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 que dá ênfase especial ao respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos; considerando o desenvolvimento e o engajamento ético, que é inerente ao desenvolvimento científico e tecnológico e pautados pela resolução CNS196/96,

que cita a “possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente” destacamos que pesquisa oferece risco mínimo para os participantes, uma vez que suas identidades serão totalmente resguardadas e não serão citadas, em nenhum momento, nos relatos da mesma.

Não será realizado nenhum tipo de intervenção ou modificação intencional nas diferentes variáveis fisiológicas ou psicológicas e sociais dos indivíduos que participam do estudo. Destaca-se que serão mantidas a privacidade e confidencialidade dos mesmos sem prejuízo à sua imagem.

O questionário não solicita o nome e nem qualquer outro dado que possa identificar os participantes. A participação na pesquisa será de forma voluntária, sendo garantido ao participante o direito de desistir dela a qualquer momento, sendo necessário, para isso, apenas comunicar ao pesquisador seu desejo de desistência. Se, mesmo assim, for identificado algum sinal de desconforto psicológico/emocional de sua participação na pesquisa, o (a) pesquisador (a) aceitará sua desistência e compromete-se em orientá-lo (a) e encaminhá-lo (a), em caso de solicitação ou necessidade, para atendimento junto aos profissionais especializados na área do campus Ulbra Carazinho. O benefício da pesquisa é aplicável ao pesquisador, aos voluntários e a população em geral e espera-se que seus efeitos permaneçam após a sua conclusão.

BENEFÍCIOS

Ao participar da pesquisa, você terá os seguintes benefícios:

- a) Emitir suas opiniões e juízo de valor acerca do tema da pesquisa;
- b) Reavaliar seus conceitos acerca do tema Intolerância Religiosa e seus desdobramentos;
- c) Refletir sobre mudanças de postura frente ao tema abordado respeitando a diversidade de opções religiosas e suas distintas práticas.
- d) Estabelecer um termo de distinção daquilo que se concebe como liberdade de expressão religiosa e o que se configura como discurso de ódio

ESCLARECIMENTOS: “Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre quaisquer dúvidas relacionada a pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo.

LIBERDADE

Sua participação nessa pesquisa não é obrigatória e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento. Importante destacar que a pesquisa se destina a indivíduos maiores de 18 anos com participação voluntária.

SEM GASTOS E REMUNERAÇÃO

Você não terá qualquer despesa para participar da presente pesquisa e não receberá pagamento pela sua participação no estudo.

SIGILO E DA PRIVACIDADE

Não é obrigatória a identificação na pesquisa e caso ocorra os dados relacionados à identificação não serão divulgados. Se você se sentir desconfortável em responder alguma das questões da pesquisa poderá deixá-la em branco\sem resposta.

DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Dissertação de Mestrado, em possíveis eventos científicos e em trabalhos acadêmicos do pesquisador, mas você terá a garantia da confidencialidade dos dados, bem como a certeza de que suas respostas não serão alteradas ou suprimidas.

DÚVIDAS

Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considere prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com o (a) pesquisador (a) Elton Fischer (54) 9 9672-9700, com a secretaria do PPGL Mestrado em Letras, pelo telefone (54) 3316-8341 ou ainda consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 08h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira.

Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo. Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).

Passo Fundo, ____ de março\junho de 2018.

Nome dos (as) participantes: Segue abaixo lista de assinatura coletiva dos sujeitos da pesquisa.

Assinatura: _____

Nome do (a) pesquisador (a): _____

Assinatura: _____

APÊNDICE C – RELATÓRIO QUESTIONÁRIO INICIAL



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO INSTITUTO DE FIOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A seguir você responderá a um questionário sobre práticas religiosas:

1. Sexo: 21 - Masculino

29 - Feminino

2. Estado Civil: Solteiro - 14

Solteira – 22

Casado – 07

Casada - 07

3. Sujeitos\Idade atual:

04 18

08 19

04 20

04 21

05 22

03 23

03 24

01 26

01 27

03 28

01 29

04 32

03 33

01 34

02 38

01 41

01 47

4. Local de residência:

Almirante Tamandaré do Sul (3)

Carazinho (28)

Chapada

Colorado (2)

Coqueiros do Sul

Espumoso

Não me Toque (2)

Novo Xingú

Passo Fundo (2)

Santo Antonio do Planalto (2)

Santa Bárbara do Sul

Sarandi (3)

Soledade

Tapera

Não declarado (1)

5. Em relação à religião, você diria que é:

- () Ateísta
- (01) Agnóstico (a)
- (05) Acredito em Deus mas não sigo nenhuma religião
- (19) Católico
- (07) Católico não praticante
- (01) Espírita kardecista
- (16) Protestante (evangélico, batista, mórmon, calvinista, luterano,etc).
- () Praticante de religião afro-brasileira (umbanda, candomblé)
- () Pentecostal. Qual? Assembleia de Deus
- () Tenho outra religião. Qual? Não acredito. Nem desacredito. Adventista do

Sétimo Dia

As citações acima foram escritas por sujeitos respondentes da pesquisa. Um citou ser da pentecostal Assembleia de Deus; outro afirma que em relação à religião não acredita e nem desacredita; e o último se identificou como adventista em relação à sua religião de origem.

6. Qual é a influência religiosa da família na sua vida

- S1- Não sou influenciado. Acredito em Deus, porém não vou muito à igreja.
- S2- Como uma influência razoável.
- S3- Ter fé.
- S4- Minha família é católica bem praticante.
- S5- Toda. Meus pais e avós são católicos e influenciaram todos os filhos.
- S6- Da família são todos católicos.
- S7- Sempre fomos ensinados a ter muita fé.
- S8- Pouca.
- S9- Pouca.
- S10- Influencia em acreditar na religião.
- S11- Importante. Sem a família nada somos.
- S12- Muito boa pois carregamos a fé bem viva em nossas vidas.
- S13- É de grande importância.
- S14- A minha mãe é praticante da Igreja Quadrangular, tem muita fé nessa religião e é evangélica.
- S15 – A religião faz parte de minha família e desde pequeno fui incentivado a participar de atividades da igreja católica.
- S16- Tem uma influência grande porque me fez ver que Deus é grande e preciso dele para me fazer forte e ter fé.
- S17- Família evangélica. Fico livre para seguir minha religião.
- S18- Bastante, pois minha família inteira é católica.
- S19- Importante. Minha mãe é ministra e a gente participa frequente da capela na nossa comunidade.
- S20- Temos fé e acreditamos em uma força maior.
- S21- Muito importante pois somos regidos pelo amor de Cristo e seus ensinamentos.
- S22- Sempre teve um pouco de pressão em relação a religião, sempre nas questões de ir as missas, mas também sempre se manteve a opção de escolha.
- S23- Muito importante acreditar em Deus e ter uma religião para mim é essencial.
- S24- Tenho a maioria de parentes que são irmãos, padres, então tem uma influência bem grande.
- S25- Meus pais costumam frequentar a igreja sempre que possível e quando consigo sempre vou junto.

- S26- Para minha família a influência religiosa está relacionada em acreditar em Deus.
- S27- Boa parte da família é de outra religião porém há respeito entre ambas as partes.
- S28- Quando criança fui batizada na igreja católica, fiz catequese por incentivo de meus pais.
- S29- Eu diria que na minha família eu tenho livre escolha em seguir ou não uma religião. Não sou influenciada negativamente.
- S30- Pouca, apenas o batismo na igreja católica.
- S31- Importante pois aponta os caminhos certos para o bem.
- S32- Não há tanta influência por mais que eu sou batizada na católica, minha família sempre foi muito aberta em relação a religião, mas normalmente me fazem seguir a Deus, independente da religião que agora adulta eu resolva praticar.
- S33- Minha família é cristã, seguimos as práticas da igreja, respeitamos doutrinas e praticamos nossa fé todos os dias.
- S34- Minha família é bastante cristã e me trouxe vários ensinamentos que vem de sua religião (catolicismo) sempre buscam meu envolvimento com a igreja.
- S35- Minha família é muito religiosa e costuma ir na igreja toda a semana. Levam muito a sério os ensinamentos da Bíblia Sagrada.
- S36- A minha família não tem influência religiosa na verdade todos nós acreditamos em Deus.
- S37- A minha família não tem influência na religião.
- S38- Grande, a família é muito religiosa.
- S39- Que temos que ser unidos, respeitar os outros com suas escolhas e formas de pensar, e que a religião é bom seguir algumas.
- S40- Não tem influência muito significativa.
- S41- Tem grande influência pois minha família sempre vai e me incentiva a ir.
- S42- Tem grande influência pois acredito que Deus é tudo na nossa vida.
- S43- Minha família me ensinou desde pequeno que devemos acreditar na palavra e Deus e sempre buscar seguir seus pensamentos.
- S44- Tem grande influência. Foi a partir dela que tive o primeiro contato com as religiões.
- S45- Não é muito influente, seguimos a religião, mas nenhum tipo de pressão por parte de algum familiar.
- S46- Toda minha família é católica e meu avô já foi presidente da igreja.
- S47- Toda. Apesar de ter uma família sem restrições a outras religiões que não fosse cristianismo.
- S48- Eles me orientam e me ajudam quando tenho dúvidas sobre religião, nem todos meus familiares são da mesma religião, mas todos nos respeitamos.
- S49- Tem grande influência, minha mãe é catequista e meu pai é ministro. Frequentam a igreja todos os domingos.
- S50- Grande. Toda a minha família é evangélica e desde pequena tive essa influência.

7. Qual o papel que sua religião ou crença tem para você?

- S1- Apenas vou nos cultos de vez em quando, não sou praticante.
- S2- Procuramos ter uma crença para nos fortalecer nas horas difíceis e para agradecer as conquistas.
- S3- Acreditar em Deus.
- S4- Papel de ter uma ordem, fé.
- S5- Fundamental. Uma pessoa sem religião ou crença não tem vínculo com a fé.
- S6- Importante papel.
- S7- Ter amor ao próximo, ajudar o próximo, fazer o bem sem ver a quem.
- S8- Ter fé.
- S9- Pouca.

- S10- Papel importante para formação do ser humano e da fé.
- S11- Fé, força, ajuda, apoio.
- S12- Um papel muito importante pois é uma fonte de energia que tem dentro de mim, que me auxilia em minha vida.
- S13- Ela é muito importante mas creio que Deus está em todas as religiões.
- S14- Pois é não sou praticante mas tenho muita fé em Jesus.
- S15- É importante pois me faz acreditar em um propósito, algo maior que tudo.
- S16- Tem um papel importante porque ela diz que Deus é o mesmo independente de religião.
- S17- Fator fundamental.
- S18- Muito importante.
- S19- Papel de grande importância para conhecimento, aprendizado, obediência e normas.
- S20- Ajudar a termos proteção divina.
- S21- Tem um papel fundamental em meu caráter, a palavra de Deus ensina a ser corretos em tudo.
- S22- Muito importante no dia a dia sempre presente nos pensamentos diários.
- S23- Acreditar e orar para Deus e ter uma religião para mim é fundamental e guia as nossas vidas.
- S24- A fé que minha religião possui é o papel mais importante para minha vida, é na fé e em Nossa Senhora que me agarro.
- S25- Não posso ser hipócrita e dizer que sempre estou na igreja rezando, porém acredito em algo maior que nós, acredito que Deus está presente em nosso dia a dia e não somente nesses momentos específicos.
- S26- Fazer com que eu tenha fé, que conseguirei realizar meus objetivos, fortalecendo a minha família.
- S27- Importante, fundamental pois para mim Deus é o elo que une todas as coisas.
- S28- A fé é a mesma para todos só depende da visão e do pensamento.
- S29- Eu diria que a religião é muito importante para mim, pois em momentos difíceis em minha vida sempre rezo.
- S30- Acredito em Deus, mas não sigo nenhuma religião.
- S31- Importante pelo motivo que devemos crer em algo superior a nós.
- S32- Buscar a Deus sempre, aprender a Sua Palavra e crer.
- S33- Um apoio diário, orienta, influencia na minha fé auxilia em momentos difíceis.
- S34- Minha crença me faz buscar conhecer melhor qualquer assunto que seja relevante a minha vida e de que maneira possível busco o respeito e a igualdade as coisas próximas a mim serem as melhores possíveis.
- S35- Eu não pratico a religião, apenas acredito em Deus e tento ser uma pessoa boa se baseando na religião.
- S36- Na verdade eu acredito tenho fé em Deus independente da religião.
- S37- A religião não tem nenhum papel significante para mim.
- S38- Papel de orientação espiritual.
- S39- Trazer mais conhecimento, fazer com que seja mais responsável e seguro na vida em que se vive, acho que o papel é importante pois traz ensinamentos e faz as pessoas mudarem de pensamentos ruins a bons.
- S40- Em branco.
- S41- Grande papel no meu senso crítico e moral.
- S42- No momento não sigo nenhuma religião mas acredito que minha crença tem um papel de extrema importância.
- S43- Um papel importante. Um papel que ensina a me tornar um ser humano melhor, um ser de caráter.

S44- É importante pois acredito e tenho fé em Deus. É uma alternativa de viver e conviver melhor com a sociedade.

S45- É muito importante pois nela que eu vejo esperança.

S46- Em branco.

S47- Fundamental. Através dela nos fortalecemos para as adversidades.

S48- É fundamental em minha vida, procuro seguir a base doutrinária em meu cotidiano. Mas não tomo minhas escolhas e atitudes a partir ou baseada em minha religião.

S49- Acredito muito tenho minha fé, mas não sou aquela praticante.

S50- Importante. Para mim é necessária para o ser humano crer em algo e confiar sua fé para que assim possa ter sentido de existência e de objetivos.

8. Você conhece práticas/preceitos de outras religiões? Quais? O que sabe sobre elas?

S1 – Não conheço nenhuma.

S2 – Sim cultos.

S3- Não.

S4 – Já conheci várias religiões para ter certeza de qual deveria seguir.

S5 – Muito pouco.

S6- Não

S7- Não.

S8- Sim. Católico que acredita em santos.

S9- Não.

S10- Não

S11- Não

S12- Não conheço.

S13- Não conheço e cada um de nós somos livres para fazer escolhas.

S14- Não tenho receio de nenhuma delas.

S15 – Não.

S16- Não conheço.

S17 – Católicos acreditam em santos.

S18 – Não conheço.

S19- O modo de se vestir que se veste todos de roupas compridas.

S20- Não.

S21- Não conheço e não sei nada sobre outras religiões.

S22- Não conheço.

S23- Não.

S24- Preconceito com crentes, judeus e outros existe bastante, mas nunca procurei saber afundo sobre isso.

S25- Não.

S26- Não sei.

S27- Sim. Católicos acreditam em Deus Pai, Jesus, Espírito Santo, porém creem em imagens.

S28- Conheço sim o espiritismo mas não sei muita coisa à respeito.

S29- Não conheço nenhuma prática.

S30- Já tive experiência em outras religiões como evangélica e batista.

S31- Sim, protestante evangélica.

S32- Não consigo descrever muito sobre, mas costumo ir na evangélica e gosto muito como a forma com que fazem os cultos e buscam explicar a Palavra nos fazendo sentir o Espírito Santo.

S33- Conheço da religião muçulmana e budista. Sei sobre costumes e crenças.

S34- Alguma. Fui batizado na Igreja Católica Apostólica Romana crismado e sempre envolvido. Conheço pouco da igreja luterana, Espírita, Candomblé e Judaica.

- S35- Conheço alguma coisa sobre espíritas e católicos.
 S36- Conheço um pouco sobre a religião espírita; que fala muito sobre espíritos, outras vidas após a morte.
 S37- Sei de religiões que criticam o jeito de orar, vestir ou seus costumes religiosos. Sei que a umbanda sofre preconceito por ser diferente das demais religiões.
 S38- Não.
 S39- Sim, ateuísta, católica e evangélica, ateuísta que não acredita em Deus; católica tem céu e inferno e evangélicas algumas não dá para assistir TV.
 S40- Não tenho muito conhecimento.
 S41- Sim. Católica acreditam em imagens e as seguem.
 S42- Não.
 S43- Evangélicos que tem o grupo de jovens e tem uns evangélicos bíblicos bonitos.
 S44- Conheço poucos e os que conheço sei muito pouco.
 S45- Já participei de religião espírita e evangélica.
 S46- Em branco.
 S47- Espírita Kardecista. Católica e afro brasileira. Costumes e práticas.
 S48- Conheço a religião católica pois já fiz parte antes.
 S49- Sim. Igreja Católica, Budismo e Islamismo.
 S50- Somente o que eu ouço falar e já pesquisei como os costumes adventistas de guardar o sábado e outros.

9. Você tem algum tipo de restrição em relação a alguma religião ou prática religiosa? Poderia citar quais e por quê?

- S1 – Não tenho nenhuma restrição.
 S2 – Não.
 S3 – Não.
 S4 – Não. Como já disse procurei outras religiões.
 S5 – Me incomoda algumas igrejas que pedem dinheiro em troca de favores de Deus, não aceito, mas respeito.
 S6- Em branco.
 S7- Não tenho.
 S8- Nenhuma.
 S9- Não. Acredito que todos são livres para escolherem o que seguir.
 S10- Não.
 S11- Não.
 S12- Não tenho nada contra as demais religiões, cada pessoa tem a sua própria crença.
 S13- Não tenho nenhuma restrição a qualquer religião.
 S14- Não tenho nenhum.
 S15- Não.
 S16- Não tenho nenhuma restrição as outras religiões.
 S17- Não.
 S18- Não tenho.
 S19- Não.
 S20- Não.
 S21- Sim, umbandistas porque fazem oferendas a deuses pagãos.
 S22- Não tenho restrições, mas tem algumas que não gosto de participar.
 S23- Não.
 S24- Não tenho nenhuma restrição e sou aberta o suficiente para aceitar e entender a escolha de cada um.
 S25- Não.

- S26- Nenhuma.
- S27- Não. Porém não concordo com algumas, meu ponto de vista.
- S28- Não tenho nenhuma restrição religiosa.
- S29- Não, pois não tenho nenhuma restrição.
- S30- Nenhuma. Cada um tem o direito de seguir no que acredita.
- S31- Sim, tenho restrição a qualquer religião ou prática religiosa que use a fé das pessoas para fins lucrativos próprios ou da própria religião.
- S32- Não gosto a forma que a umbanda e candomblé colocam suas práticas, mas respeito.
- S33-Sim. A religião afro brasileira não me identifico com as práticas e cultos. Não gostaria de participar desta religião.
- S34- Não tenho restrição. Apesar de não seguir práticas religiosas não cristãs (conhece-las).
- S35- Não.
- S36- Tenho restrição da religião machista como é o Islamismo.
- S37- Tenho restrição á religiões machistas como o Judaísmo, Islamismo e Mórmons.
- S38- As religiões que vendem espaço no céu.
- S39- Sim evangélicas, pois algumas dessas religiões as mulheres não podem usar calças e nem assistir TV, e eu gosto de assistir.
- S40- Não. Pois cada pessoa sabe no que acredita e não é meu direito julga-los por essas escolhas.
- S41- Sim. Tenho restrição em relação as práticas da igreja católica de adorar santos, pois não acredita que um homem possa santificar outro e assim tornado santo.
- S42- Tenho restrição um pouco com católicos pois acredito que se deve crer em deus e não em imagens.
- S43- Testemunhas de Jeová não pode doar sangue. Acho errado, porque ninguém sabe o dia de amanhã, e pode ser que você precise de sangue.
- S44- Não, desde que não prejudique os outros.
- S45- Não tenho.
- S46- Tenho restrição somente aquelas religiões que fazem sacrifícios de animais.
- S47- Apenas as que usam animais para rituais.
- S48- Não digo restrição, mas não compreendo a religião Islâmica, algumas atitudes em relação as mulheres.
- S49- Não.
- S50- Não possuo restrições, pois como cidadão de um País livre de religiões tenho o direito de ter minhas crenças e isso não me dá direito de criticar ou ter preconceitos sobre as religiões. Todos são livres para crer e cultivar a que ele achar por verdade.

10. Responda a esta questão com o primeiro sentimento que lhe ocorrer; Não baseie sua escolha simplesmente no melhor ou pior indivíduo que você conheça, mas na sua visão do grupo como um todo. Múltipla escolha:

| Você aceitaria ter pessoas destes grupos como: | Ateus | Católicos | Protestante Reformada | Pentecostais | Espiritualistas |
|--|-------|-----------|-----------------------|--------------|-----------------|
| 1. Familiar (marido, esposa, filho (a), irmão, irmã) | N5 | N2 | N3 | N 2 | N3 |
| 2. Parente (genro, nora, padrasto, madrasta, enteado (a), cunhado (a)) | N4 | N2 | N | N3 | N3 |

| | | | | | |
|---|----|----|----|----|-----|
| 3. No meu grupo de amigos, ou como amigos de meus filhos | N | N3 | N | N2 | N2 |
| 4. Como doadores de sangue ou de órgãos, caso você ou alguém da sua família venha a necessitar | N4 | N2 | N | N | N5 |
| 5. Como vizinhos, morando na mesma rua ou prédio | N | N2 | N | N3 | N2 |
| 6. Como colegas ou parceiros de trabalho ou de estudo | N | N3 | N | N | N2 |
| 7. Como empregados na minha casa, na minha empresa ou na minha propriedade | N3 | N3 | N2 | N3 | N4 |
| 8. Como cidadãos do meu país | N2 | N2 | N | N3 | N5 |
| 9. Sinto-me incomodado com suas práticas ou regras de fé | S8 | S5 | S5 | S4 | S10 |
| 10. Evitaria manter contato | S5 | S3 | S2 | S2 | S5 |

APÊNDICE D – RELATÓRIO QUESTIONÁRIO FINAL

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FIOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

A seguir você responderá a um questionário sobre práticas religiosas:

1. Sexo:

Masculino - 14

Feminino – 36

2. Estado Civil:

Solteiro - 09

Solteira – 31

Casado – 05

Casada - 04

Viúva- 01

3. Idade atual: Sujeitos\Idade

11 18

11 19

03 20

01 21

03 22

02 23

03 24

04 26

01 30

02 31

01 32

02 33

01 35

01 36

01 39

01 44

01 45

01 49

4. Local de residência:

Carazinho - 27

Chapada - 01

Colorado - 01

Fontoura Xavier – 01

Liberato Salzano - 01

Não me Toque - 05

Novo Barreiro - 01

Passo Fundo – 02

Ronda Alta – 03

Rondinha - 01

Sarandi - 02

Soledade - 04

Tapera - 01

5. Em relação à religião, você diria que é:

- (02) Ateísta
- (01) Agnóstico (a)
- (06) Acredito em Deus, mas não sigo nenhuma religião
- (18) Católico
- (08) Católico não praticante
- (01) Espírita kardecista
- (09) Protestante (evangélico, batista, mórmon, calvinista, luterano ou outra)_____
- () Praticante de religião afro-brasileira (umbanda, candomblé)
- (05) Pentecostal. Qual? Internacional da Graça, Assembleia de Deus
- () Tenho outra religião. Qual?

6. Qual é a influência religiosa da família na sua vida

- S1- A família é a base de tudo, então a influência da família faz com que sigamos o mesmo caminho.
- S2- Minha família é bastante religiosa no modo pentecostal e a influência deles é positiva porque me ensina o certo e amar a Deus.
- S3- Que normalmente costumamos seguir a mesma religião que nossos pais influenciaram.
- S4- Sigo e acredito que a religião tem grande influência no meu dia a dia, nas escolhas e no meu pensamento e modo de ser.
- S5- A religião indica o caminho do certo e do errado assim influenciando nas nossas escolhas.
- S6- Na minha família tem várias religiões diferentes, porém nenhuma delas influencia na minha vida.
- S7- Ela é importante e influencia o nosso modo de viver, pois traz conhecimento para o lar, deixa-nos em paz e harmonia o que faz influência positiva no nosso modo de ver o mundo e as coisas materiais e espirituais.
- S8- Família católica muito importante na formação do meu caráter e das minhas crenças.
- S9- Bem tranquila cada um com sua opinião sem interferir na vida do outro.
- S10- Muito boa pois vamos na igreja em família e somos muito ligados a igreja.
- S11- Possuem um grande papel, pois sempre me incentivaram a buscar e acreditar, no que sentir interesse. Sempre me falaram da importância de possuir uma religião.
- S12- É fundamental. Foi pelo apoio familiar que conheci a minha religião.
- S13- Sempre me ensinou a diferença entre certo e errado e respeitar a religião do outro e seguir os conceitos da minha, a católica.
- S14- Grande. Minha mãe sempre me levava na igreja desde bebê (católica). Aprendi a ler em uma Bíblia com 5 anos. Aos oito minha mãe se converteu a igreja Deus é Amor e segui lá até os 11 anos, onde a partir de então sigo na Assembleia de Deus (apesar de hoje estar um tanto afastada).
- S15- Tem grande influência pois cresci buscando diversas igrejas juntamente com familiares.
- S16- Minha família é muito aberta a práticas religiosas, mas fui criada inicialmente a partir de preceitos católicos.
- S17- Toda a minha casa segue e respeita.
- S18- Forte influência.
- S19- É muito importante. Fiz catequese por influência familiar e meu sonho até os 16 anos era ser freira.

- S20- Muito importante, pois a família é o bem mais precioso.
- S21- Pois é grande a influência. Meus pais são praticantes e não perdem uma missa. Eu não vou tanto, mas quando posso eu vou.
- S22- Eles me guiam para seguir a religião.
- S23- Evangélica IECLB
- S24- A necessária.
- S25- Boa.
- S26- Eles são católicos porém não praticam muito. Eles tem uma posição neutra.
- S27- Ela é muito importante pois eu sigo a religião da minha família. Fui criada e até hoje sigo a crença da minha igreja e sou de uma família muito cristã e participativa.
- S28- Minha família é católica e minha mãe é devota de Nossa Senhora e foi minha família que me encaminhou em relação a religião. Hoje tenho uma fé enorme em Nossa Senhora.
- S29- A religião para a nossa família é a base para tudo desde a educação a prática da vida pública de cada indivíduo membro da família.
- S30- Nenhuma. Cada um tem uma religião e respeita as demais.
- S31- Não. Nenhuma pois não somos praticantes na igreja onde fomos batizados.
- S32- Minha família passa muita influência religiosa, pois para nós, religião e fé é base para tudo.
- S33- Todos crêem em Deus, rezam, tem muitos reflexos da vida na crença.
- S34- Nenhuma.
- S35- Frequentar a igreja e rezar.
- S36- Ela é bastante presente.
- S37- Na minha família a religião não interfere em nada.
- S38- A influência é católica, mas não temos preconceito.
- S39- Minha família não me influencia. Respeitam minha opinião.
- S40- A influência é super tranquila. É algo que seguimos, mas não é nada de exagero.
- S41- Família é a base de tudo, sinônimo de amor, união, companheirismo e carinho que se relaciona com a religião e a fé.
- S42- A religião em minha família possui uma grande influência pois rezamos frequentemente, quando temos algum problema a nossa base é a crença.
- S43- Católico não praticamente, porém, a fé está presente.
- S44- Fundamental, pois desta tive minha orientação para o que sou hoje.
- S45- Normal pelo fato de que a mesma não toca tanto no assunto, respeitam, mas deixam livre para todos sujeitos.
- S46- Os mesmos me guiaram na escolha com a religião
- S47- Grande. Toda a minha família é evangélica e desde pequena tive essa influência.
- S48- Tem grande influência. Minha mãe é catequista e meu pai e ela frequentam a igreja todos os domingos.
- S49- Acreditamos em Deus e seguimos o que aprendemos, mas não vivemos em função direta com ela.
- S50- Orientação, segurança, me faz acreditar desde pequeno em Deus e continuo tendo fé Nele.

7. Qual o papel que sua religião ou crença tem para você?

- S1- O papel de apoio e orientação e força para seguir em frente.
- S2- Minha crença me ensina olhar para o próximo e amar a Deus.
- S3- Acho que os ensinamentos da minha religião não são satisfatórios por haver muitos segredos não revelados pela igreja católica.

- S4- É importante acreditar, enfim, viver o que a religião diz, influencia muito no modo de vida em sociedade. Crer de modo correto com retidão.
- S5- Importante, pois todos devemos acreditar em algo que está acima de nós.
- S6- Não possui nenhum papel significativo.
- S7- Papel positivo pois dá um bom alicerce no meu dia a dia, com o apoio de Deus.
- S8- Papel importante na minha conduta diária.
- S9- Uma base. Algo para crer. Alguém “imaginário” para conversar, para ajudar.
- S10- O papel que ela me faz sentir bem e me deixar com paz e tranquilidade e me faz ser uma pessoa diferente.
- S11- É muito importante em algumas escolhas em minha vida, apresenta um grande conforto, um refúgio.
- S12- É fundamental, um estilo de vida.
- S13- Papel importante porque me traz ensinamentos para a vida.
- S14- Primordial, pois ela me leva a ter mais consciência e proximidade com Deus.
- S15- Tem papel em grande parte de minha vida, mas principalmente no conceito de certo e errado.
- S16- Eu vivo com o Espírito Santo em mim e é como se eu tivesse um amigo sempre ao meu lado.
- S17- Total influência em tudo o que eu faço.
- S18- Importante.
- S19- É muito importante, nela que eu busco forças para seguir em frente.
- S20- Papel fundamental.
- S21- Acho que Deus é a base de tudo independente da religião ele é o nosso porto seguro.
- S22- Algo para acreditar, um Deus maior que me guia e faz conseguir objetivos.
- S23- Papel de guia espiritual.
- S24- Em branco.
- S25- Fundamental.
- S26- De não afirmar uma verdade absoluta.
- S27- Ela tem um papel muito importante pois sigo o que ela propôs e Deus é tudo e sem religião somos nada.
- S28- A religião dá um rumo na minha vida, ela é quem eu agradeço o que eu tenho e onde recorro quando me desespero.
- S29- Tenho como manual de vida e ações do cotidiano valendo-me dos preceitos que regem nossa doutrina.
- S30- Papel de fé, ensinado sempre o amor para com o próximo.
- S31- Que todos devemos respeitar os outros e o amor pelo próximo.
- S32- Acreditar, ter fé, vontade de viver.
- S33- De amor, afeto.
- S34- Nenhum.
- S35- Valores.
- S36- Ela é importante em vários momentos na minha vida, tanto em momentos felizes quanto tristes.
- S37- Minha fé é boa, acredito em Deus, mas não muda em nada a minha vida.
- S38- É muito importante pois, quando estou triste recorro à religião.
- S39- Me dá esperança, me mostra como acreditar mais em Deus.
- S40- Me mostra como acreditar cada vez mais em Deus, e me dando paz e muita fé.
- S41- Acreditar em Deus acima de qualquer coisa e seguir suas doutrinas.
- S42- O papel que ela tem é minha base de minha vida onde me baseio para todas as atividades.

S43- Muito importante, pois é da crença que podemos nos identificar e acreditar no Ser Superior.

S44- Fundamental, pois sigo dentro do possível nos dias de hoje a maior parte do que aprendi e aprendo na minha vida.

S45- Primordial. Uma base, deve-se pelo fato de que tanto as coisas boas quanto as ruins.

S46- Papel fundamental para a minha fé.

S47- Importante, pois para mim é necessário para o ser humano crer em algo e confiar sua fé para que assim possa ter sentido de existência e objetivos.

S48- Acredito muito, tenho muita fé, mas não sou aquele praticante.

S49- Minha religião me ensinou que devo melhorar a cada dia para ter essa melhor convivência com todos.

S50- Âncora para meu caminho na vida me traz conforto para as minhas aflições, atua quanto as escolhas de certo e errado.

8. Você conhece práticas/preceitos de outras religiões? Quais? O que sabe sobre elas?

S1 – Sim. Católicos e os demais pentecostais, pois seguem a mesma linha mudando apenas algumas regras.

S2- Conheço práticas espíritas e católicas. Os espíritas acreditam na reencarnação e na comunicação com os entes falecidos. Os católicos realizam batismos em bebês e missas, confissão e outras práticas.

S3- Não exatamente, mas todos se interferem em seus ensinamentos pois cada uma acredita ou tem fé nas suas “verdades”.

S4- Sim. Islâmica suas práticas, doutrinas e costumes.

S5- Não.

S6- Sim. Mórmons. Tem um padrão de vestimenta, não tomam café. Evangélicas não cortam o cabelo. Adventistas: o sábado é o dia sagrado.

S7- Ateísta, católico, espírita e pentecostal. Não tem crença em algum Deus, tem céu e inferno, acredita em Alan Kardec, proíbe as pessoas de algumas vestes e de usar televisão.

S8- Kardecista: vida guiada após a morte. Católica. Umbandistas. Espíritos.

S9- Testemunhas de Jeová não fazem transfusão de sangue pois acreditam que a vida está nele.

S10- Sim. Oferendas ao inimigo.

S11- Conheço as da Igreja Católica, pois já fiz parte dessa religião.

S12- Conheço pouca coisa, prefiro não opinar.

S13- Testemunhas de Jeová pois não pode doar sangue.

S14- Sim. Umbanda, Candomblé, Católica, Maçonaria, Espírita e diversas igrejas pentecostais evangélicas. Umbanda, Candomblé e espírita cultuam e respeitam espíritos. Das três a Umbanda é a mais ligth e o Candomblé mais pesado. Elas tem origem africana e indígena. Maçonaria é uma seita que, segundo alguns, cultua o demônio e é fechada apenas para homens.

S15- Sim. Da católica e seu hábito de adorar a imagem.

S16- Sim. Procuo pesquisar e ler sobre outras religiões tais como o Budismo. Cheguei a visitar um templo uma vez.

S17- Não sei nada profundamente.

S18- Não.

S19- Já fui em igrejas evangélicas e elas pedem muito dízimo e cultos espíritas onde eles fazem palestras.

- S20- Não.
- S21- Católicos comemoram o domingo um dia santo onde não se deve trabalhar.
- S22- Não.
- S23- Conheço alguns por cima, mas não aprofundado.
- S24- Algumas.
- S25- Não.
- S26- Sim. Várias igrejas protestantes que foram contra conceitos já estabelecidos, como o luteranismo.
- S27- Sim. Protestante evangélica, sei que elas são bem parecidas com a igreja católica, só alguns costumes diferentes.
- S28- Conheço muito pouco. Conheço evangélica como não beber, não cortar o cabelo.
- S29- Só conheço um pouco da Igreja Católica Apostólica Romana. Só sei que eles veneram MARIA mãe de Jesus e particularmente, acho muito bonito sua doação.
- S30- Conheço práticas e costumes, como por exemplo, dos pentecostais, homens e mulheres separados cada um em uma fileira, entre outras.
- S31- Conheço através de estudos realizados, costumes como é na igreja pentecostal que proíbe o uso e certas roupas e não pode assistir televisão e assim por diante.
- S32- Um conhecimento básico, não com muito entrosamento.
- S33- Não.
- S34- Não.
- S35- Em branco.
- S36- Não conheço muita coisa.
- S37 – Sim.
- S38- Sim.
- S39- Não.
- S40- Não.
- S41- Não sei.
- S42- Sim. Candomblé, Luterana, Assembleia de Deus, Testemunhas de Jeová. Que eles possuem crenças e práticas totalmente diferentes da maioria da religião católica, exceto da luterana que possui pequenas diferenças.
- S43- Não.
- S44- Apenas o que vimos em sala de aula.
- S45- Não.
- S46- Não.
- S47- Somente o que ouço falar ou que já pesquisei como costumes adventistas de guardar o sábado e outros.
- S48- Sim. Igreja católica, budismo, islamismo, entre outras.
- S49- Não.
- S50- Sim. Assembleia de Deus restrições sobre as vestimentas, a cerimônia é realizada por um pastor ao contrário da católica que é um padre.

9. Você tem algum tipo de restrição em relação a alguma religião ou prática religiosa? Poderia citar quais e por quê?

- S1 – Não.
- S2- Não tenho.
- S3- Não tenho restrição porque não tenho conhecimento de suas pregações. Prefiro não criticar o que não estudei.
- S4- Sim. Religião afro brasileira, espírito, pois tem algumas práticas e costumes que vão contra meus princípios éticos.
- S5- Tenho restrição a todas que usam a fé para ganhar dinheiro.

- S6- Tenho restrição com religiões machistas que menosprezam a mulher como o Islamismo e o Judaísmo.
- S7- Maçonaria: pois é muito machista, pois não deixa as mulheres entrarem e serem maçons.
- S8- Tenho às que matam ou maltratam espécies vivas em nome de sacrifícios.
- S9- Sim. A mesma citada na questão acima (Testemunhas de Jeová) pois como acadêmica de enfermagem sempre prezo pela vida do outro em situações, como por exemplo, de saúde.
- S10- Não.
- S11- As testemunhas de Jeová, o fato específico de aceitarem transfusão de sangue. Acredito que bebês e crianças não deveriam sofrer isso.
- S12- Não tenho restrições. Apenas não compartilhamos da mesma crença.
- S13- A Testemunha de Jeová em relação a doação de sangue, acho errado porque isso pode tirar vidas.
- S14- Tenho um pé atrás com o Candomblé, devido a fazerem sacrifícios de animais, para selarem trabalhos e por não conhecer bem a Maçonaria.
- S15- Sim. Adoração a imagem e sua santificação, pois acredito apenas em Deus e não algo feito pelo homem.
- S16- Tenho restrição em relação ao Islamismo em função da objetificação da mulher e atos que em meu pensamento são semelhantes a tortura.
- S17- Nenhuma, só não pratico.
- S18- Sim, Católica, pois adoram demais os santos.
- S19- Não tenho.
- S20- Sim. Umbanda. Não acho certo o que eles fazem.
- S21- Não.
- S22- Umbanda.
- S23- Igrejas que pregam que somente a delas é a certa.
- S24- Religiões que proíbem a doação de sangue e células tronco.
- S25- Não.
- S26- Não tenho nada contra nenhuma religião ou a quem pratica, mas não tenho pretensão de participar de nenhuma.
- S27- Não.
- S28- Não, pois somos livres nas nossas escolhas desde que não afete ninguém.
- S29- Não. Aceito cada um com seu cedo particular para podermos viver em paz. Na premissa de que Deus nos disse: “Amai-vos uns aos outros como vos amei.”
- S30- Nenhuma restrição.
- S31- Não possuo nenhuma restrição.
- S32- Sim, alguns pontos não concordo, acredito ser muito materialista.
- S33- Não.
- S34- Não concordo com religião que focam no lado financeiro.
- S35- Tem algumas que não mantêm sua higiene, não vejo isso como práticas a não serem seguidas só porque é de certa religião.
- S36- Não tenho nenhuma restrição em relação a alguma religião que eu conheço.
- S37- Não.
- S38- Não.
- S39- Não.
- S40- Não.
- S41- Não. Os indivíduos devem crer naquilo que te fará bem e te trará fé.
- S42- Não.
- S43- Não.

S44- Vejo muitas vendas de ilusões onde pessoas com pouca cultura são propensas a seguir. Não compactuo com isso.

S45- Um pouco em relação a igreja católica, acredito na existência de uma única força superior e não em santo.

S46- Não.

S47- Não possuo restrições, pois como cidadão de uma país livre de religiões tenho direito de ter minha crença e isso não me dá o direito de criticar ou ter preconceito sobre as religiões dos demais, pois todos são livres para crer e cultuar o que lhe achar por verdade.

S48- Não.

S49- Não.

S50- Não.

10. Responda a esta questão com o primeiro sentimento que lhe ocorrer. Não baseie sua escolha simplesmente no melhor ou pior indivíduo que você conheça, mas na sua visão do grupo como um todo. Múltipla escolha:

| Você aceitaria ter pessoas destes grupos como: | Ateus | Católicos | Protestante Reformada | Pentecostais | Espiritualistas |
|--|-------|-----------|-----------------------|--------------|-----------------|
| 1. Familiar (marido, esposa, filho (a), irmão, irmã) | N4 | | N | N | N2 |
| 2. Parente (genro, nora, padrasto, madrasta, enteado (a), cunhado (a)) | N3 | | | | N2 |
| 3. No meu grupo de amizades, ou como amigos de meus filhos | N3 | | N | N | N2 |
| 4. Como doadores de sangue ou de órgãos, caso você ou alguém da sua família venha a necessitar | N3 | N | N | N | N2 |
| 5. Como vizinhos, morando na mesma rua ou prédio | N3 | | | | N2 |
| 6. Como colegas ou parceiros de trabalho ou de estudo | N3 | | | | N3 |
| 7. Como empregados na minha casa, na minha empresa ou na minha propriedade | N4 | N | | | N3 |
| 8. Como cidadãos do meu país | N3 | | | | N3 |
| 9. Sinto-me incomodado com suas práticas ou regras de fé | S17 | S7 | S7 | S12 | S12 |
| 10. Evitaria manter contato | S11 | S4 | S5 | S7 | S6 |

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DA IES PARA COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
 VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
 CAMPUS I - Km 292 - BR 285, Bairro São José, Caixa Postal 611
 CEP 99001-970, Passo Fundo/RS
 Fone (54) 3316-8370; www.upf.br; e-mail: cep@upf.br

DECLARAÇÃO

Título do projeto:

Pesquisador (es):

Tipo de Pesquisa:


- () Iniciação científica Dissertação/Mestrado
 () TCC/Graduação () Tese/Doutorado
 () TCC/Especialização () Projeto Institucional

Declaro que a coleta de dados do projeto acima citado somente será iniciada e realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Passo Fundo, de acordo com o que estabelece o item XI.2, da Resolução 466/12, nos seguintes termos:

“Cabe ao pesquisador:

- a) apresentar o protocolo devidamente instruído ao CEP ou a CONEP, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa”

Passo Fundo, 15 de dezembro de 2017.


 Nome e assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

**ANEXO B – PLATAFORMA BRASIL – PARECER CONSUBSTANCIADO (CAAE)
Nº81641317.2.000.5342**

UNIVERSIDADE DE PASSO
FUNDO/ PRÓ-REITORIA DE
PESQUISA E PÓS-



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Intolerância Religiosa à luz da semiótica discursiva

Pesquisador: ELTON FISCHER

Área Temática: Genética Humana:

(Trata-se de pesquisa envolvendo Genética Humana que não necessita de análise ética por parte da CONEP.);

Versão: 3

CAAE: 81641317.2.0000.5342

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.572.559

Apresentação do Projeto:

A pesquisa "(In)Tolerância religiosa à luz da semiótica discursiva" busca investigar a intolerância e o preconceito religioso com os alunos ingressos na disciplina de Cultura Religiosa e Sociedade e Contemporaneidade no semestre 2018/1 do curso de Letras da Universidade Luterana do Brasil, ULBRA. Buscará aplicar um questionário com o objetivo de perceber se os alunos carregam algum tipo de intolerância ou preconceito de cunho religioso. Com base nas respostas será elaborado uma proposta didática para trabalhar na mesma disciplina o tema da intolerância religiosa. O tamanho da amostra será de 50 alunos.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar estratégias ou ações poderiam ser utilizadas nas aulas da disciplina de Cultura Religiosa e Sociedade e Contemporaneidade, com vistas a desmistificar visões preconceituosas relacionadas a algumas crenças/religiões e suas práticas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Os riscos são mínimos. Caso ocorra algum desconforto psicológico/emocional de durante a pesquisa, o (a) pesquisador (a) aceitará sua desistência e compromete-se em orientá-lo (a) e encaminhá-lo (a), em caso de solicitação ou necessidade, para atendimento junto aos profissionais

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo

Bairro: Divisão de Pesquisa / São José **CEP:** 99.052-900

UF: RS **Município:** PASSO FUNDO

Telefone: (54)3316-8157

E-mail: cep@upf.br

ANEXO C – CALENDÁRIO ACADÊMICO ULBRA 2018



UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL

CONSELHO UNIVERSITÁRIO

7. DIAS LETIVOS - 2018

1º SEMESTRE

| | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta | Sábado | TOTAL |
|-----------------------------------|------------------------------|------------------------------|--------------------------|----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|--------------------------|
| Fevereiro | 19 26 | 20 27 | 21 28 | 22 | 23 | 24 | 9 |
| Março | - 5 12 19 26 | - 6 13 20 27 | - 7 14 21 28 | 1 8 15 22 29 | 2 9 16 23 30 | 3 10 17 24 31 | 24 |
| Abril | 2 9 16 23 30 | 3 10 17 24 | 4 11 18 25 | 5 12 19 26 | 6 13 20 27 | 7 14 21 28 | 23 |
| Mai | - 7 14 21 28 | 1 8 15 22 29 | 2 9 16 23 30 | 3 10 17 24 31 | 4 11 18 25 | 5 12 19 26 | 25 |
| Junho | - 4 11 18 25 | - 5 12 19 26 | - 6 13 20 27 | - 7 14 21 28 | 1 8 15 22 29 | 2 9 16 23 30 | 25 |
| Julho | 2 9 | 3 10 | 4 11 | 5 12 | 6 13 | 7 14 | 6 AF (N letivos)** |
| Encontros Presenciais | 19+3 | 19+3 | 20+2 | 18+4 | 18+4 | 18+4 | 112 |
| Atividades Semipresenciais | 24/03 - 12/05 16/06 | 24/03 - 19/05 23/06 | 17/03 - 16/06 - | 10/03 03/04 12/05 23/06 | 10/03 04/04 12/05 09/06 | 15/03 05/04 18/05 22/06 | 20 |
| Total / Semestre | 22 | 22 | 22 | 22 | 22 | 22 | 132 Letivos |

Obs:

* Dia 09/06, sábado, deverão ser desenvolvidos dois turnos para compensar o feriado ponte do dia 02/06.

** Obs: A semana de 09 a 14/07 corresponde ao período de AF (Avaliação Final) do Novo Sistema de Avaliação para os cursos de Graduação das Áreas: Agricultura e Veterinária, Saúde e Bem-estar Social, prevista na Resolução ConsUn nº 50/ 2016 e implementada conforme cronograma de Reestruturação Curricular. (Com exceção dos cursos EAD que iniciarão em 2018/2).

Feriados e pontes:

| | Segunda | Terça | Quarta | Quinta | Sexta | Sábado |
|------------------|----------|------------------|-----------|-------------------|----------------|----------------|
| Fevereiro | 12-ponte | 13-Carnaval | 14-Cinzas | | | |
| Março | | | | 29 3ª f. Santa | 30 6ª f. Santa | 31 Sáb aleluia |
| Abril | 30 Ponte | | | | | 21 Tiradentes |
| Mai | | 01 D.Trabalhador | | 31 Corpus Christi | | |
| Junho | | | | | 01 Ponte | 02 Ponte |